Pres. David O. McKay

Hugh B. Brown

N. Eldon Tanner

Joseph F. Smith

Harold B. Lee

Número Especial contendo fotografias em côres dos membros da Primeira Presidencia e do Conselho dos Doze com Esboços Biográficos.

Thomas S. Monson

Spencer W. Kimball

Ezra Taft Benson

Mark E. Petersen

Delbert L. Stapley

Marion G. Romney

LeGrand Richards

Richard L. Evans

Howard W. Hunter

Carlos E. Kimball

A LIAHONA

Junho 1967

Thomas S. Monson

Pleno Desempenho

por Richard L. Evans

A parábola dos talentos continua em vigência, e mais que uma parábola, é uma verdade atuante que tende a moldar e pessoa no tamanho e na capacidade que ela estabelece para sí mesma, por sua disposição ou falta dela em valer-se dos dons e oportunidades que Deus tem dado. Há os que se acomodam, se encolhem, que se recusam a obrar tão bem quanto o poderiam, a fazer tão bem quanto poderiam, a produzir tão bem quanto poderiam, a realizar tão bem quanto poderiam. Êste é um processo de auto--derrota que frequentemente está em evidência. Mas há um outro aspecto dêste assunto no qual alguns são retidos por atos, atitudes ou decisões que não são as suas, como por exemplo, no processo de aprendizado, quando alguém decide que todos os estudantes devem mover-se no mesmo passo. Não é fácil mudar o modêlo ou o passo para acompanhar cada uma das aptidões individuais. Mas se nos conformamos em dizer que, uma vez que não podemos acelerar os mais lentos, precisamos diminuir a marcha dos mais rápidos, o desperdicio e a frustração resultantes não podem ser calculados. Todos têm os seus dons, suas fôrças, suas fraquezas, suas várias habilidades e suas diferentes capacidades, e o progresso lhes advém com a liberdade de moverem-se avante, não de seu refreamento numa tentativa de tudo igualar. Alguns se retardariam pensando; alguns se retardariam trabalhando; alguns pareceriam querer retardar qualquer processo de desenvolvimento. Mas se não fôsse permitido às pessoas usar seus podêres de livre progresso, a vida seria empobrecida. Todo homem deveria dar sua medida plena, e assim receber, e não relutantemente reter para sí mesmo ou retardar o seu pensamento, suas habilidades, seus plenos poderes de realização. Todo homem deveria tornar-se o melhor que pudesse, fazer o melhor que conseguisse, e fazer o que tem capacidade de fazer. Tôda criança, todo estudante deveria ter permissão para avançar livremente, construtivamente, no melhor da sua habilidade. E aquêle que tem má vontade no aprendizado, no ensino, em prestar serviços, em agir, na sua disposição, tal como o servo inútil, perde muito do que poderia ter conseguido. Deus nos ajude a continuar com a liberdade, com os dons, talentos e oportunidades que nos deu, e não sermos menos do que o melhor que pudermos.

Explorando o Universo

A GRANDE MURALHA DO PERU

Adaptação de um artigo de William J. Farnsworth.

A Grande Muralha do Peru, à semelhança da Grande Muralha da China, deve ter sido erigida com o fim de repelir invasões. Descoberta em 1932 por avião, consiste em uma cadeia de fortes ligados por uma muralha de aproximadamente cinco metros de altura por cinco de largura, extendendo-se da embocadura do Rio Santa rumo a leste do Oceano Pacífico, por quase 650 quilômetros. Diz a Tradição: "Os pré-Incas a construíram com o fim de manter os Incas ao Sul dela, mas os Incas a rodearam e exterminaram os pré-Incas."

No México há uma tradição

Azteca muito antiga que diz: "Os primeiros habitantes do México foram de raça branca." A tradição segue dizendo: "esta raça branca foi conquistada por uma raça de pele escura, que a expulsou do país." (**The Lost Continent,** Churchward, p. 272.) "É quase certo que tenha sido construída para deter os guerreiros Incas que então assolavam o país.

"O povo que laboriosamente construiu estas elaboradas fortificações havia sido completamente exterminado muito antes da chegada dos espanhóis ao Peru." (Nacional Geographic, jan. 1933, p. 80-87)

É interessante comparar isto a

(*Continua na pág* 36)

A LIAHONA

Órgão Oficial da Igreja.
Junho de 1967.
Volume XXI
Número 6

ARTIGOS:

2 **Pleno Desempenho.** Richard L. Evans
5 **O Milagre da Personalidade.** Sterling W. Sill
7 **Guarde os Convênios.** N. Eldon Tanner
9 **Petra, Baluarte do Deserto.** Doyle L. Green
12 **A Partir de Cumorah — XIII.** Hugh Nibley
14 **O Tabaco e o Espírito do Homem.** W. Dean Belnap
19 **A Primeira Presidência e o Conselho dos Doze**
27 **Eu e as "Perguntas de Ouro".** Ara Belliston Richards
30 **O Franguinho Desengonçado.** Florence Wightman Rowland
31 **Então é Disso que são Feitos os Rapazes. — X.** W. Cleon Skousen
44 **As Leis de Deus são Vitais**

SEÇÕES:

3 **A Grande Muralha do Perú.** Explorando o Universo
4 **Ensine a Fé.** Mensagem de Inspiração
17 **Mais Desejável que o Ouro.** Sociedade de Socorro
23 **Tornará o Homem a Viver?** Genealogia
25 **Celeiro de Líderes.** AMM
35 **Quem me Amará?** Ensino
37 **A Verdade, o que é?** Escola Dominical Sênior
38 **Talvez não seja em Alto Mar.** Escola Dominical Júnior
39 **Programa Noite Familiar**
42 **Notícias**
43 **A Última Palavra**

CAPA: A Primeira Presidência e o Conselho dos Doze Apóstolos é o tema dêste número especial.

A Liahona. R. Afonso Braz, 464, 3.º, Cj. 31, Fone 61-2344 — São Paulo. Editor: Hélio da Rocha Camargo; Redator: Francisco Máximo C. da Silva. **A Liahona**, orgão oficial da estaca e missões brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias, editada pelo Centro Editorial Brasileiro, é tradução do UnifiedMagazine e se acha registrada sob o número 93 do Livro B.n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira. Ind. Gráf. S. A., R. Ana Neri, 466 São Paulo.
Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo; Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215, fone 80-4638, CP 862 São Paulo SP; Missão Brasileira do Sul, R. Gen. Carneiro, 490, fone 4-8016, CP 778, Curitiba PR; Missão de Construção R. Itapeva, 378 fone 33-6761 São Paulo SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação.
Preços: Assinatura anual para o Brasil; NCr$ 3,00, para o exterior simples US$ 3.00, aérea US$ 7.00. Exemplar NCr$ 0,30, atrazado NCr$ 0,60. As mudanças de enderêço dévem ser feitas com trinta dias de antecedência, devendo indicar o antigo e o nôvo enderêço.

Ensine a Fé

Presidente David O. McKay

Somos uma igreja de mestres: pais ensinando os membros de sua família no lar; mestres designados para instruir o sacerdócio, a Associação de Melhoramentos Mútuos, Escola Dominical, Primária e Sociedade de Socorro; vizinhos visitando-se uns aos outros no programa de mestres familiares; e missionários pregando o glorioso evangelho restaurado de Jesus Cristo.

Apenas poucos indivíduos determinam na vida o caminho a seguir. A grande maioria segue, como o povo da antiga Israel seguia. Se o mestre ou líder fôr falso, seus seguidores trilharão um falso caminho. Se a liderança fôr verdadeira, os liderados serão conduzidos pelas trilhas da retidão. Assim, sôbre o mestre repousa grande parte da responsabilidade de conduzir a sociedade a um nível elevado.

Mestre: É sua a responsabilidade de ensinar não apenas por preceito, mas também por exemplo.

Em uma das grandes revelações encontradas em Doutrina e Convênios (o Profeta Joseph Smith designou-a como "a Fôlha da Oliveira"), encontramos as seguintes palavras:

"E como nem todos têm fé, buscai dilingentemente e ensinai-vos uns aos outros palavras de sabedoria; sim, nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, sim, pelo estudo e também pela fé.

"Organizai-vos; preparai tôdas as coisas necessárias; e estabelecei uma casa, sim, uma casa de oração, de jejum, de fé, de ensino, de glória, de ordem, uma casa de Deus.

"Para que as vossas entradas sejam em nome do Senhor que as vossas saídas sejam em nome do Senhor; e tôdas as vossas saudações sejam em nome do Senhor, com mãos elevadas ao Altíssimo." (D & C 88: 118-120.)

A fé é o primeiro princípio do evangelho e deve ser sempre ensinada acima de tôdas as coisas. Que precisamos ensinar a seu respeito? Antes de mais nada, ensinar fé implícita em Jesus Cristo como a luz do mundo e um sincero desejo de servir a Deus. Esta condição da alma merecerá a companhia e orientação do Espírito Santo.

Cada mestre deve possuir um amor não fingido por aquêles a quem ensina, guiado pela determinação de tratar com justiça e imparcialidade cada elemento do grupo. Honre-os e êles o honrarão.

É necessário um preparo cuidadoso para que o professor obtenha sucesso. Necessita estudar tanto o aluno quanto a lição.

Os mestres do evangelho devem demonstrar entusiasmo, não um entusiasmo forçado, mas a alegria natural que brota expontâneamente de uma alma cheia de esperança.

Cada mestre tem a responsabilidade de ser exemplo digno, de forma que possa dizer, como o grande Mestre: "... deveis fazer como vos tenho feito a vós." (João 13:15.)

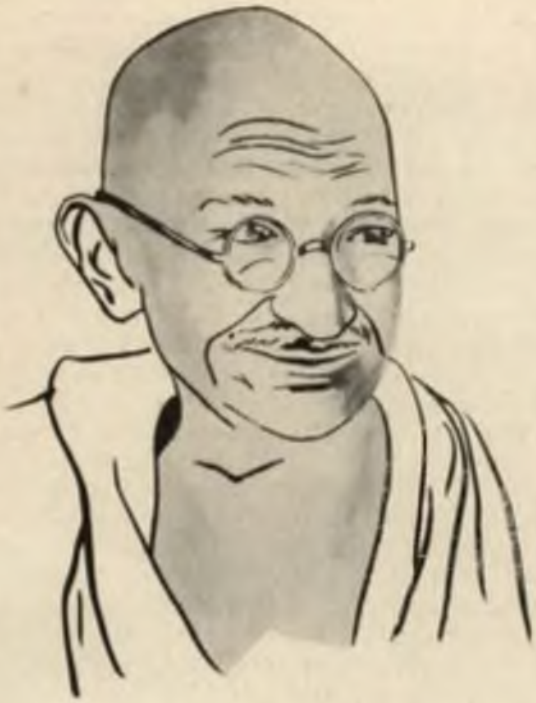
Ensinem aquilo que sentem. Ensinem pelo exemplo e "assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus." (Mat. 5:16.) O sol é para nosso sistema solar o que o coração é para o corpo físico; assim deveria ser Cristo para nossa vida intelectual e espiritual.

A fim de se obter a verdadeira felicidade e sucesso na vida, dever-se-ia seguir a admoestação do Salvador: "... buscai primeiro o reino de Deus, e sua justiça, e tôdas essas coisas vos serão acrescentadas." (Mat. 6:33.)

Um bom mestre, portanto, está ciente de que seus objetivos mais importantes no ensino são, primeiro, inspirar o aluno a amar o evangelho e seu estudo e, segundo, ensinar-lhe como estudá-lo.

A fé que possuo dá-me a certeza de que Deus é verdadeiramente meu Pai e que portanto herdei sua imortalidade.

No que se refere à vida pré-mortal do homem, regosijo-me de que êle estivesse "no princípio com o Pai". Minha fé é uma inspiração constante para que eu busque sempre a verdade e aquilo que é "virtuoso, amável, de boa fama ou louvável". Possamos todos nós, assim mestres como alunos, possuir tal fé para guiar-nos e sustentar-nos sempre.



O Milagre da Personalidade

Elder Sterling W. Sill.
Assistente do Conselho dos Doze

Alguns anos atrás, Louis Fischer escreveu um grande livro a respeito de um grande homem. Era sôbre a vida e obra de Mohandas K. Gandhi, o patriota hindú que foi instrumento importante na conquista da libertação de seu país da Inglaterra. Gandhi andava semi-nu; morava numa casa de taipa, sem luz elétrica, água encanada ou telefone. Não possuía automóvel; nunca procurou nem ocupou cargo público. Não tinha posição política, distinção acadêmica, conquista científica ou dote artístico. Não comandava exércitos, nem côrpo diplomático e não possuia propriedades. No entanto, homens de grandes potências, escudados por tropas poderosas, rendiam-lhe homenagem.

Os líderes do govêrno Britânico logo descobriram que a Inglaterra não podia atirar a Índia contra Gandhi e que não poderia governar a Índia sem Gandhi. Pela pura influência de sua pessoa semi-nua, Gandhi elêvou-se à inquestionável liderança de quinhentos milhões de habitantes e representou a Índia tão bem quanto seria possível a qualquer pessoa ou coisa fazê-lo. Tornou-se o maior poder em seu país e provàvelmente no mundo. Por acôrdo unânime, os seguidores de Gandhi o cognominaram "Mahatma", significando grande alma. E nenhum título poderia descrevê-lo de maneira mais apropriada. Conquanto Gandhi vivesse entre os intocáveis, foi uma influência poderosa nos negócios de duas grandes nações. E Louis Fischer denomina a êste fenômeno, pelo qual um ser humano comum, de talentos modestos e origem humilde, consegue elevar-se às alturas do poderio e das grandes realizações, de "O Milagre da Personalidade".

Mesmo em nossos dias de milagres e maravilhas, "O Milagre da Personalidade" ainda é o mais produtivo de todos. E o que o torna assim importante é que cada indivíduo pode realizá-lo para si mesmo, de acôrdo com suas próprias especificações. Personalidade é um têrmo simples empregado para descrever um grande conjunto de traços individuais de uma dada pessoa. Mas não existem duas pessoas iguais. A personalidade é o seu dote mais singular, já que é o que a distingue das outras pessoas. Ela compreende as características originais inatas da pessoa e o que quer que possa ser acrescentado posteriormente pela educação ou pela vida. A pessoa é o que é em seu âmago. E a personalidade apóia e dá significado às demais coisas da vida. Por detrás do corpo, da mente e da conduta está uma realidade invisível, de natureza espiritual, chamada pessoa. Não importa de que ângulo você a analise, a personalidade é o fato mais extraordinário do universo. Todos os poderes da memória, da reflexão, da inteligência, da ambição, do propósito, do entusiasmo e do amor estão colocados sob o comando da personalidade. Sob a sua influência e domínio podemos desenvolver gôsto pela beleza, amor à verdade e a ambição de realizar. Pode mesmo antecipar a possibilidade de realizações ilimitadas.

A riqueza não pode criar a personalidade, mas a personalidade pode criar riqueza. Assim sendo, ela é maior que a riqueza. Não pode ser comprada. Não pode ser herdada. Não tem descendência linear, nem direito de sucessão. Não pode ser delegada ou tomada por empréstimo. Nenhum crédito de personalidade é transferível. Ela pode apenas ser desenvolvida pessoalmente e individualmente utilizada. O valor dos seus poderes individuais tanto para o bem como para o mal está demonstrado nessa soberana atividade denominada vida humana.

Centenas de anos antes do nascimento de Cristo, os atores gregos usavam máscaras. Esta prática habilitava os espectadores a identificarem de imediato o herói, o vilão e qualquer outro elemento da peça. O tipo de máscara que cada um usava garantia que nenhum assistente seria mantido em espectativa para descobrir o caráter do personagem e que ninguém se enganaria a respeito de sua personalidade. Posteriormente, os romanos denominaram a essas máscaras "personae". Mesmo agora, quando anunciamos os personagens de uma peça, imprimimos as palavras "Dramatis Personae" no programa. Mas cada indivíduo que toma parte na representação da vida é obrigado a criar a máscara que êle próprio irá usar. E à semelhança do personagem principal de muitas peças, a vida de Gandhi começou com embaraços. Êle foi oprimido por algumas deficiências bem sérias. Tinha

mêdo do escuro; das pessoas; temia a si mesmo e considerava-se covarde. Para completar, tinha alguns complexos de inferioridade bastante perniciosos. Possuia um temperamento incontrolável e problemas sexuais bastante sérios. Compreendendo as desvantagens que êsses traços representavam para êle, deliberadamente principiou a remodelar-se e algum tempo antes de sua morte, aos 78 anos, descreveu-se como um homem "auto-remodelado". Para quem procura uma boa frase com surpreendentes possibilidades, eis aí uma das melhores. Na vida de Gandhi, uma das grandes ambições foi libertar sua pátria. Mas achava que antes que pudesse libertar a Índia dos inglêses precisava libertar-se das fraquezas que o debilitavam.

Tomou a decisão de obter perfeito contrôle sôbre si mesmo, já que mais do que tudo desejava ser instrumento eficiente de negociação para o bem-estar de sua terra. O sucesso que alcançou é conhecido de todos. Na opinião de Fischer, nunca, depois de Sócrates, o mundo viu alguém como Ghandi no que diz respeito a auto-análise efetiva, com absoluto auto-contrôle e compostura. Alguns acreditavam ser êle a pessoa mais semelhante a Cristo no mundo e, no entanto, não era cristão.

Gandhi cria em ser, não meramente em ter ou aparentar. Acreditava que a contradição entre crença e ato é a raiz dos inumeráveis males da nossa civilização, além de constituir-se na maior fraqueza das igrejas, estados, partidos e pessoas. Achava que crer em alguma coisa e não praticá-la era desonestidade e que criava nos homens e instituições uma personalidade dividida. Era sua opinião que a personalidade de todo o homem bem sucedido devia ser adequadamente integrada, equilibrada e elevadamente motivada. Gandhi nunca desperdiçava seu tempo, nunca vacilava, nem tropeçava em direção ao sucesso. Dedicava-se a longos jejuns para disciplinar-se. Arrazoava que, se não pudesse controlar sua paixão pelo alimento, muito menos dominaria situações mais difíceis na vida. "Como poderei controlar a outros, se não puder dominar a mim mesmo", disse êle. Para Gandhi, crer era agir. Não acreditava em dissimulação. Salvar as aparências era para êle um conceito ininteligível. Quando concluía que algo era bom, sempre seguia em frente e traduzia todo pensamento útil em atividade. Gandhi compreendeu bem cedo em sua vida que integridade e virilidade estão entre os instrumentos mais importantes de poder, tanto nacional como individual. Isto lhe dava grande vantagem pessoal no trato com outros. Disse certa vez: "Não posso conceber perda maior para um homem que a do seu respeito próprio."

Mesmo quando combatia a Inglaterra pela independência da Índia, Gandhi manteve o respeito e a confiança constante dos lideres britânicos.

Seus lemas eram "Harmonia na Adversidade" e "Amor a Despeito das Diferenças". Houve uma ocasião, durante os anos amargos da Segunda Guerra Mundial, em que a sorte da Inglaterra pesava na balança, o país não podia desperdiçar um só soldado que fôsse para manter a posse da Índia. Muitos líderes hindus proeminentes eram a favor de sacudir-se o opressivo jugo britânico enquanto a Inglaterra estava desamparada, mas Gandhi disse que não. "Nós não roubaremos nem mesmo nossa independência," declarou êle. Teria dado a vida a qualquer momento em troca da liberdade de sua terra. Mas nem mesmo a liberdade queria, se não pudesse ser obtida honrosamente. Êle acreditava que a razão, a honestidade e a compreensão eram superiores à fôrça como instrumentos de negociação nacional. Praticou sempre êsses princípios fundamentais de direito, apesar de ter o poder de fazer como bem lhe aprouvesse. Nosso maior cumprimento a êle talvez seja dizer que êsse homem grande e inspirador foi verdadeiramente uma "pessoa real".

Em contraste, existem homens hoje que não hesitariam um instante sequer em escravizar todo o mundo, se lhes fôsse possível. Mas a maior parte do tremendo poder pessoal de Gandhi permaneceu sempre sem ser usado. Êle disse: "Não se aprende disciplina por compulsão". Jamais retaliava. Sua razão lhe dizia que se a política "ôlho por ôlho" fôsse levada a suas últimas consequências, terminaria por tornar a todos cegos. Gandhi não tentava agir com esperteza. Uma vez êle declarou: "Nunca recorri à astúcia em tôda a minha vida." Sua mente e emoções estavam quase tão completamente expostos ao público quanto seu corpo semi-nu. A mãe lhe ensinara que comer carne era errado, já que requeria a destruição de outra vida e, assim, quando jovem, êle lhe prometeu que permaneceria estritamente vegetariano. Muito tempo depois de ela haver morrido, Gandhi ficou sèriamente enfêrmo, não se esperando mesmo que sobrevivesse. Seus médicos tentaram convencê-lo de que tomar um pouco de caldo de carne poderia salvar-lhe a vida, mas Gandhi declarou: "Mesmo pela própria vida não se deve fazer certas coisas. Há sòmente uma escolha para mim: morrer, mas nunca quebrar a promessa." Imagine apenas o que isto significaria para o mundo, se todos os atuais líderes das nações possuíssem aquêle tipo de integridade. Então poder-se-ia confiar totalmente na palavra de cada um. A confiança, a competência e o respeito mútuo seriam a fonte de tôda a relação humana e nacional. Era nesses setores de grandeza pessoal que Gandhi se distinguia. Todos reconheciam que era absolutamente honesto, que se podia confiar nêle, que seus motivos eram justos. Quando dizia algo, tinha-se certeza de que era exatamente aquilo o que tinha em mente. Milhões de pessoas nêle confiavam, milhões o obedeciam, contava-se em multidões seus seguidores. Mas, curiosamente, poucos jamais tentaram praticar o que êle fazia. A grandeza de Gandhi estava em fazer o que qualquer um pode fazer, mas não faz.

Veio então aquêle dia fatídico, 30 de julho de 1948, às 5:05 da tarde. Gandhi precipitava-se para o campo de oração da cidade. Na fila fronteira dos adoradores congregados sentava-se um certo Nathuran Godse, apertando uma pistola no bôlso. Quando os dois homens quase se tocavam, Godse atirou, atingindo três vêzes o corpo do Mahatma. Em seu julgamento, o assassino declarou que não guardava ressentimentos contra Gandhi. "Antes de atirar, em verdade desejei-lhe bem-estar e curvei-me ante êle em reverência," declarou. Em resposta à saudação de Godse, Gandhi juntou as mãos, sorriu e o abençoou. Naquele momento o homem acionou o gatilho e a vida mortal de Gandhi chegou ao fim. Mas, mesmo na morte, êsse homenzinho moreno estava empenhado no ato de abençoar as pessoas e fazer-lhes bem. Pouco minutos

(*Continua na pág.* 24)

Guarde os Convênios

Presidente *N. E. Tanner.*
da Primeira Presidência

Discurso proferido na Conferência Geral de Outubro de 1966
Sessão do Sacerdócio

Sinto-me sempre extremamente humilde ao postar-me diante de um grupo de homens portadores do sacerdócio. O sacerdócio de Deus é o poder pelo qual tôdas as coisas são feitas no universo, mas o sacerdócio que vocês possuem é o poder de Deus delegado ao homem para agir em seu nome, no ofício para o qual cada um foi chamado.

Pensem no que isto significa, na autoridade que nos é dada, pois o Senhor disse a seus élderes que êles podem batizar pessoas e elas ficam batizadas: ficam tão batizadas quanto se o próprio Presidente da Igreja as tivesse batizado, ou qualquer dos Doze. E quando são confirmadas, tem o mesmo efeito que teria se o próprio Senhor as tivesse confirmado. E quando são ordenadas diáconos, mestres, sacerdotes, élderes, é com o mesmo efeito. Essa autoridade nos é dada e traz consigo uma grande responsabilidade.

Cumprimento das promessas

Hoje eu gostaria de circunscrever minhas palavras ao tópico: a importância de cumprir compromissos. Existem muitos tipos de compromissos. Talvez alguns de vocês achem que certas coisas que relacionarei aqui não são compromissos. Digo que comparecer a um encontro é cumprir uma promessa. Talvez você não considere isto muito sério, mas comparecer a um encontro é importante e representa um bom princípio para se aprender a cumprir os compromissos. Eu detestaria perder meu encontro quando deixar esta breve existência e acabar em algum lugar para o qual espero não me estar preparando, só por estar atrasado — Pagar uma conta ou uma duplicata é um compromisso muito importante; manter a palavra em qualquer coisa que se diga ou concorde em fazer é também um compromisso. Quando uma pessoa se une à Igreja, compromete-se a certas coisas ao entrar nas águas do batismo. Ao aceitar o sacerdócio fazemos um convênio bem definido com o Senhor. Quando partilhamos do Sacramento, renovamos êsses convênios. Observe-se que emprego as palavras convênios, promessas e compromissos de modo intercambiável.

Ao partilharmos do sacramento renovamos êstes convênios. Ao aceitarmos um cargo na Igreja, concordamos em fazer certas coisas. Tomamos sôbre nós mesmos certos convênios, firmamos certos compromissos. Aquêles que estiveram nos templos conhecem a natureza dos convênios que fizeram e as obrigações que tomam sôbre si.

No trabalho de mestres familiares, ou qualquer designação que nos é dada, se aceitamos a incumbência, estamos certamente fazendo convênio com o Senhor e com a pessoa que nos está dando a designação de que cumpriremos aquêle dever.

Honrar os convênios

Pode-se dar maior destaque a um convênio, ou um requisito, ou um dos mandamentos para o guardar, mas fizemos o convênio de obedecer a todos êles quando entramos para a Igreja e aceitamos e fomos ordenados ao sacerdócio.

O Profeta falou claramente na sexta-feira pela manhã, dizendo quais são nossas responsabilidades.

Um membro me disse, depois da palestra: "Existem pessoas que acreditam em seguir o profeta em tudo o que crêem ser correto, mas quando há algo que julgam não estar certo, ou não os atrai, então é diferente." Depois acrescentou: "Aí tornam-se seus próprios profetas. Decidem o que o Senhor deseja e o que o Senhor não deseja."

Meditei em quão verdadeiro isto é e que problemático se torna quando começamos a escolher quais os convênios, quais os mandamentos que queremos guardar e seguir. Quando decidimos que não vamos seguir ou cumprir alguns dêles, estamos tomando a Lei do Senhor em nossas próprias mãos e tornando-nos nossos próprios profetas e, creiam-me, dessa forma nós nos transviaremos, porque somos falsos profetas para nós mesmos quando não seguimos o Profeta de Deus. Não, não devemos nunca discriminar entre os mandamentos, decidindo quais seguir e quais não seguir.

Apenas alguns dias atrás, um homem me disse — êle é membro da Igreja e julga ser um membro muito bom, nisto não o estou pondo em dúvida — mas êle disse "O senhor sabe, esta Igreja exige demais de seu povo. Não existe outra igreja no mundo que requeira ou exija tanto de seu povo como a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a Igreja Mórmon.

Eu disse: "Irmão, a Igreja não exije nada de você. Ela lhe oferece grandes oportunidades e muitos privilégios que não são dados a nenhum indivíduo em nenhuma outra parte do mundo senão na Igreja de

Jesus Cristo. E o sacerdócio oferece oportunidades, privilégios e bênçãos que uma pessoa só pode usufruir na medida em que aceita as leis e cumpre os mandamentos sôbre os quais êsses privilégios e bênçãos são baseados. Você pode escolher o que deseja fazer nesta Igreja e será abençoado de forma correspondente. Fica inteiramente a seu critério." Mas acrescentei: "No que me tange, irmão, eu prefiriria caminhar descalço daqui até o reino celestial, de volta à presença do Pai, a permitir que as coisas dêste mundo me mantivessem fora."

E digo isto sèriamente. Êsses privilégios que nos são oferecidos, membros do sacerdócio, simplesmente não podem ser avaliados. Se guardarmos êsses mandamentos seremos abençoados. Ao irmos ao templo, fazemos os convênios que já mencionei. E eu gostaria de advertí-los, homens portadores do sacerdócio, a atentarem apenas para estas três palavras: guardem os convênios. Portanto, qualquer dos que aqui estão esta noite, qualquer um que possua o sacerdócio, seguramente recordar-se-á destas três palavras: guarde os convênios.

O convênio do sacerdócio

Gostaria de ler agora um convênio que já li antes em reuniões do sacerdócio; para mim é do mais alto significado, o convênio que fazemos quando aceitamos a ordenação. Está na seção 84 de Doutrina e Convênios:

"Pois aquêles que forem fiéis até a obtenção dêstes dois sacerdócios dos quais falei, e magnificam os seus chamados, serão santificados pelo Espírito para a renovação de seus corpos.

"Êles se tornam os filhos de Moisés e de Aarão, e a semente de Abraão, e a igreja e o reino, e os eleitos de Deus.

"E também todos os que recebem êste sacerdócio, a mim me recebem, diz o Senhor;

"Pois aquêle que recebe os meus servos a mim me recebe.

"E aquêle que me recebe a mim, recebe o meu Pai.

"E aquêle que recebe o meu Pai, recebe o reino de meu Pai; portanto, tudo o que meu Pai possui ser-lhe-á dado.

"E isto e de acôrdo com o juramento e convênio que pertence ao sacerdócio.

"Portanto, todos que recebem êste sacerdócio recebem êste juramento e convênio do meu Pai, que Êle não pode quebrar, nem pode ser removido.

"Mas aquêle que quebra êste convênio de o ter recebido e inteiramente se desvia dêle, . . ." é deixado à sua própria sorte. (D. & C. 84_{0}33-41.)

Note que o Senhor diz, e não estou citando palavra por palavra: "Eu não posso quebrar êste convênio, mas se vós o quebrardes, não há promessa." Não é algo para se meditar, quando o Senhor diz que não pode quebrar um convênio que faz com o seu povo? Êsse convênio permanece por tanto tempo quanto o guardarmos, mas quando quebramos o convênio, não há convênio no que tange ao Senhor.

Honrar convênios traz bênçãos

Referindo-me aos convênios no templo, eu gostaria de dizer-lhes novamente que recordassem estas três palavras: guarde os convênios. E sinto-me seguro em afirmar-lhes que se vocês e suas famílias guardarem êsses convênios, serão felizes e terão sucesso; vocês serão respeitados, terão boas famílias e poderão levá-las de volta à presença de nosso Pai Celestial. Tudo o que precisam fazer é recordar três palavras: guardem os convênios, as obrigações que aceitaram, os compromissos assumidos. Um rapaz falou comigo há não muito tempo, dizendo: "Fiz com um homem um acôrdo que requer de mim certos pagamentos anualmente. Estou em dificuldades e não posso cumprir o prometido, pois isto acarretaria a perda de minha casa. Que devo fazer?"

Fitei-o e disse: "Mantenha o acôrdo."

"Mesmo que me custe minha própria casa?"

"Não estou falando de sua casa", disse eu. "Falo de seu acôrdo; e acho que sua espôsa prefiriria ter um marido que cumpre a palavra dada, os compromissos, promessas e convênios, mesmo tendo que viver em casa alugada que possuir no lar um marido que não tem palavra."

Não sei se todos aqui concordam comigo: na verdade, duvido. Existem pessoas demais hoje em dia que preferem o caminho mais fácil de não pagar as dívidas e tomar tôdas as precauções possíveis para permanecer em liberdade. É importante, irmãos, que guardemos nossos convênios e acôrdos e mantenhamos um bom nome. O bom nome vale mais para um homem que qualquer posse material que êle possa conseguir.

Guarde todos os convênios e promessas

E se é importante que guardemos nossos convênios com o próximo, um homem com o qual fizemos um contrato, quanto mais importante não será guardar os convênios que fazemos com nosso Pai Celestial, quando somos portadores do sacerdócio e aceitamos uma função na Igreja.

Irmãos, é um prazer estar com vocês, reunido com os homens do sacerdócio; Sinto-me extremamente humilde em sua presença, particularmente quando compreendo que o corpo do sacerdócio na Igreja de Jesus Cristo é o único que possui o poder de Deus para agir em seu nome, no ofício para o qual foram chamados, e quando medito na responsabilidade que sôbre nós foi colocada de levar esta mensagem ao mundo. Os dois oradores desta noite, irmãos Bernard P. Brockbank e Arch L. Madsen, nos relataram como nos estamos esforçando para fazer com que todos ouçam o evangelho. Nossas vidas, irmãos, auxiliarão a determinar como será recebida essa mensagem.

Um homem disse-me que estava quase para aceitar o evangelho quando conheceu uma certa família de santos dos últimos dias. Então êle disse: "Se aquela é a forma pela qual seu povo vive, não quero ter parte nêle."

Desejo prestar-lhes meu testemunho de que sei que o evangelho de Jesus Cristo está em nosso meio; êle foi restaurado. O sacerdócio também foi restaurado e é extremamente importante que o honremos. Somos guiados por um profeta, que foi chamado e recebeu a autoridade e responsabilidade de dirigir nossa obra aqui. Que todos possamos seguí-lo e guardar os mandamentos do Senhor. Que seja de nossa escolha guardar todos os mandamentos, não apenas aquêles que nós mesmos escolhemos. Que possamos aceitar o Profeta e não ser para nós próprios nosso falso profeta, eu oro em nome de Jesus Cristo, Amém.

São poucos os turistas que anualmente têm vindo ao vale de Petra, o qual é completamente cercado por impenetráveis montanhas.

PETRA

Baluarte do Deserto

Doyle L. Green.

Escondidas nas montanhas desérticas das fronteiras sudoeste do reino Haquemita da Jordania, na terra antigamente conhecida como Edom, estão as ruínas de uma cidade sem similar em qualquer parte do mundo. É a lendária Petra, descrita pelo poeta como "uma cidade rosa-avermelhada, quase tão antiga quanto o tempo."

Situada na parte setentrional do grande deserto Arábico, a meio caminho entre a extremidade sul do Mar Morto e o Gôlfo de Aqaba, as ruínas dessa fabulosa cidade, atualmente de acesso relativamente fácil ao viajante, estão sendo visitadas por um número crescente de pessoas, a cada ano. Entretanto, Petra está bem afastada da passagem do turista usual que demanda a Terra Santa (a 290 km de Jerusalém) e requer um período de dois dias para uma visita satisfatória.

Com regularidade cada vez maior cogita-se: "Seria bom incluir uma visita a Petra, em nossa viagem à Jordânia?" "Valerá a pena dedicar dois dias a êsse propósito?"

Na verdade, foi em grande parte o prospecto de ir a Petra que atraiu-nos a uma terceira visita à Terra Santa. Apesar de alimentar de há muito o desejo de fazer essa viagem de retôrno no passado, tive que postergá-la, em visitas anteriores, devido à exiguidade do tempo.

Por que tanto interêsse por Petra? Por muitas razões.

A cidade é única. Não existe nada igual em nenhuma outra parte. As ruínas de algumas das fachadas grandiosas, cinzeladas nas montanhas de arenito vermelho, estão em excelente estado de conservação e bastariam para espicaçar a imaginação do mais viajado visitante. Há nas montanhas mais de 700 cavernas que podem ser exploradas e, apesar de persistir ainda o debate quanto ao antigo uso de algumas câmaras, para habitações, tumbas ou templos, é fascinante recordar que o homem tem vivido ali desde os tempos de Abraão.

A penetração da cidade é feita através de uma garganta estreita e ventilada, de quase dois quilômetros de extensão. Essa garganta que apresenta por vêzes a pequena largura de três metros, é ladeada por picos íngremes que projetam-se para o céu a alturas de 60 a 90 m.

Mas, ainda mais curiosa que as incríveis maravilhas da cidade, suas ruínas, antiguidades, seu acesso e cenário é a sua história, que aparece envôlta em romance e intriga. É uma região rica em tradições bíblicas e

Esta magnífica fachada na estreita garganta de Petra tem cêrca de 27 metros de altura e é esculpida em sólido arenito vermelho. É conhecida como al Khenzah, "O tesouro do Faraó," e a suposição geral é que tenha sido um templo.

suas ruínas desoladas tornaram-se para o mundo um monumento do destino final dos iníquos.

A palavra "Petra" é uma expressão grega que significa "pedra". Nos tempos do Velho Testamento, as montanhas também eram chamadas Sela (ou Selah), que é a expressão hebraica para "pedra". Foi conhecida, além disso, como Monte Seir e Monte Esaú.

Hoje, a cadeia de montanhas que circunda a cidade é denominada *Shera*. O *Uadi Musa* (vale de Moisés) atravessa as montanhas. Nas proximidades fica a *Ain Musa* (fonte de Moisés) e o Monte Hor, tradicionalmente considerado aquêle em que morreu Aarão.

Os primeiros habitantes conhecidos de Petra foram os horeus, contemporâneos de Abraão, mencionados no no 14.º capítulo de Gênesis. O relato fala de exército. que derrotaram "os horeus em seu monte Seir." (Gêns 14:6.) O 36.º capítulo de Gênesis apresenta uma relação "dos filhos de Seir, o horeu, moradores daquela terra." (Gên. 36:20.)

Algum tempo depois de Jacó retornar a Canaã, vindo de Haran com sua família e posses, êle e Esaú habitaram pacìficamente a terra, mas veio o tempo em que "a fazenda dêles era muita para habitarem juntos: e a terra de suas peregrinações não os podia sustentar por causa do seu gado." (Gên. 36:7.)

Assim sendo, Esaú tomou suas três mulheres cananéias e seus filhos e filhas, servos e rebanho e seguiu para o sul.

"Portanto, Esaú habitou na montanha de Seir: Esaú é Edom." (Gên. 36:8.)

A região e seu povo entram em evidência, a seguir, nos tempos de Moisés. Os quarenta anos de peregrinação de Israel estavam prestes a terminar. Os filhos de Israel precisavam atravessar Edom, porque deviam viajar para o norte, pela estrada real, a leste do Mar Morto, e entrar na terra prometida pelo leste, através do rio Jordão. Portanto, Moisés decidiu pedir permissão para atravessar a terra:

"Depois Moisés desde Cades mandou mensageiros ao rei d'Edom, dizendo: Assim diz teu irmão Israel: sabes todo o trabalho que nos sobreveio:

"Como nossos pais desceram ao Egito e nós no Egito habitamos muitos dias; e como os egípcios nos maltrataram, a nós e a nossos pais:

"E clamamos ao Senhor, e êle ouviu a nossa voz, e mandou um anjo, e nos tirou do Egito: e eis que estamos em Cades, cidade na extremidade dos teus têrmos.

"Deixa-nos, pois, passar pela tua terra; não passaremos pelo campo, nem pelas vinhas, nem beberemos a água dos poços: iremos pela estrada real; não nos desviaremos para a direita nem para a esquerda, até que passemos pelos teus têrmos." (Num. 20:14-17.)

É extremamente interessante e algo irônico que os descendentes de Jacó (Israel), que receberam a primogenitura de Isaque, devessem ser colocados em posição de implorar aos descendentes de Esaú um favor. A resposta de seus "irmãos", que bem conheciam suas tribulações, deve ter sido dolorosa para Moisés e os israelitas:

"Porém Edom lhe disse: Não passarás por mim, para que porventura eu não saia á espada ao teu encontro.

"Então os filhos de Israel lhe disseram: Subiremos pelo caminho igualado, e se eu e o meu gado bebermos das tuas águas, darei o preço delas: sem fazer alguma outra coisa, deixa-me sòmente passar a pé.

"Porém êle disse: Não passarás. E saiu-lhe Edom ao encontro com muita gente e com mão forte." (Num. 20:18-20.)

Um dos maiores monumentos de Petra é algumas vêzes chamado o monastério, ou al Deir. Tem cêrca de 45 metros de altura, ou aproximadamente a altura de um edifício de 45 andares.

Quando lhes recusaram passagem através de Edom, os filhos de Israel foram para o Monte Hor, nas proximidades, onde um evento extremamente significativo teve lugar. O Senhor disse a Moisés: "Toma a Aarão e a Eleazar, seu filho, e faze-os subir ao monte de Hor.

"E despe a Aarão os seus vestidos, e veste-os a Eleazar, seu filho, porque Aarão será recolhido e morrerá ali.

"Fêz pois Moisés como o Senhor lhe ordenara: porque subiram ao monte de Hor perante os olhos de tôda a congregação.

"E Moisés despojou a Aarão os vestidos e os vestiu a Eleazar, seu filho; e morreu Aarão ali sôbre o cume do monte; e desceram Moisés e Eleazar do monte.

"Vendo pois tôda a congregação que Aarão era morto, choraram a Aarão trinta dias, isto é, tôda a casa de Israel." (Núm. 20:25-29.)

Depois disto, a grande companhia dos filhos de Israel deixou o Monte Hor "pelo caminho do Mar Vermelho, a rodear a terra de Edom; porém a alma do povo angustiou-se neste caminho." (Núm. 21:4.)

Mas o Senhor não permitiria aos idumeus destruir seus planos. Êle abrandou-lhes o coração e instruiu a seu povo, Israel:

"Passareis pelos têrmos de vossos irmãos, os filhos de Esaú, que habitam em Seir; e êles terão mêdo de vós; porém guardai-vos bem.

"Não vos intrometais com êles, porque vos não darei da sua terra nem ainda a pisada da planta de um pé; porquanto a Esaú tenho dado a montanha de Seir por herança.

"Comprareis dêles, por dinheiro, comida para comerdes: e também água para beber dêles comprareis por dinheiro.

"Pois o Senhor teu Deus te abençoou em tôda a obra das tuas mãos; êle sabe que andas por êste deserto: êstes quarenta anos o Senhor teu Deus estêve contigo; coisa nenhuma te faltou." (Deut. 2:4-7.)

Portanto, os filhos de Israel "passando por nossos irmãos, os filhos de Esaú, que habitavam em Seir, desde o caminho da planície de Elate e de Ezion-Geber, nos viramos e passamos o caminho do deserto de Moabe." (Deut. 2:8.)

Após Josué estabelecer o povo na "terra prometida", os israelitas e idumeus viveram lado a lado por muitos anos. Mas, mesmo sendo "irmãos", não eram bons vizinhos e frequentemente estavam em guerra.

O capítulo 14.º de 2 Reis revela que Amasias, rei de Judá, saiu à batalha contra o povo de Edom e "tomou Selah pela guerra." Êsse relato também é feito no 25.º capítulo de 2 Crônicas e declara que Amasias "feriu dos filhos de Seir dez mil.

"Também os filhos de Judá prenderam vivos dez mil e os trouxeram ao cume da rocha: e do mais alto da rocha os lançaram abaixo, e todos se arrebentaram." (2 Cron. 25:11-12.)

A despeito da grande vitória, a aventura de Amasias na Iduméia foi sua queda, pois "trouxe consigo os deuses dos filhos de Seir, tomou-os por seus deuses, e prostrou-se diante dêles, e queimou-lhes incenso." (2 Crôn. 25:14.) Devido a isto seu próprio povo o destruiu.

Não se conhece muito a respeito dos idumeus durante êsse período, exceto que se tornaram mal afamados por sua iniquidade, de tal forma que a palavra "Edom" constituiu-se em sinônimo de pecado e corrupção. Muitos profetas denunciaram os idumeus e, através de dois de seus servos, o Senhor proclamou uma destruição iminente para êsse povo, devido a sua extrema devassidão.

Obadias é frequentemente chamado o profeta da destruição de Edom. Registra êle:

"Assim diz o Senhor Jeová a respeito de Edom: Temos ouvido a pregação do Senhor, e foi enviado às nações um embaixador, dizendo: Levantai-vos e levantemo-nos contra ela para a guerra.

"Eis que te fiz pequeno entre as nações; tu és mui desprezado.

"A soberba do teu coração te enganou, como o que habita nas fendas das rochas, na sua alta morada, que diz no seu coração: Quem me derribará em terra?

"Se te elevares como águia, e puzeres o teu ninho entre as estrêlas, dali te derrubarei, diz o Senhor." (Obad. 1-4.)

Assim foram os idumeus destruídos e expulsos de sua fortaleza na montanha.

É curioso que êsses descendentes de Esaú tenham sido substituídos em Monte Seir por seus parentes, os nabateus, um povo árabe descendente de Abraão através de Agar e seu filho Ismael. Apesar de alguns historiadores atribuírem a êste fato a remota data de 547 AC, a história dos nabateus ali pode ser registrada com certa segurança até 312 AC, quando aparecem estabelecidos com bastante firmeza nas montanhas ao redor de Petra. Sua cidadela impenetrável localizava-se em ponto ideal, nas rotas comerciais, entre o Egito, a oeste, a Arábia, ao sul, e a Palestina, Síria e reinos vizinhos ao norte.

Isto ocorreu nos dias em que as grandes caravanas de camelos, "os navios do deserto", empenhavam-se ativamente em transportar incenso, especiarias e outros tesouros; e os nabateus, saindo aqui e ali de suas cidades fortificadas, enriqueceram atacando as caravanas. Posteriormente, êles exigiram tributo como garantia de passo para todos os que desejavam atravessar a região. Exércitos foram enviados do Egito e da Síria para destruí-los, mas não puderam penetrar a inexpugnável Petra.

Cêrca de 106 anos depois de Cristo, no entanto, os intrépidos romanos descobriram outra passagem para Petra, sitiaram-na e tomaram-na, derrotando os nabateus e transformando-a em província romana. Os conquistadores deram nôvo traçado à cidade, como fizeram com tantas outras localidades capturadas; e as evidências da estrada romana, do arco do triunfo, pilares e edifícios diversos podem ser encontrados ainda no local. Mais tarde Petra tornou-se uma cidade cristã e no quinto século d.C. havia ali um bispado. No sétimo século os árabes novamente a conquistaram, passando a governá-la. Os cruzados, subsequentemente, capturaram a cidade, podendo-se ainda contemplar as ruínas de um castelo que ali construíram.

Ninguém parece saber por que Petra ficou completamente abandonada; mas após as cruzadas perdeu-se para o mundo ocidental o conhecimento de sua localização. Desde aproximadamente 1200 a 1812, quando um jovem explorador suísso a redescobriu, Petra cons-

(*Continua na pág.* (26)

A Partir de Cumorah

NOVAS VOZES DO PÓ

XII - A Oliveira

Hugh Nibley, Ph. D.

Prof. de História e Religião na Universidade Brigham Young

É Jacó, cujos pais haviam passado a maior parte de seus dias em Jerusalém, e que se considerava simplesmente como um exilado daquela cidade (Jacó 7:26), que cita por extenso a longa Parábola da Oliveira, contida nos escritos de Zenos: "Eis que, meus irmãos, não vos lembrais de haverdes lido as palavras do profeta Zenos. . ." (Ibid., 5:1.) Deve-se notar aqui que, à parte tôdas as considerações literárias, o tratado de Jacó (ou melhor de Zenos) sôbre a cultura antiga da oliveira é exato em cada detalhe: Oliveiras realmente têm que ser podadas e cultivadas diligentemente; os galhos mais altos são na verdade os primeiros a murchar e os novos ramos brotam diretamente do tronco; a oliveira é em verdade a mais maleável das árvores, sobrepujando até o salgueiro em sua capacidade de sobreviver aos mais severos golpes e ao fogo; as árvores eram comumente plantadas em vinhas, e a expressão "Carmelo" tanto pode significar pomar de oliveiras como vinha; uma oliveira fértil é extremamente apreciada e são tomados cuidados sem conta para preservá-la, mesmo através de muitos séculos, pois o fruto de qualidade realmente superior é muito raro e difícil de se obter e perpetuar; a forma antiga de fortalecer velhas árvores (especialmente na Grécia) era enxertar ramos do azambujeiro ou oliveira brava; ramos de velhas oliveiras valiosas eram também transplantados, para manter viva a espécie depois de ter secado a árvore-mãe; surpreendentemente, a oliveira prefere o solo pobre e rochoso, já que solo fértil produz fruto de qualidade inferior; enxêrto demasiado produz uma frutificação abundante, de qualidade estranha; os ramos mais altos, quando se os deixa crescer, como na França e na Espanha, apesar de oferecerem boa sombra, enfraquecem a árvore, produzindo uma colheita pobre; fertilizar com estêrco é muito importante, a despeito da preferência por solo rochoso, e esta prática tem sido adotada desde os antigos tempos; o maior perigo a ser evitado é o amargor do fruto.[76] Todos êstes pontos, retirados de um tratado sôbre o antigo cultivo da oliveira estão, na verdade, ainda que casualmente, registrados na Parábola da Oliveira, de Zenos. Que o leitor examine êsse longo relato em Jacó, capítulos 5 e 6 e então considere o *Hino* 10 (também denominado *Hino O*) dos *Hinos e Ação de Graças* de Qumran:

— "Dou-te graças, ó Senhor, por me haveres colocado como (ou em) uma fonte de água corrente num lugar êrmo . . . irrigando um jardim (ou pomar) no deserto, onde . . . estão plantadas, para tua glória apenas, as árvores que nunca morrem . . . lançando ramos que nunca murcham, criando raízes antes de florescer, projetando-as até a corrente . . . das águas vivas." (VIII, 1-8.)

Até aqui a imagem genérica das árvores bem irrigadas representa o justo no deserto do mundo. Então, mais especìficamente, a lei de Deus é descrita como uma árvore especial, um tronco maltratado e danificado, contra o qual as outras árvores alardeiam sua superioridade, "pois estendem-se profusamente pela vinha, apesar de suas raízes não buscarem as águas da corrente (isto é, a água da vida), enquanto que a árvore que foi plantada na verdade e está destinada a fazer brotar ramos de santidade mantém seu segredo escondido e selado, depreciada e obscura." (VIII, 9-11.) Que melhor imagem para Israel entre as nações que a da árvore destinada a um dia frutificar, mas que por enquanto não passa de um tronco danificado entre os orgulhosos mas estéreis "abetos, pinheiros e ciprestes?" (VIII, 5, 11-13.)

Deus manteria o fruto da árvore em segrêdo, é-nos explicado a seguir, enquanto Israel "não acreditasse na Fonte da Vida," embora a árvore permanecesse viva. A imagem é familiar em alguns dos mais antigos escritos cristãos,[77] e Zenos, que significativamente não dá *qualquer* explicação de sua parábola assim como também o autor dos hinos, coloca nos lábios do Senhor as palavras:

". . . pois que por muito tempo guardarei o fruto de meu jardim para meu próprio uso na época oportuna, que logo virá . . ." (Jacó 5:76.)

Por outro lado, diz o hino, "as árvores dos iníquos serão derrubadas (ou arrancadas) . . . e o fogo virá e elas fenecerão." (VIII, 19-20.) Compare-se com Jacó:

". . . e os ruins (serão) arrancados e atirados ao fogo . . ." (Jacó 5:66.)

Não é só a árvore principal que sobrevive, contudo, pois no final, como na história de Zenos, ". . . a vinha que plantei vicejará aprazível para sempre, . . . suas árvores plantadas do lado do sol . . ."[78] Note-se a preocupação com a técnica adequada, bem como o final feliz. O Senhor diz que "se afrouxo minha mão, ela (a árvore) torna-se como um traste no deserto, seus ramos como ervas daninhas, arbustos e sarças . . . suas fôlhas fenecendo diante do calor; ela não fica exposta à água. Sofre infortúnio e doença e torna-se um (alvo) de todo o tipo de praga." (VIII, 24-26.) Exatamente assim, no relato de Zenos, horríveis consequências se sucedem a um intervalo de inatividade, representando, naturalmente, o período de aflição de Israel:

"E se passou muito tempo, e o Senhor da vinha disse . . . Vem, desçamos de nôvo ao jardim, para trabalhar nêle . . . e eis que a árvore produziu tôda a espécie de fruto . . .

". . . e nenhum dêles presta . . . de nada me servem . . ." (Jacó 5:29-32.)

Para restaurar a árvore o Senhor do jardim deve trabalhar com um desejo: "Quando aplico minhas mãos para cavar o sulco," diz *Hinos de Ação de Graças*, "suas raízes brotam mesmo no granito, suas hastes são firmes no chão . . ." (VIII, 22-23.)

Através de Zenos o Senhor ordena: ". . . cava ao redor das árvores, tanto velhas como novas, as primeiras e as últimas . . .

". . . prepara o caminho para que possam crescer." (Jacó 5:73 em diante)

E, quando isso foi feito, ". . . os galhos naturais começaram a crescer e a medrar consideràvelmente; . . . e conservaram a raiz e a copa com a mesma força." (V. 73.)

Foram tomados cuidados especiais para "arrancar da árvore os galhos que dão frutos mais amargos . . ."[79] (Vide vs. 52, 57, 65, 79.) Em nosso hino o poeta queixa-se de que o que havia plantado tornara-se amargo e em outro dos *Hinos de Ação de Graças* é a árvore dos iníquos que dá fruto amargo: "Em cada pensamento seu há uma raiz que floresce para a amargura e o rancor."[80] A árvore aqui mencionada só pode ser a oliveira.

O leitor pode distrair-se traçando paralelos com uma grande quantidade de detalhes. Temos aqui dois homens que escrevem exatamente o mesmo tipo de poesia, inclusive um hino de louvor com a mesma forma peculiar, um esquema autobiográfico no qual sofrem idênticas vicissitudes e nas mesmas condições. Êsses homens elaboram uma parábola relativa a uma árvore e uma vinha ou pomar cuja interpretação deixam a cargo de outros. Se são a mesma pessoa, as discrepâncias entre seus relatos podem ser fàcilmente explicadas pela lacuna de tempo entre a versão do Livro de Mórmon e a versão Qumran, muito posterior. Deve-se lembrar que os Pergaminhos do Mar Morto estão repletos de obras literárias que antedatam de muitos séculos os manuscritos que as contêm, mesmo que êsses sejam os mais antigos de que se tem notícia.

Zadoque, por cujo nome a própria comunidade se designa, foi identificado como o Zadoque jebusita dos tempos de Davi, o que demonstra quão antigas eram suas tradições. Chegamos mesmo a sugerir em algum lugar que o Zenoque do Livro de Mórmon possa ser Zadoque, pois não apenas o *n* e o *d* poderiam ser fàcilmente confundidos por um escriba, como a designação árabe comum para os sectários do deserto "zandoquitas" mostra que as duas formas podem ser conjugadas.[81]

Tudo isto, naturalmente, são simples conjeturas.

A seguir: *O Problema dos Três Documentos.*

NOTAS

76. "Oliveira , Encyplopaedia Britannica (9.ª ed.)
77. É o conceito do "Inverno do Justo , de acôrdo com o qual até o retôrno do Senhor tôdas as árvores — boas e más, vivas e mortas — se assemelharão, já que nenhuma tem fôlhas; apenas nos últimos dias as árvores vivas florescerão; *Pastor of Hermas*. Similitude III.
78. VIII, 20-22; a tradução é de Gaster, op. cit., págs. 166-167.
79. Gaster, op. cit., pág. 167, apresenta o seguinte: "Pois aquilo que eu plantei tornou-se amargo. Já Dupont-Sommer faz o poeta comparar-se a uma árvore abandonada . . . não havia nenhuma fonte para mim . . . eu estava sem fôrças; minha punição deu frutos em amargura . . . e eu não podia preservar minhas fôrças. Em *Semitica*, 7 (1957), págs. 67 em diante.
80. IV, 14; Gaster, op. cit., pág. 143.
81. C. E. Haner, "Who Was Zadok *Jnl. Bibl. Lit.*, 82 (1963), 89-94.

Antiga oliveira nas faldas do Monte das Oliveiras

O Tabaco e o Espírito do Homem

O lobo prefrontal do cérebro (a) é a sede da consciência do homem. Atua na inibição do mesocéfalo (b) onde os impulsos primitivos, instintivos do homem se originam. A perda de função do lobo prefrontal permite aos impulsos animais do homem dominarem sua personalidade.

*W. Dean Belnap**

Fumar é um mau hábito. Não há mais possibilidade de que uma pessoa apresente argumentos sólidos em sua defesa. Vêzes sem conta as ciências médicas e psicológicas ofereceram evidências da natureza prejudicial do cigarro. Além das provas recentemente encontradas, que relacionam o cigarro ao câncer do pulmão, algumas autoridades fizeram outras descobertas interessantes e chocantes a respeito do fumo. E. A. Murphy e J. F. Mustard (14)** descobriram que fumantes crônicos têm menos condições de suportar os efeitos da radiação que os não-fumantes e que o fumo interfere com a ação de medula óssea, parte do corpo que produz o sangue. A. J. Schaffer (19) salienta que há maior índice de nascimentos prematuros entre crianças cujas mães fumam que entre as que não fumam e que o índice de mortalidade dêsses nascimentos prematuros é maior entre os nascidos de fumantes. Existe bastante evidência, segundo A. R. Lindesmith e A. I. Struss (12), de que, em geral, os não fumantes tendem a ser mais "firmes, responsáveis, trabalhadores e com casamentos mais estáveis", apresentando estatísticamente menos dificuldades matrimoniais que os fumantes.

Assim sendo, acumulam-se as provas. Pouco por pouco, peça por peça, um grande volume de evidências vem corroborar, do ponto de vista purante científico, a declaração do Senhor de que "o tabaco não é para o corpo." A nicotina em grandes quantidades pode dominar o sistema nervoso, causando sérias convulsões (8) (24).

Devido ao espaço que os produtos do fumo roubam ao ao oxigênio no sangue, o fumante opera numa altitude superior em 1500 metros àquela em que realmente vive, (11)

Ninguém discorda de que o tabaco em grandes quantidades é nocivo, mas há os que argumentam que o fumo em quantidades menores ou moderadas *não* é prejudicial. Êles afirmam de forma muito convincente: "Claro que uma grande quantidade de tabaco é prejudicial. É a mesma coisa que o excesso de sol. Pode causar insolação ou queimaduras fortes. Mas sol em quantidades moderadas é saudável. O fumo também é assim. Em pequenas quantidades é benéfico ao homem. Evita que fique nervoso."

Depois há os que dizem: "Você acredita que um cigarro por dia é prejudicial? Ora não se pode nem medir essa quantidade de nicotina!"

O triste é que tais pessoas estão enganadas em todos os aspectos, e isto é o que torna o tabaco uma arma tão eficiente nas mãos de Satanás. Pois o fumo, não importa a quantidade, causa um grande dano. Causa-o numa área em que a maioria das pessoas nem pensa quando o considera: e, no entanto, é provávelmente a área mais vital de tôdas, na qual o fumo pode provocar grande destruição: a dos centros espirituais mais elevados da humanidade — a consciência e a área física que a aloja.

Esclareçamos um conceito errôneo porém comum a repeito do fumo. *Não existe uma quantidade tão pequena que não possa ser medida e que não tenha influência sôbre o sistema humano.* O fato assustador é que mesmo uma pequena quantidade de nicotina (ou álcool) pode alterar a composição da personalidade, dificultando ao homem a comprensão de seu pleno potencial como filho de Deus.

Minhas pesquisas indicam que o tabaco, mesmo em pequenas quantidades, tem o poder de matar a alma. Para compreender melhor esta afirmativa. examinemos a composição do cérebro humano, ou pelo menos a parte que o distingue.

A região do cérebro humano que o separa do resto do mundo animal é denominada lobo prefrontal. Essa é a parte que fica logo atrás da testa e acima dos olhos — uma porção da córtex cerebral extremamente refinada, que pertence apenas ao homem. É a sede do

---

*W. Dean Belnap é médico e cirurgião membro, do corpo docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Utah. Diplomou-se pela mesma Universidade (1947) e recebeu reconhecimento do F. A. P. da Western Reserve University (1950). Foi nomeado Membro da Playtex Park em Neurologia Pediátrica (1950) e Membro do Serviço de Saúde Pública dos EUA em Psiquiatria Infantil (1951). Serviu como missionário da estaca em Salt Lake City e Washington, D.C., e como guia na Praça do Templo por mais de 8 anos. O membro do Comitê de Genealogia do Sacerdócio. Casou-se com Mary Elen Bennett e tem hoje cinco filhos.

**Vide bibliografia na conclusão do artigo.

que geralmente se denomina consciência — a habilidade de escolher entre o certo e o errado. Encontra-se aí a perceptividade para pesar os opostos desta vida terrena. É essa zona que decide entre o prazer e a dor, a alegria e o pesar, amor e ódio, ira e serenidade, bem e mal. Os fatôres que tornam o homem tenso, ansioso, também estão aí centralizados, juntamente com as coisas que o levam a ter amor pela família e desejo de ser amável com o semelhante. É o lobo prefrontal que torna o homem literalmente "filho de Deus", que lhe dá a habilidade de racionar e atribuir significado emocional a êsse raciocínio. O Dr. Lecomte du Noüy salientou certa vez que a presença do lobo prefrontal tornava a diferença entre o homem e o animal maior que a que existe entre viver e não viver. Êsse lobo prefrontal é, portanto, algo que os sêres humanos devem prezar como um tesouro, pois torna-os mais próximos de Deus. É a porção mais elevada e sensível do sistema nervoso.

O que o tabaco ataca primeiro.

Essa é a região do corpo que o tabaco ataca primeiro. Em uma experiência com mamíferos superiores, B. Silvestrini (23) injetou nicotina em seus sistemas. Pequenas quantidades afetaram primeiro o lobo frontal e os centros psicomotores (os animais não possuem lobo prefrontal). A seguir, foram atingidos as áreas sensoriais e depois o gânglio basal, que aloja as funções mais vitais e primitivas do corpo. É fácil verificar, por isto, que no homem, cujo lobo prefrontal é ainda mais sensível que o lobo frontal, mesmo quantidades diminutas de nicotina podem ser sentidas. H. H. Perlman, A. M. Dannenberg e S. Sokoloff (15) demonstraram que níveis detetáveis de nicotina penetram no leite de mães lactantes e bastam para alterar a fisiologia da criança. B. E. Hasama salientou que quantidades infinitesimais de nicotina, circulando na corrente sangüínea, podem exercer influências mensuráveis sôbre o sistema nervoso. Diluições de apenas uma parte por milhões, no sangue bastam para provocar alterações fisiológicas nos ritmos elétricos do cérebro (3) (8) (23) (24) (27). Portanto, é falsa a noção de que uma pequena quantidade de nicotina não é perceptível. Os centros mais elevados do cérebro são afetados, mesmo que possa não haver sinais externos.

Uma lobotomia da consciência

Qual será, exatamente, o efeito, da nicotina sôbre o cérebro, e quão nocivo é? Para responder esta pergunta, necessário se faz analisar melhor o lobo prefrontal. Lembre-se que êle é o centro funcional da consciência. Alguns anos atrás, os psiquiatras, percebendo que muitas das ansiedades do homem alojavam-se no lobo prefrontal, tentaram curar pacientes psicóticos efetuando uma operação conhecida como lobotomia prefrontal. Isto é, separaram o lobo prefrontal do resto do cérebro, de forma que se tornasse inoperante. Curiosamente, muitos dos pacientes assim tratados foram "curados". Não sofreram mais as ansiedades que os atormentavam.

Mas, conquanto fôssem intelectualmente normais, não eram felizes nem alegres. Demonstravam uma simples, calma indiferença para as coisas com as quais deveriam importar-se intensamente. Foi removida dessas pessoas aquilo que Lehi, no Livro de Mórmon, diz ser tão essencial à salvação: a habilidade de pesar opostos e envolver-se emocionalmente nessa luta que é a vida. (Vide 2 *Nefi* 2.) Os pesquisadores indicaram que isso é o que ocorre no fumante. Êle executa uma lobotomia funcional ou parcial em si mesmo.

Deve-se ter em mente que a nicotina ataca os centros mais altos primeiro. Provoca contração das pequenas arteríolas que alimentam de sangue o lobo prefrontal, privando-o do oxigênio e fazendo-o perder parte de sua função, por algum tempo; ou seja, inibe a permeabilidade da própria membrana da célula, colocando-a temporàriamente fora de contrôle (9) (21) (22). O mundialmente famoso professor de neuro-cirurgia, Dr. Wilder Penfield, fêz experiências com a influência do álcool e da nicotina no lobo prefrontal, entre outras coisas. Elas demonstraram que o uso de álcool ou fumo, mesmo em pequenas quantidades, conduz a uma perda de função do lobo prefrontal. Êsses testes foram feitos com o emprêgo de registros eletroencefalográficos, ampliações altamente sensíveis dos ritmos elétricos do cérebro. Testes psicométricos revelaram que indivíduos que fumam ou bebem, em pequenas quantidades, perdem a habilidade de dar a interpretação emocional exata aos fatos e edéias. Isto demonstra conclusivamente a perda parcial de função do lobo prefrontal (1) (2) (4) (5) (6) (10) (13) (26). É também extremamente interessante que um cientista, R. L. Wexler (25), e o grupo de W. B. Geiger e H. S. Alpers (7), tenham apontado um estreito paralelo entre os efeitos fisiológicos e psíquicos da nicotina e da nova droga LSD (Acido Lisérgico Dietilamida). Ambos, a nicotina e o LSD, afirmam êles, são antagônicos específicos de uma substância vital do sistema nervoso denominada serotonina. Uma queda de serotonina no sistema nervoso central provoca conduta semelhante à da loucura.

Superego Versus Gânglio.

Por que isto é tão pernicioso ao bem-estar espiritual do nomem? A resposta está na constituição psicológica do ser humano, que corresponde a sua constituição fisiológica. Há um delicado equilíbrio na mente ou espírito do homem. Duas fôrças estão em ação dentro dêle, não figurativamente, mas de forma literal, real. São elas o lobo prefrontal, a consciência, denominada pelos psicólogos o Superego e o gânglio basal, chamado Id. No gânglio basal são centralizadas as reações mais animais do homem, os impulsos do prazer. A função do Superego é, parcialmente, agir como centro controlador do cérebro e impedir o Id de sair da linha. O emprêgo de nicotina torna isto quase impossível (16) (18).

O lobo prefrontal é a sede das ansiedades humanas. É nêle que se originam suas tensões e temores. A nicotina amortece êsses temores. Sigamos o processo. Uma pessoa está nervosa. Fuma um cigarro e imediatamente sente-se melhor, mais segura de si. Como sucede isto? A nicotina do cigarro efetuou uma lobotomia imediata e de curta duração, isolando parcialmente o lobo prefrontal e aliviando a ansiedade. O homem prejudicou-se de duas formas. Temporàriamente e numa certa medida, privou-se da parte mais divina de sua natureza; e deu a seu gânglio basal ascendência sôbre o Superego.

O Id, de acôrdo com os doutores Alfred R. Lin-

desmith e Anselm I. Strauss (12), aprecia essa libertação das influências restritivas do Superego, desfruta as sensações agradáveis que recebe e exige da psiquê, ou Ego, uma repetição da experiência. Quando se esvai o efeito da nicotina, o Superego, o lobo prefrontal, volta novamente a funcionar; mas o Id está ainda a exigir a repetição da experiência agradável. Para conceder-lhe o que deseja e calmar a tensão que retorna, fuma-se outro cigarro e o ciclo se repete. Contudo, cada vez que isto sucede, o Id, o gânglio basal, ganha poder. Esta é a base do vício. É notório que os dotes espirituais do ser humano, as coisas que o tornam homem, naquilo em que se diferencia do mundo animal, são as que mais sofrem quando isto acontece. Novamente, os testes psicométricos demonstram que a habilidade do indivíduo de atribuir interpretação emocional exata aos processos do pensamento é prejudicada. Em outras palavras, o indivíduo perde a parte mais refinada de sua habilidade de amar, odiar, sentir alegria e dor emocional (1) (2) (4) (6) (10) (13) (26).

Ansiedades são sinais indicadores

É quase cômico falar-se em fumantes moderados que permaneçam assim tôda a vida, quando se reconhece as extremas tendências formadoras de hábitos existentes no fumo. A base dêsse vício repousa em nossas ansiedades. Todos nós temos problemas e preocupações e, sempre que uma ansiedade é falsa ou artificialmente eliminada, a natureza animal vem à tona e com ela a exigência de repetição da experiência.

A perda da função do lobo prefrontal elimina a sensação de culpa por fumar e a ansiedade pelos males que isso pode provocar. Assim sendo, temos uma pessoa que fuma para não se preocupar com isso. É semelhante ao caso do que bebe para se esquecer de que é bebado. Quanto mais a sensação de culpa é eliminada, mais arraigada se torna a condescendência no agente prejudicial, até que o fumante se sinta quase livre da sensação de culpa: e, naturalmente, se a culpa é reduzida em uma área de tabú, o mesmo acontece em outras átreas.

A culpa é uma característica vantajosa de todos nós. Ela tem papel importante em fazer as pessoas sentirem-se responsáveis por seus atos. De um modo geral, o "fumante moderado" torna-se inveterado; e se alguém diz que fuma pouco, está apenas descrevendo uma fase do processo, não uma condição definitiva.

O Senhor deu-nos a ansiedade por um excelente motivo. Êle disse que devemos "empenhar-nos ansiosamente numa boa causa". Nossas culpas e ansiedades são indicadores e guias colocados em nós para nosso benefício. Quando sentimos extrema ansiedade, ou culpa, é sinal que podemos estar fora de sintonia com o Senhor e que nossa posição espiritual talvez precise correção. Existe apenas uma forma real de se aliviar a tensão: *submeter-se* às leis do Evangelho, não sufocá-lo numa nuvem de cigarro. Embrutecer a consciência com nicotina é como matar os receptores da dor, no corpo, de forma que não sintamos dor, nem tampouco percebemos que nossa mão está sendo queimada pelo fogo.

Talvez o Presidente Mckay tivesse essa função de nossa consciência em mente quando disse. "Ter a aprovação de sua consciência, quando está só com seus pensamentos é como estar na companhia de amigos e carinhosos. Merecer o respeito próprio fortalece o caráter. A consciência é o elo que une sua alma do Espírito de Deus."

Êsse elo, a consciência, é um dom precioso; e é um êrro tremendamente profano amortecê-la e embrutecê-la com nicotina. Pode ser um pecado ainda maior que aquêle que se comete contra o *corpo* usando tabaco.

Bibliografia

1. Ausubel, D. P., "Causes and Types of Narcotic Addiction, a Psycho-social View," *Psychiatric Quarterly*, XXXV, 1961, 523-531.
2. Bliss, C. M., H. Wells, P. H. Knapp, "Addictive Aspects in Heavy Cigarette Smoking,' Boston University School of Medicine, *American Journal of Psychiatry*, CXIX, 1963, 966-972.
3. Exley, K. A., M. C. Fleming, A. D. Wespelin, "Effects of Drugs Which Depress the Nervous System," *British Journal of Pharmacology*, XIII, 1958, 485-492.
4. Finnegan, J. K., P. S. Larson, H. B. Haag, "The Role of Nicotine in the Cigarrette Habit," *Science*, CII, 1945, 94-96.
5. Freedman, B., "Conditional Reflex and Psychodynamic Equivalents in Alcohol Addiction," *Quarterly Journal of Alcohol*, IX, 1948, 53-71.
6. Friedman, M., R. H. Rosenman, *Journal of the American Medical Association.*, CLXIX, 1959, 1286-1296.
7. Geiger, W. B., H. S. Alpers, "Mode of Action of Antigen and Other Smooth Muscle Stimulants." *Science*, CXXV, 1957, 11-141.
8. Hasama, B. E., "Bio-Electric Reaction of Isolated Brain Tissue and Neurons," *Archives of Experimental Pathology*, CXCI, 1939, 553-562.
9. Johnston, L., "The Disease of Tobacco Smoking and Its Cure," Londres, 1957.
10. Koskowski, W., "The Habit of Tobacco Smoking." Londres, 1955.
11. Kratochvil, C. H., S. S. Wilkes, W. A. Girard, "Cigarette Smoking at Altitudes," *Federation Proceedings*, Baltimore, XVI, 1957, 75.
12. Lindesmith, A. R., A. I. Strauss, *Social Psychology*, Indiana University, 1964.
13. McArthur, C., E. Waldron, J. Dickinson, "Psychology of Smoking." *Journal of Abnormal Psychology*, LXI, 1958, 267-275.
14. Mustard, J. F., A. E. Murphy, "Effect of Smoking on Blood Coagulation and Platelet Survival in Man," *British Medical Journal*, I, March 30, 1963, 846-849.
15. Perlman, H. H., A. M. Dannenberg, Sokoloff, *Journal of the American Medical Association.*, CXX, 1942, 1003-1009.
16. Pomeranze, J., "Realism in the Use of Tranquilizing Drugs," *Journal of the American Geriatric Society*, V. 1957, 823-726.
17. Pullar-Strecker, H., "Major Problems Arising from Minor Addictions," *Medical Press*, CCXXVI, 1956, 116-119.
18. Russ, S., "Smoking and Its Effects," *Hutchinson's Scientific and Technical Publications*, 1955, 141.
19. Schaffer, A. J., *Dissease of Newborn*, Philadelphia, 1960.
20. Seevers, B., *British Journal of Cancer*, X, 1956, 282-291.
21. Seevers, B., *British Medical Journal*, I, 1959, 645.
22. Seevers, B., *Drill's Textbook of Pharmacology and Medicine*, 2.ª Ed., 1958.
23. Silvestrini, B., "Neuro-Pharmalogical Study of the Central Effects of Nicotine on Cerebral Electrical Activity," *Archives of the International Pharmacology*, CXVI, 1958, 71-85
24. Steumph, C., "The Workings of Nicotine on the Central Nervous System of Mammals," *Archives of Experimental Pathology*, CCXXV, 1959, 421-436.
25. Wexler, R. L., "Effects of Cigarrette Smoking and Intravenous Nicotine on the Human Brain," *Federation Proceedings*, Baltimore, XVII, 1958, 169.
26. Wickler, B., "On the Nature of Addiction and Habituation of Tobacco," *British Journal of Addiction*, LVII, 1961, 73-79.
27. Wilder, J., "Paradoxic Reactions to Tobacco." *New York State Journal of Medicine*, LXII, 1957, 33-48, 33-52.

Mais Desejável Que Ouro

Presidente *Joseph Fielding Smith.*

Discurso proferido na Sessão Geral da Conferência Geral Anual da Sociedade de Socorro em 28 de Setembro de 1966

Minhas queridas irmãs, considero um privilégio poder falar-lhes nesta conferência e agradeço ao Presidente McKay por esta designação. É sem dúvida um excelente sinal que tôdas vocês, boas irmãs, tenham vindo das mais variadas partes do mundo para esta conferência. Congratulo-me com vocês por sua fé e integridade e desejo dizer-lhes que oro em seu benefício constantemente. Estão realizando uma obra extraordinária e o Profeta estava certamente inspirado pelo Espírito do Senhor ao dar uma organização como a Sociedade de Socorro à Igreja. Têm um grande trabalho a realizar. E queremos que saibam que êle é plenamente apreciado pelos irmãos que dirigem a Igreja.

Não há um lar, em nenhuma parte do mundo, onde a Bíblia não precise ser encontrada. Não há um lar no qual o Livro de Mórmon não precise ser encontrado. Falo dos lares dos santos dos últimos dias. Não há lar onde não se devam achar Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. Mas não os guardem na estante ou no armário, mas abertos em locais, de fácil acesso, a fim de que os membros da família possam sentar-se e ler e estudar os princípios do evangelho por si mesmos.

Sinto que muitos santos dos últimos dias — tanto irmãs como irmãos, devam estar sob condenação diante do Senhor, porque nos deu tanto para atender a nossas necessidades presentes e nossa salvação e, no entanto a grande maioria de nós, se tenho um entendimento correto, não estuda nem busca essas coisas, desconhecendo-as e assim colocando-se em perigo— perigo de desviar-se.

Devemos viver a verdade, isto é, a verdade do evangelho de Jesus Cristo. Esta deve ser a mais apreciada das coisas dêste mundo. E por que não? Ouçam estas belas palavras: "Mais desejáveis são do que o ouro, sim, do que muito ouro fino; e mais doces do que o mel e o licor dos favos." (Salmos 19:100).

Quantos de nós sentem-se assim? Serão assim tão doces para nós? Se não são irmãs, não podemos culpar a ninguém senão a nós próprios.

Vou propor-lhes esta questão e poderão respondê-la para sí mesmas. Quem deve ter melhor compreensão dos princípios fundamentais do evangelho no lar que a mãe? Eu não sei de ninguém mais. Por quê? Porque ela está com seus filhos por muito mais tempo que o pai, se estiver cumprindo sua obrigação, e êles virão a ela com suas perguntas. É nos seus joelhos que se sentam e é por isto que ela tem a obrigação de instruí-los. Ela pode desincumbir-se disto muito melhor que o pai e com isto não o estou eximindo da responsabilidade. Tanto é responsabilidade dêle fazer com que os filhos sejam criados em luz e verdade quanto da mãe, como disse o Senhor. Esta responsabilidade foi colocada sôbre todos nós. E é bem definida, de forma que também advertiu-nos que os pais é que terão que responder por isto se seus filhos se desviarem por terem êles negligenciado estas responsabilidades.

Eu comentei algo a êste respeito na Conferência da Sociedade de Socorro em 1962, mas não há mal em repetí-lo. Ensinem seus filhos. Vocês, boas mães, devem ensinar virtude, castidade a seus filhos e desde a mais tenra infância. Êles devem ser advertidos das armadilhas e perigos que se espalham por todo o mundo. Vivemos num mundo de iniqüidade. Lendo os jornais é fácil averiguá-lo e nêles aparece apenas uma pequena fração de tudo o que se passa. A iniquidade prevalece. Um de meus irmãos que foi convidado a falar alguns anos atrás disse: "A castidade está morta." Eu espero que isto não seja verdade.

A tendência dos tempos é em direção ao mal. Eu deploro, e sei que meus irmãos também, a tendência do mundo, que os santos dos últimos dias imitam e copiam, no que concerne às mulheres, particularmente com respeito ao modo de trajar.

Vocês, mães, têm no lar o hábito de deixar seus filhos por aí semi-nus, porque faz calor? E êles crescem assim, crendo que não há nada de mal em expor o corpo. Por que o Senhor deu túnicas a Adão e Eva? Para vestí-los. O Senhor não gosta da nudez. E parece-me que os santos dos últimos dias não devem seguir a moda e a imodéstia do mundo. Somos o povo do Senhor.

Êle espera que vivamos vidas limpas, virtuosas, mantendo puras nossas mentes e sendo fiéis na observância de todos os outros mandamentos. Por que devemos seguir o mundo? Por que não podemos ser modestos, fazer as coisas que o Senhor deseja que façamos?

Não estou apontando falta em qualquer de vocês aqui, queridas irmãs, e o que digo talvez não se aplique

a nenhuma de vocês, porque são mulheres empenhadas na obra do Senhor. São as que dirigem e ensinam. Não falo a vocês particularmente, mas às irmãs de tôda a Igreja e aos pais de tôda a Igreja. Quando visitam os lares, não poderiam fazer algo para incentivar as mães a ensinar seus filhos e a ler para êles as escrituras e criá-los como o Senhor disse, em luz e verdade?

Vocês, irmãs, têm uma gloriosa obra a fazer, trabalhando entre as senhoras da Igreja e ensinando-as a guardar os mandamentos de nosso Pai Eterno. O Salvador disse: "Se me amardes, guardareis meus mandamentos." (João 14-15). Nunca na história do mundo a necessidade de se guardar os mandamentos do Senhor foi mais manifesta que agora.

Saibam, irmãs, que estão fazendo sua parte neste grande empreendimento de promover a retidão, a verdade e o amor de Deus no coração dos membros da Igreja. Devemos ser gratos por viver nestes dias, a despeito de todos os temores e dúvidas e da ansiedade que nos aflige devido às condições prevalescentes no mundo.

Nossas irmãs têm tanto direito á inspiração do Espírito Santo para suas necessidades quanto os homens. Têm direito ao dom de profecia, nas questões em que lhes é essencial conhecer, da mesma forma que os homens. Quando oram, devem fazê-lo fervorosamente esperando obter resposta a sua prece. O Senhor as ouvirá se forem sinceras e verdadeiras, tal como o fará quanto aos irmãos.

As mulheres têm voz ativa no govêrno da Igreja. Quando alguém é designado a um cargo, não se pede apenas aos homens que votem, mas a tôda a congregação. As mulheres também têm o direito de levantar sua mão. Têm o direito de falar. E foi pela inspiração do Todo-Poderoso que surgiu a Sociedade de Socorro. Quando o Senhor disse que ninguém poderia ser salvo em ignorância, acho que quis dizer tanto mulheres como homens e parece-me que as mulheres da Igreja têm tanta obrigação de estudar as Escrituras quanto os homens.

Vivemos em dias de tumulto, tensão e lutas maiores, suponho eu, que quaisquer outros que o mundo já viu. Pode ter havido tempos piores, mas nunca vi ou ouvi falar de nada pior que o que temos hoje — a violação da lei, o egoísmo dos homens, a ganância, as ambições e o afastamento da fé em Deus. Parece-me que estamos entrando hoje, no que concerne ao mundo, em dias dos mais sérios problemas.

É minha firme opinião que estamo-nos aproximando ràpidamente da hora em que a taça da iniqüidade estará repleta. Acho que o dia da impiedade aproxima-se velozmente de nós. Precisamos da ajuda de vocês, boas irmãs da Sociedade de Socorro, para auxiliar-nos a ensinar os princípios da verdade eterna tão bem quanto os élderes da Igreja. Nossas irmãs precisam ser ensinadas, muitas delas, tão bem quanto os nossos irmãos. Temos irmãs na Igreja que estão perdendo a fé. Temos irmãs que amam mais o mundo que o reino de Deus. Há muito que fazer pelas irmãs da Sociedade de Socorro.

Existe hoje um problema com respeito à juventude, e devemos fazer algo para ver se podemos mantê-los nos caminhos da "luz e verdade", afastando-os do Maligno. Espero que nossas boas irmãs da Sociedade de Socorro reunam-se a nós nesse esfôrço, ao invés de reunir-se em clubes para jogar cartas e desperdiçar seu tempo enquanto os filhos, talve, vagueiem pelas ruas.

"Todo espírito do homem, no princípio, era inocente, e tendo-o Deus redimido da queda-o homem se tornou outra vez, em seu estado de infância, inocente diante de Deus," (D. & C. 93:38:.

Devemos lembrar-nos disto. Mas êste é o nosso problema.

"... aquêle ser perverso, pela desobediência e por causa da tradição de seus pais, vem e tira dos filhos dos homens a luz e a verdade." (D. & C.. 93:39).

"Mas vos mandei que criásseis os vossos filhos em luz e verdade." (D. & C. 93:40).

Êste é o mandamento dado aos membros da Igreja Nossas irmãs da Sociedade de Socorro podem auxiliar nesta tarefa, assim como as outras organizações, fazendo com que os filhos dos santos dos últimos dias obedeçam o conselho, compreendam a verdade, andem na sua luz e aprendam a orar e a amar seus semelhantes.

Não queremos que nossas irmãs, devido às incumbências recebidas nas organizações da Igreja, negligenciem suas famílias. Não queremos que nenhuma senhora tenha que comparecer às reuniões da Sociedade de Socorro deixando seus filhos na rua. Se seus deveres na Igreja requerem sua presença, então ela deve arranjar alguma forma para que seus filhos fiquem protegidos enquanto sai. Êles devem aprender a orar e ser fiéis, crescendo em luz e verdade. Essa é nossa responsabilidade. Não, não queremos que nenhuma irmã negligencie suas responsabilidades, mas isto não deve ser feito com o sacrifício de seus filhos, deixados em más companhias ou na ociosidade. Que nossos filhos fiquem protegidos e em segurança enquanto fazemos nossa parte na obra do Senhor.

Vivemos num mundo iníquo. Sei que existem, sim, boas pessoas no mundo. Mas o Senhor diz que êle é um mundo iníquo. E se Êle diz que é iníquo, então acho que estou autorizado a dizê-lo também, e que está-se tornando cada vez mais iníquo. Temos muitas responsabilidades, mas nenhuma delas deve levar-nos a negligenciar nossos lares.

Agora, irmãs, quando forem para seus lares, ensinem suas irmãs nas alas e estacas a terem um pouco mais de interêsse pelas revelações que o Senhor nos deu com respeito a nossa exaltação e que Êle as abençoe. Estou grato por vocês e seu trabalho e pela lealdade e integridade das irmãs que as dirigem nessa obra.

O Senhor organizou esta Sociedade, como vocês bem sabem, por profecia, para edificação e fortalecimento de seu reino, assim como as demais organizações. Estou certo de que os irmãos da presidência, da mesma forma que eu, as amam por seu grande trabalho e pela integridade de seus corações. Oramos por vocês, apoiamo-las e desejamos que caminhem na luz da compreensão do evangelho de Jesus Cristo.

Sei que o Presidente McKay gostaria que deixasse com vocês a sua bênção, juntamente com a minha, para que o Senhor continue a auxiliá-las em todos os seus empreendimentos. E que Êle lhes conceda saúde e fôrça para levar avante esta grande obra da Sociedade de Socorro é minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Para ser um apóstolo, não é necessário ter visto o Salvador — existe ainda um testemunho mais forte.

A Primeira Presidência e o Conselho dos Doze

Joseph Fielding Smith.
da Primeira Presidência e Presidente do Conselho dos Doze

Quando o Salvador iniciou seu ministério, selecionou doze homens dentre seus discípulos a quem denominou apóstolos. (Lucas 6:13.) Está registrado que Êle "deu-lhes poder sôbre os espíritos imundos, para os expulsar e para curar tôda a enfermidade e todo o mal." (Mat. 10:1.) Os nomes dêsses doze são conhecidos da maioria de nós: "Simão, chamado Pedro, e André seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Lebeu, cujo sobrenome era Tadeu; Simão o Cananita e Judas Iscariotes . . ." (Mat. 10:2-4.)

Conquanto o registro não o diga, é evidente que o Salvador conferiu sôbre êles o apostolado, com suas chaves e autoridades. Posteriormente, Êle disse-lhes: "Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu." (Mat. 18:18.) Alguns acreditam, por causa do que o Senhor disse a Pedro em Cesaréia de Filipo, que esta autoridade de ligar e desligar foi dada sòmente a êle. Entretanto, tal não foi o caso, pois êsse comissionamento foi dado a todos os Doze. Na verdade, cada um recebeu a plenitude do apostolado, de forma que todos, se chegasse a hora, pudessem servir como apóstolo maior, ou Presidente da Igreja. A Igreja hoje baseia-se no mesmo princípio.

Além disso, o Senhor escolheu Pedro, Tiago e João e colocou-os à cabeça, para agir como uma primeira presidência após sua partida. Êles foram separados dos demais apóstolos, recebendo autoridade especial. Em diversas ocasiões o Salvador tomou consigo êsses três, para cumprir encargos especiais. Êles estavam com êle no Monte da Transfiguração. Com a morte de Pedro e Tiago, foi João que, por direito de antiguidade tornou-se oficial presidente na Igreja. Os santos dos últimos dias sabem que êsses três constituíam uma presidência; êles vieram ao Profeta Joseph Smith e a Oliver Cowdery, ordenando-os apóstolos. (Vide D. & C. 20:2-3.)

A Primeira Presidência que incluía Pedro, Tiago e João foi a precursora da Primeira Presidência de nossos dias. O Profeta Joseph Smith acumulava dois cargos, ou seja, Presidente da Igreja e presidente do sumo-sacerdócio (de Melquisedeque). Todos os outros presidentes da Igreja, após êle, também possuíram êsses dois ofícios.

Como Presidente da Igreja, a pessoa que ocupa êsse cargo preside sôbre tôda a congregação da Igreja. Como presidente do sumo-sacerdócio, preside sôbre todo sacerdócio da Igreja e tem autoridade para legislar sôbre êle, já que possui as chaves dêsse sacerdócio.

Por revelação, o Presidente da Igreja recebeu conselheiros. Em Doutrina e Convênios, 107:78-80, lê-se:

"Novamente, na verdade vos digo que se a decisão do bispo ou dos juízes, concernente aos negócios mais importantes da igreja, e aos casos mais difíceis da igreja, não fôr satisfatória, então serão levados ao conselho da igreja, e apresentados diante da Presidência do Sumo-Sacerdócio.

"E a Presidência do conselho do Sumo-Sacerdócio terá poder para escolher outros sumo-sacerdotes, sim, doze, para assistí-lo como conselheiros; e assim a presidência do Sumo-Sacerdócio e seus conselheiros terão o poder para tomar decisões baseando-se nos testemunhos apresentados, de acôrdo com as leis da igreja.

"E após essa decisão, o caso não mais será conservado em lembrança diante do Senhor; pois êste é o conselho mais alto da igreja de Deus, e a decisão final em caso de controvérsias em assuntos espirituais."

"... nunca há senão um na terra, num mesmo tempo, a quem êste poder e as chaves dêste sacerdócio são conferidas" (D. &. C. 132:7), e o Presidente David O. McKay mantém essas chaves hoje.

O supremo poder dirigente da Igreja está investido sôbre o Presidente e seus conselheiros. A Primeira Presidência dirige todos os conselhos, quorums e organizações da Igreja, com poder supremo de nomeação e designação. Êsses poderes de nomeação e designação, bem como de presidência, podem ser delegados a outros a quem a Primeira Presidência escolha e os membros apóiem como representantes dessa presidência no govêrno da Igreja.

Os membros da Primeira Presidência são os oráculos vivos de Deus e os supremos árbitros e intérpretes da lei da Igreja. Êles supervisam a obra da organização inteira em tôdas as questões de orientação, organização e administração. Nenhum aspecto da obra da Igreja está fora de sua jurisdição e autoridade.

A expressão *apóstolo* quer dizer "o que foi enviado". Êste foi o nome dado pelo Senhor aos doze a quem escolheu para seus companheiros durante o ministério terreno e a quem enviou para representá-lo após sua ascensão aos céus.

De acôrdo com os ensinamentos de Paulo, pretendia-se que, à medida que surgissem vagas no Conselho dos Doze, êsses postos fôssem sendo preenchidos, pois êle declarou aos santos de seu tempo, em Éfeso, enquanto argumentava sôbre a unidade da Igreja:

"E êle mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores.

"Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo;

"Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo." (Ef. 4:11-13.)

Sabemos que após a queda de Judas os discípulos se reuniram e pela inspiração do Senhor escolheram Matias para preencher a vaga. Sabe-se também que não se passou muito tempo desde a morte do Senhor e Tiago, um dos três que presidiam, foi morto. Que Paulo foi chamado para ser apóstolo está evidente em muitas de suas epístolas, bem como que Barnabé foi também chamado. Consideramos Tiago, o autor da epístola, e Judas como apóstolos.

Em nossos dias, por ordem do Senhor, homens têm sido chamados para executar a obra dos Doze sempre que ocorrem vagas. No Livro de Mórmon lê-se que esta era a prática entre os nefitas. Nunca se pretendeu que houvesse mais de doze homens para êsse quorum quando ocorriam vagas.

Uma das primeiras instruções para que fôssem escolhidos doze apóstolos nessa dispensação encontra-se na revelação dada em Fayette, Nova Iorque, em junho de 1829, na qual as três testemunhas foram incumbidas de procurar os Doze, seis anos antes de os Doze serem chamados. (D. & C. 18.) Os irmãos escolhidos para êsse importante chamado eram homens que haviam provado sua integridade no Acampamento de Sião.

Tela de Harry Anderson

No décimo quarto dia de fevereiro de 1835 o Profeta reuniu uma assembléia de irmãos que haviam ido ao Missouri, no Acampamento de Sião. Êle declarou que o objetivo da reunião era escolher homens para posições importantes no ministério. O Senhor lhe havia ordenado que chamasse homens íntegros e fiéis; entre êsses estariam os doze a ser ordenados apóstolos da Igreja. De acôrdo com a revelação, êsses homens seriam escolhidos pelas três testemunhas do Livro de Mórmon. Após o exercício usual de abertura, as três testemunhas foram abençoadas com a imposição das mãos pela Primeira Presidência, a fim de que tivessem inspiração para fazer a escolha.

Após a seleção, foi dado um ofício aos escolhidos. No dia 12 de março de 1835, os novos apóstolos reuniram-se em conselho e solicitaram à Primeira Presidência uma revelação para guiá-los em seus trabalhos. A resposta a sua petição — a grande revelação do sacerdócio — veio em 28 de março de 1835. É difícil acreditar que qualquer pessoa possa ler êsse documento inspirado e não ficar definitivamente convencido dos poderes proféticos de Joseph Smith.

A revelação esclarecia que em caso de dissolução ou destruição da Primeira Presidência da Igreja, os Doze deviam sucedê-la e assim continuar até que o Senhor revelasse que ela devia novamente ser organizada. E quando quer que a Primeira Presidência fôsse desorganizada, reverteria ao Conselho dos Doze Apóstolos a incumbência de por em ordem e dirigir as questões da Igreja.

"E êles formam um quorum igual, em autoridade e poder, aos três presidentes prèviamente mencionados.

Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós e vos ordenei

"Os Setenta são também chamados para pregar o evangelho e ser testemunhas especiais aos gentios, no mundo todo — diferindo assim dos outros oficiais da igreja, no que diz respeito aos deveres do seu chamado.

"E êles formam um quorum, igual, em autoridade, ao das Doze testemunhas especiais ou Apóstolos há pouco mencionados." (D. & C. 107:24-26.)

Isto equivale dizer que, quando a Primeira Presidência é desorganizada, os Doze Apóstolos tornam-se o quorum presidente da Igreja, até que ela seja novamente organizada. E durante aquêle período de tempo êles são virtualmente a Presidência da Igreja — o quorum presidente. Se por algum motivo ambos os quoruns fôssem destruídos, recairia sôbre os Setentas a responsabilidade de colocar em ordem as questões da Igreja e êles se tornariam o quorum presidente.

Acho que deve ser explicado que os Apóstolos não podem ter autoridade igual à da Presidência, quando ela está plena e pròpriamente organizada. Não deve haver duas cabeças — ou três — de igual autoridade, ao mesmo tempo, pois isto causaria confusão.

Os apóstolos são conselheiros viajantes ou testemunhas especiais que saem a pregar ao mundo. Por isto entende-se que os Doze *não* devem sair sem o conselho e orientação da Primeira Presidência. "E novamente digo-te que aquêle que pela voz dos teus irmãos, os Doze, enviares em Meu nome, pròpriamente recomendado e autorizado por ti, terá poder para abrir a porta do reino a tôda a nação a que o enviares.

"Contanto que se humilhem diante de mim e obedeçam a minha palavra e atendam à voz do meu Espírito." (D. & C. 112:21-22.) Êles são um sumo-conselho viajante com a responsabilidade de ordenar todos os outros oficiais da Igreja e o Senhor disse que deviam "apascentar seus cordeiros". Êles tem as chaves da autoridade em todo o mundo.

São testemunhas especiais de Jesus Cristo. É dêles o direito de conhecer a verdade e possuir um testemunho permanente. Saber que Jesus Cristo é por todos os meios o Unigênito de Deus, o Redentor do mundo e o Salvador de todos os que confessam seus pecados, arrependem-se e guardam seus mandamentos é um dever que repousa sôbre a cabeça dos apóstolos.

Frequentemente ouve-se esta pergunta: "É necessário que um membro do Conselho dos Doze veja o Salvador, para poder ser apóstolo?" É privilégio dêles contemplá-lo se a ocasião assim o exigir, mas o Senhor ensinou que existe um testemunho maior que ver uma personagem, ou mesmo o Filho de Deus numa visão. Influências provenientes do Espírito Santo, que descem sôbre a alma, são muito mais significativas que uma visão. Quando o Espírito fala ao homem, a marca que fica sôbre a alma é muito mais difícil de se apagar. Todo o membro da Igreja deve guardar a inspiração de que Jesus é o Filho de Deus indelèvelmente gravada em sua alma pelo testemunho do Espírito Santo.

Faz parte do chamado da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze serem orientados pelo Salvador e pelo Espírito Santo ao guiar sua Igreja e seus membros. Sua obra a serviço de nosso Salvador é uma inspiração para tôda a humanidade.

O Senhor abençoou-nos com uma liderança escolhida e valorosa.

David O. McKay

PRESIDENTE

O Presidente David O. McKay nasceu aos 8 de setembro de 1873, em Huntsville, vila de aspecto alpino, no Estado de Utah, quatro anos após o término da etapa pioneira e com a chegada da primeira estrada de ferro neste Estado. Viu na realidade a Igreja crescer, tornando-se uma organização mundial, conforme se profetizara.

Durante sua presidência, que começou a 9 de abril de 1951, as estacas se expandiram até a Europa, América Latina, Austrália, e mesmo às Ilhas do Mar. Pronunciou orações dedicatórias em cinco templos: Suiça, Los Angeles, Nova Zelândia, Londres e Oakland. Os programas de Seminário e Instituto da Igreja se expandiram; a Universidade de Brigham Young cresceu a ponto de tornar-se uma das maiores universidades religiosas do mundo. Estabeleceram-se escolas e universidades na Nova Zelândia, no Havaí, e em outras áreas das missões. Em realidade, não há nenhum lugar em que a Igreja não haja presenciado um crescimento extraordinário durante êste período em que o Presidente McKay tem liderado a Igreja. Êle já viajou mais que qualquer outro profeta da Igreja restaurada, visitando estacas e missões em todo o mundo.

"Em minha juventude, compreendi que a coisa mais preciosa que um homem pode alcançar nesta vida, é um testemunho da divindade dêste trabalho. Ansiava por êle. Senti que se pudesse obtê-lo, tudo o mais pareceria insignificante." disse êle.

Como jovem missionário servindo na Escócia, antes do início dêste século, sentiu-se desanimado quando compreendeu que muitas boas pessoas, da terra de seus pais, deixavam passar a mensagem do evangelho, sem lhe dar ouvidos. Certo dia contemplou um edifício em contrução e em uma das portas leu o seguinte texto. "O que quer que sejas, desempenha bem o teu papel." Mais tarde referiu-se a isto como ponto decisivo da sua missão.

Numa reunião no campo missionário, James McMurrin, seu presidente de missão, voltou-se a êle e disse: "Quizera dizer-te, irmão David, que Satanás deseja-te para si, para peneirar-te como trigo, mas Deus cuida de ti." E acrescentou: "Se permaneceres fiel, um dia sentarás nos conselhos dirigentes da Igreja."

Depois de completar sua missão, David O. McKay casou-se com a namorada dos seus dias de universidade, Emma Ray Riggs, no dia 2 de janeiro de 1901, no templo de Salt Lake City. Tiveram sete filhos, um dos quais morreu na infância.

Foram muitos os cargos que David O. McKay desempenhou na Igreja. Era diretor da Academia Weber, em Ogden, quando na Conferência de abril de 1906, foi chamado para fazer parte do Conselho dos Doze Apóstolos. Seis meses mais tarde, em outubro de 1906, tornou-se membro da superintendência geral das Escolas Dominicais. Por muitos anos, devotou grande parte de seu tempo na direção dêste programa, tornando-se superintendente geral em 1918, e servindo neste cargo até que ser escolhido para conselheiro do Presidente Heber J. Grant, da Primeira Presidência, em outubro de 1934.

Como membro do Conselho dos Doze, visitou muitas das missões e estacas da Igreja. Fêz uma volta ao mundo, visitando tôdas as missões, em 1920-21, e presidiu a Missão Européia durante 1922-24. Então, em abril de 1951, 45 anos após o dia em que foi ordenado membro do Conselho dos Doze, tornou-se Presidente da Igreja.

O Presidente McKay é um grande professor. Um élder, chamado para presidir a Missão Brasileira, fêz êste comentário sôbre o seu chamado: "É uma grande honra." O Profeta, com seu olhar bondoso e penetrante, perscrutou a alma do élder e replicou: "Não é uma grande honra; é uma grande responsabilidade."

O Presidente David O. McKay tem sempre se preocupado com a responsabilidade que repousa sôbre seus ombros — para com o Senhor e para com os Santos.

Hugh B. Brown

DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

HUGH B. Brown, da Primeira Presidência, compara-se a Mórmon, Moroni e outros homens militares que também foram profetas no Livro de Mórmon.

Em 1910, o Presidente Brown ajudou a organizar a milícia de Cardston (Alberta, Canadá), e quatro anos mais tarde, na deflagração da Primeira Guerra Mundial, aquela unidade de cavalaria foi chamada a fazer parte do Exército Canadense, tendo o irmão Brown como oficial.

Êle e seus homens serviram com valentia, e quando a guerra terminou, em 1918, êle deu baixa com o pôsto de major. Havia trabalhado com os seus homens, os havia aconselhado, e durante a Segunda Guerra Mundial, como coordenador das Fôrças Armadas de tôda a Igreja, êle aconselhou os filhos e netos dos mesmos homens daqueles longínquos campos aliados. Após a Segunda Guerra Mundial, êle trabalhou na Universidade de Brigham Young como professor de religião e coordenador dos veteranos.

Elder Brown nasceu em Salt Lake City, no dia 24 de outubro de 1883, filho de Homer Manley e Lydia J. Brown. Nos primeiros anos de sua adolescência, sua família mudou-se para o sul de Alberta, onde êle realmente cresceu com a região, trabalhando em fazendas e granjas, e na construção de canais e estradas de ferro. Em 1904, êle respondeu ao chamado do campo missionário, servindo na Grã-Bretanha, área para a qual êle voltaria mais de três décadas depois, para presidir duas vêzes a Missão Britânica.

Em 1908, êle esposou Zina Y. Card, neta de Brigham Young, no Templo de Salt Lake City, tornando-se pai de oito filhos. Após o casamento, voltaram a Alberta, lá estabelecendo seu lar. Elder Brown voltou novamente a Salt Lake City em 1912, para estudar Direito na Universidade de Utah, e mais tarde completar sua carreira na Universidade de Alberta. Seus chamados na Igreja incluem o trabalho de conselheiro de um bispo, em Cardston, e também o de membro do sumo conselho da Estaca de Alberta.

Aos 38 anos, foi apoiado como Presidente da Estaca recém-formada em Lethbridge, Canadá.

A família Brown mudou-se para Salt Lake City em 1927, quando êle se associou à firma legal Clark (J. Reuben Clark Jr.), Richards (Preston D.), and Bowen (Albert E.). Depois de servir por pouco tempo como segundo conselheiro na presidência da Estaca de Granite, Hugh B. Brown foi apoiado presidente da estaca em 1938.

Na Conferência Geral de outubro de 1953, êle foi chamado para ser um assistente do Conselho dos Doze. Nesta ocasião êle se dedicava a prática legal de sua profissão, e a negócios no Canadá, contudo encerrou tôdas as suas atividades para dedicar o seu tempo e talento à Igreja. Êle foi apoiado membro do Conselho dos Doze na Conferência Geral de abril de 1958, e em 21 de junho de 1961 foi designado conselheiro da Primeira Presidência. Tornou-se primeiro conselheiro do Presidente McKay na Conferência Geral de outubro de 1963.

O Presidente Brown relata a história de um jovem jardineiro que precisou cortar um arbusto de groselha porque êste havia crescido à altura de uma árvore, e já não mais dava frutos. Anos depois, êle almejou uma promoção, mas não logrou recebê-la. Então recordou-se do que o jardineiro dissera àquela árvore: "Eu sou o jardineiro aqui." Foi como se o Senhor houvesse dito: "Não fôste criado para o que pretendes ser . . . Se assim o fôsse, falharías no propósito para o qual eu te plantei, e meus planos para ti, teriam fracassado." Atualmente, o Presidente Brown pede com frequência ao nosso Pai Celestial em suas orações: "Ajuda-nos a todos a compreender o propósito de nossa existência, e a estar dispostos a submeter-nos a tua vontade, e não a nossa própria. Lembramo-nos de que em outro jardim, chamado Getsemane, o eleito dentre todos os teus filhos foi glorificado, por submissão a tua vontade."

Em tôdas as suas atividades, o Presidente Brown recorda-se desta lição, e está sempre alerta para levar avante a causa do Mestre aqui na terra.

N. Eldon Tanner

DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

O Presidente N. Eldon Tanner, segundo conselheiro da Primeira Presidência, provém das colônias mórmons, que foram estabelecidas nos campos de trigo, em Alberta, Canadá. Seus pais, Nathan William e Sarah Edna Brown Tanner, passaram sua lua de mel viajando até o Canadá, numa carroça coberta. Neste país, êles precisaram vender seus cavalos, para comprar alimentos. Sua mãe voltou a Salt Lake City, brevemente, para dar à luz o seu primeiro bebê, Nathan Eldon, a 9 de maio de 1898.

Eldon foi criado num ambiente de fazendas e ranchos, guiando freqüentemente o arado, puxado por bois. Êle aprendeu a amar as criações de Deus, especialmente os seus semelhantes. As oportunidades para educação eram escassas; depois de completar o seu oitavo ano escolar, êle descobriu que, se persuadisse outros quatro rapazes a acompanhá-lo, o diretor da escola os ensinaria no nono grau. Êle encontrou os quatro alunos, mas as responsabilidades da fazenda o mantiveram ocupado até depois do Natal.

Mais tarde êle saiu de casa, frequentando a escola por mais dois anos, com dinheiro emprestado, e então voltou para ensinar. Alguns alunos desejavam continuar até o décimo segundo ano, o qual êle nunca havia completado. Entraram em acôrdo com o Departamento Provincial de Educação para preparar o material das lições, e êle e os outros estudantes adiantados as completavam, e as enviavam ao Departamento, pelo Correio, para serem corrigidas. Formaram assim uma classe bem diferente, na qual os alunos e o professor formaram-se juntos do décimo segundo ano.

Um ex-aluno do oitavo ano, atualmente conceituado médico na área de Salt Lake City, recorda-se de como o professor, ao compreender o desejo dos alunos por atividades físicas bem orientadas, combinou de reunir-se com os rapazes às 5:30 horas tôda manhã, para praticar esportes.

Presidente Tanner casou-se com Sara Isabelle Merrill a 20 de dezembro de 1919. Êles têm cinco filhas.

Quando servia como conselheiro no bispado, e como assessor do quórum dos diáconos, na Primeira Ala de Cardston, êle visitou os lares, para verificar por que alguns dos rapazes estavam inativos. A única roupa que os meninos tinham para usar eram os macacões de trabalho. Êle os encorajou a virem às reuniões com o que tinham, pois êle também assistiria às reuniões com sua roupa de trabalho. Em pouco tempo, o quorum tinha 100% de freqüência. Mais tarde êle chegou a ser bispo desta mesma ala.

Sendo eleito para a legislatura provincial de Alberta, êle foi escolhido como orador daquela entidade. Foi também escolhido como membro do gabinete provincial e trabalhou como diretor do Departamento de Terras e Minas. Enquanto residia em Edmonton, êle foi presidente do Ramo da Igreja naquela localidade.

As oportunidades se apresentaram na progressiva indústria de petróleo. Ofereceram-lhe a presidência da vasta companhia Canadian Pipe Line Company, que se estende de Alberta a Quebec, mas êle a princípio recusou a oferta porque, com êste trabalho, êle teria que abandonar a presidência da Estaca de Calgary. Os escritórios da companhia foram trazidos para Alberta, onde êle poude desempenhar um cargo executivo.

Êle foi designado Assistente do Conselho dos Doze, na Conferência Geral de outubro de 1960, e logo depois passou a presidir a Missão Européia d'Oeste. Na Conferência Geral de outubro de 1962, êle foi apoiado membro do Conselho dos Doze, e em outubro do ano seguinte, foi escolhido como segundo conselheiro do Presidente David O. McKay. O Presidente Tanner serviu como membro do Conselho dos Doze de 6 de outubro de 1962 a 4 de outubro de 1963, menos de um ano, período mais curto que o de qualquer outro apóstolo chamado nesta dispensação.

Como guia para sua vida pessoal, o Presidente Tanner disse: "Não há nada mais grandioso neste mundo, do que a capacidade de orar ao Senhor, e saber que Êle responde as nossas orações, e nos tem dado o plano de vida e de salvação."

Joseph Fielding Smith

DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA E DO CONSELHO DOS DOZE

EM 1896, quando tinha 20 anos de idade, Joseph Fielding Smith recebeu uma bênção patriarcal de John Smith, patriarca da Igreja. Em parte, esta bênção sagrada declarava:

"Terás o privilégio de viver por muitos anos, e é a vontade do Senhor que chegues a ser um homem poderoso em Israel. Portanto, digo-te, que penses freqüentemente no passado, no presente e no futuro. Se lograres sabedoria pela experiência do passado, compreenderás que a mão do Senhor esteve e estará sôbre ti para sempre, e que tua vida tem sido preservada para um propósito elevado . . . Será teu dever viajar aqui e no exterior, por terra e por mar, trabalhando no ministério . . . O Espírito do Senhor guiará tua mente e te dará as palavras e sentimentos para que confundas a sabedoria dos iníquos e anules os conselhos dos injustos."

Apesar desta bênção ter sido pronunciada quando o Presidente Smith havia apenas passado a sua adolescência, estando o serviço missionário e as posições de autoridade e responsabilidade ainda no futuro, se olharmos retrospectivamente verificaremos que as promessas foram literalmente cumpridas.

O Presidente Joseph Fielding Smith nasceu a 19 de julho de 1876, num lar pioneiro em Salt Lake City, sendo um dos filhos de Joseph Fielding Smith, o sexto presidente da Igreja, e de Julina Lambson. Seu avô paterno foi Hyrum Smith, que foi assassinado ao lado do irmão Joseph, no cárcere de Carthage.

O jovem Joseph Fielding passou sua infância e juventude na fazenda da família, onde êle desenvolveu um grande amor por animais e pela natureza. Sempre um profundo pensador e investigador da verdade e sabedoria, êle passou muitas horas com seu pai examinando as escrituras e as doutrinas da Igreja.

Em 1899 êle foi chamado à Missão Britânica, e dois anos mais tarde aceitou uma posição no escritório do historiador da Igreja. Durante os nove anos seguintes, desempenhou muitas posições na Igreja, incluindo a de missionário local, integrante da A.M.M. da estaca, e logo depois membro da junta geral, presidente do quorum dos setentas, sumo conselheiro etc, sendo que muitas destas posições êle ocupou simultâneamente.

Na Conferência Geral de abril de 1910, êle foi apoiado membro do Conselho dos Doze, e quarenta e um anos depois, em abril de 1951, tornou-se o presidente dêste grupo. Em outubro de 1965, foi nomeado conselheiro da Primeira Presidência, e é o único homem nesta dispensaçao a desempenhar ambos os cargos ao mesmo tempo.

Para enumerarmos as muitas contribuições e feitos do Presidente Joseph Fielding Smith, necessitaríamos de muitas páginas, contudo esta lista deve incluir o seguinte: historiador da Igreja desde 1921, presidente do Templo de Salt Lake City, editor e presidente da Sociedade Genealógica de Utah, autor de numerosos artigos e livros, (seu vigésimo terceiro livro foi publicado em julho), membro das juntas de muitas instituições comerciais e educacionais. Recebeu um diploma honorário da Universidade de Brigham Young. É também espôso, pai e avô devotado. Sua posteridade inclui onze filhos, sessenta netos, e mais de quarenta bisnetos.

Tôda a Igreja tem sentido a influência da compreensão profunda e acurada que o Presidente Smith tem do evangelho. Ao recordarmos a profética bênção patriarcal, pronunciada há mais de setenta anos, veremos que êle tem viajado intensamente "aqui e no exterior, por terra e por mar, trabalhando no ministério," sempre pregando o evangelho sem cansaço e sem temor. Êle tem confundido "a sabedoria dos iníquos, e anulado o conselho dos injustos." Verdadeiramente, êle tornou-se um "homem poderoso em Israel."

Thorpe B. Isaacson

DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

UM homem que tem tido êxito em muitos campos de atividade, como educador, homem de negócios, líder cívico e da Igreja, é o Presidente Thorpe Isaacson, conselheiro na Primeira Presidência.

O Presidente Isaacson nasceu a 6 de setembro de 1898, em Ephraim, uma pequena comunidade, tranquila e agrícola, no centro do Estado de Utah, U.S.A. Através de seus pais, Martin e Mary Beal Isaacson, é herdeiro de família genuínamente pioneira. Seus avós, Isaacsons, aceitaram a luz do evangelho na Dinamarca, e os Beals (sua inicial B. é do sobrenome materno) na Inglaterra.

Durante seus anos de escola, destacou-se em atletismo, e em 1917 foi escolhido como defesa de bola ao cesto de todo o estado. Estudou na Academia Snow, (atualmente Universidade de Snow), na Universidade de Brigham Young, na Universidade Agrícola da Utah, (atualmente Universidade do Estado de Utah), e na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Quando jovem, foi professor e diretor no norte do Estado de Utah, (foi enquanto lecionava no Condado de Box Elder que êle conheceu Lula Maughan Jones, a quem desposou em 16 de junho de 1920, no Templo de Salt Lake City). Integrou o corpo docente da Universidade de Brigham Young, em Logan, Utah, e depois retornou a Ephraim, sempre ensinando e inspirando seus alunos com lições aprendidas não sòmente nos textos de estudos, mas também nas atividades e competições esportivas. Em diversas ocasiões, viajou por todo o estado, com seu time campeão.

Deixando o magistério, o Presidente e sua espôsa (que tiveram três filhos, um dos quais já falecido) mudaram-se para Salt Lake City, onde êle passou a trabalhar para uma companhia de seguros. Dentro de poucos anos, foi eleito pela companhia como o melhor agente de tôda a América, e seu nome está gravado nas paredes de calcário do edifício do escritório geral da companhia, em Fort Wayne, Indiana.

Enquanto ocupava o cargo de primeiro conselheiro no bispado da ala Yale, em Salt Lake City, o Presidente Isaacson foi chamado para ser o segundo conselheiro do Bispo Presidente LeGrand Richards, em dezembro de 1946. Serviu como primeiro conselheiro do Bispo Presidente Joseph L. Wirthlin, a partir de abril de 1952. Em outubro de 1961, foi apoiado Assistente do Conselho dos Doze, e em 29 de outubro de 1965, recebeu o chamado para ser um conselheiro da Primeira Presidência.

As atividades do Presidente Isaacson, tanto na Igreja como no campo cívico, abrangem diversos aspectos de interêsse. Êle é presidente do comitê de lugares históricos da Igreja, e faz parte de inúmeros outros, incluindo o comitê da Praça do Templo. É vice-presidente do conselho de administradores da Universidade de Brigham Young, e vice-presidente da junta geral de educação da Igreja. Serviu durante doze anos no conselho de administradores da Universidade do Estado de Utah, em Logan, e tem sido eleito presidente daquele grupo por sete vezes. Foi também membro da junta de dirigentes da Universidade de Utah, em Salt Lake City.

Dispondo com generosidade de seu tempo, êle tem trabalhado incansàvelmente em cargos governamentais. Em 1954, inspecionou as operações de ajuda ao estrangeiro, no Oriente Próximo e em outros países, viajando pela França, Itália, Israel, Líbano, Turquia e Iram. Em maio de 1963, foi nomeado Consultor da Comissão Americana de Educação, e em 1965, tornou-se membro da Comissão Little Hoover de Utah.

Por anos e anos, o Presidente Isaacson tem feito maravilhosos comentários sôbre a eficácia da oração, aos Santos congregados em conferências gerais e em outras reuniões. Ao visitar conferências de estaca, primeiro como membro do Bispado Presidente, e depois como assistente do Conselho dos Doze, êle tem ensinado, enérgica e vigorosamente, como organizar o trabalho em tôdas as vinhas escolhidas do Senhor, para que em ambos os níveis, de liderança e de membros, o jugo seja suave, o fardo seja leve, e os chamados e escolhas mais seguros.

Harold B. Lee

DO CONSELHO DOS DOZE

"CERTA noite, há alguns anos atrás, recostado no meu leito, cheguei à conclusão de que, antes de ser dígno do alto cargo para o qual fôra chamado, teria eu que amar e perdoar tôdas as almas que percorreram a face da terra; foi neste momento que recebi entendimento, uma paz e direção, confôrto e inspiração, que me falaram de coisas do porvir, transmitindo-me impressões tais, que eu sabia serem provenientes de uma fonte divina."

É assim que Harold B. Lee descreve uma das experiências espirituais mais humildes, que o ajudaram a tornar-se o que um de seus companheiros de apostolado definiu como "um homem poderoso na moderna Israel."

A chave do caráter do Elder Harold B. Lee está na sua humildade perante Deus, e na sua intrepidez perante os homens. Inúmeras vêzes seus companheiros têm se maravilhado com o alcance de sua visão, a profundidade de seu entendimento, e a sua habilidade fantástica de chegar diretamente à verdade.

Harold B. Lee nasceu a 28 de março de 1899, em Clifton, Idaho, filho de Samuel M. e Louisa Bingham Lee. Êle e seus irmãos foram criados na fazenda da família, onde, conforme mais tarde êle falou à juventude da Igreja, "Começávamos a lida diária pouco depois do amanhecer, para que pudéssemos começar o trabalho do dia quando saísse o sol. Quando terminávamos o trabalho do dia, ainda era preciso fazer as tarefas noturnas, geralmente com a ajuda de uma lanterna."

Na sua juventude, foi muito ativo em debates, bola ao cesto e música. Depois de estudar na Escola Normal de Albion State, em Idaho, lecionou numa pequena escola de uma única sala, perto de Weston, Idaho, com uns 25 alunos e 28 aulas por dia. Êle era diretor de uma escola em Oxford, Idaho, quando foi chamado para servir na Missão dos Estados do Oeste, em 1920.

Depois de sua missão, e após completar seus estudos na Universidade de Utah, êle tornou-se diretor escolar do Distrito de Granite, no município de Salt Lake City, e depois gerente geral da Foundation Press. Em 1932, foi apontado para Comissário da cidade de Salt Lake, e mais tarde foi eleito para ocupar êste pôsto.

Durante todo êste tempo, serviu fielmente à Igreja, e em 1930 foi chamado para ser presidente da Estaca Pioneer. Sob a sua liderança, esta foi realmente uma estaca pioneira, inaugurando um programa de bem-estar que chegou a ser um modêlo para tôda a Igreja. Em 1936, a Primeira Presidência lhe ofereceu o cargo de diretor de todo o Programa de Bem-Estar da Igreja. Ocupou esta posição até abril de 1941, quando foi chamado para o Conselho dos Doze. Como apóstolo, desde o princípio, exerceu magnificamente sua liderança, sempre levando sôbre seus ombros pesada responsabilidade.

Elder Lee tem sido sempre um grande admirador e um campeão da juventude. Em 1945, transmitiu uma série de palestras radiofônicas, que foram mais tarde publicadas em um livro intitulado "Youth and the Church" (A Juventude e a Igreja). Sua fonte de compreensão sôbre a juventude e seus problemas vem de experiência pessoal.

Em 1923, casou-se com Fern Lucinda Tanner, e êles tiveram duas filhas. Sua espôsa faleceu em 1962; em 1963, êle casou-se com Freda Joan Jensen.

Em 1953, Elder Marion G. Romney, do Conselho dos Doze, escreveu um tributo ao Elder Harold B. Lee, que resume maravilhosamente a estima que êle desfruta em tôda a Igreja: "Assim é Harold B. Lee, que atualmente não está na fase final de sua carreira, mas apenas no limiar. Êle conhece a sua rota, é conhecido pelo que é, e segue avançando em seu caminho. Atrás de si, tem um registro de grandes realizações. Diante de si, abrem-se novas montanhas, as quais êle galgará não sem grandes esforços. Apoiado na sua convicção de que vive na sombra do Todopoderoso, êle não vacilará jamais. O futuro deve contar com Harold B. Lee."

Spencer W. Kimball

DO CONSELHO DOS DOZE

QUANDO Spencer W. Kimball era apenas um rapaz, seu pai disse a seu vizinho: "Irmão, êste menino Spencer é excepcional. Êle sempre faz tudo que eu peço. Eu o dediquei para que fôsse um portavoz do Senhor e de sua vontade. Algum dia o verás como um grande líder. Eu o dediquei para o serviço de Deus, e êle se tornará um homem poderoso na Igreja."

A profecia dêste pai não era mera jactância, pois mesmo quando criança, Spencer Kimball já demonstrava uma fé vívida e grande firmeza de caráter. Êle recebeu uma rica herança de nascimento: seu avô paterno foi Heber C. Kimball, apóstolo, profeta, missionário e conselheiro de Brigham Young. Edwin Wooley, o avô materno, serviu 40 anos como bispo em Salt Lake City.

Spencer Wooley Kimball nasceu a 28 de março de 1895, em Salt Lake City, filho de Andre e Olivia Wooley Kimball. Em 1898, seu pai foi chamado pela Primeira Presidência para presidir a Estaca de Saint Joseph, em Gila Valley, Arizona.

Na escola de Thacher, Arizona, Spencer foi líder de classe, estudante de mérito e atleta destacado. Depois de servir em uma missão nos Estados Centrais, onde foi presidente da Conferência de Missouri, frequentou a Universidade de Arizona. Casou-se com Camilla Eyring em 1917, e tiveram quatro filhos.

Como homem de negócios em Arizona, primeiro com um banco e depois como gerente-proprietário de uma companhia de seguros e imóveis—Spencer Kimball ocupou muitos cargos de responsabilidade em organizações cívicas e profissionais, incluindo escotismo, educação, govêrno, câmara de comércio e Rotary Club.

Porém, para Spencer W. Kimball, o trabalho do Senhor sempre esteve em primeiro lugar. Aos 22 anos de idade, foi secretário da Estaca de Saint Joseph; seis anos mais tarde, tornou-se conselheiro na presidência da estaca. Em 1938, foi chamado como primeiro conselheiro da recém-formada estaca de Mt. Graham. Depois, em 8 de julho de 1943, veio o chamado para servir como membro do Conselho dos Doze.

No seu primeiro discurso pronunciado numa conferência geral, êle relatou que, assim como Jacob lutara uma noite inteira, "até que raiava a alva", para receber uma bênção, êle também passara pela mesma experiência durante 85 noites, "orando ao Senhor que me fortalecesse e me fizesse dígno de cumprir com a responsabilidade que caíra sôbre mim."

O Senhor o tem fortalecido durante tôda a sua vida, apesar de uma série de aflições que teriam derrubado homens mais fracos, e isto é um testemunho para êle, bem como para todos que o conhecem. Aos sete anos, esteve a ponto de morrer afogado. Aos dez, sofreu uma paralisia facial. Aos onze, perdeu sua mãe, e aos doze anos teve febre tifóide. Já adulto sofreu um severo ataque de coração, e em 1957 foi operado de uma enfermidade na garganta, tendo os médicos que remover-lhe uma corda vocal, e parte de outra. Desta maneira, êle foi forçado a aprender a falar, e hoje sua voz soa grave e profunda. Sobrepujando tôdas estas dificuldades, desenvolveu uma fé profunda e duradoura no poder e propósitos do nosso Pai Celestial.

Um de seus companheiros de apostolado disse: "Êle é um homem de fôrça e dignidade, apresentável e persuasivo, sobretudo um homem de fé. Crê que o impossível torna-se possível com a ajuda de Deus. Conhece a profunda importância de seu chamado, dedicando-se a êle com uma devoção que é rara entre os homens."

Verdadeiramente, a profecia de seu pai tornou-se realidade. Através do seu serviço, seu amor pelos seus semelhantes, o testemunho forte e profundo que êle sempre proclama, Spencer W. Kimball realmente chegou a ser um homem grandioso na Igreja!

Ezra Taft Benson

DO CONSELHO DOS DOZE

O fato passou-se no Hotel Comodoro, em New York, onde o Presidente recém-eleito iria reunir-se com seu novo Gabinete. Poucos momentos antes da reunião, o novo Secretário da Agricultura, Ezra Taft Benson, sugeriu que seria conveniente e apropriado iniciar com uma oração. O General Dwight D. Eisenhower não lhe respondeu imediatamente, mas depois de convocar a reunião, pediu ao Secretário Benson que oferecesse uma oração.

O Secretário Benson, ainda que tomado de surprêsa, estava bem preparado para a designação, pois oração espontânea era um hábito profundamente arraigado em si. Com humildade e confiança, orou fervorosamente, agradecendo a Deus pela liberdade, pela Constituição, e pela generosidade da terra. Suplicou por orientação divina, por espírito de discernimento, por unidade e dedicação ao bem estar do povo.

O fato de haver Ezra Taft Benson sugerido ao General Eisenhower primeiro, que se fizesse a oração, e depois, estar preparado para oferecê-la, não foi surprêsa para os seus amigos e associados, porque a religião de Elder Benson sempre estêve em primeiro lugar em sua vida; êle nunca permitiu que qualquer posição ou honra interferisse com as suas atividades na Igreja, seus padrões e sua devota forma de viver.

Êle nasceu a 4 de agôsto de 1899, numa fazenda perto de Whitney, Idaho, filho de George T. Benson Jr. e Sarah Dunkley. Sendo o mais velho de onze filhos, quando êle tinha catorze anos seu pai foi chamado para servir numa missão, e êle e seus irmãos encarregaram-se da administração da fazenda. Mais tarde, êle estudou na Faculdade Agrícola de Utah, (que atualmente é conhecida como a Universidade do Estado de Utah), e também na Universidade de Brigham Young, onde formou-se. Fêz os seus estudos post graduados na Universidade do Estado de Iowa. Serviu uma missão nas Ilhas Britânicas.

Casou-se com a noiva do seu tempo de estudante, Flora Amussen, e êles são pais de dois filhos e quatro filhas. De Iowa, voltaram para a fazenda da família, em Whitney. Aqui, a capacidade de liderança de Ezra Taft Benson o levou a agente agricultor do município, secretário do Conselho de Cooperativas em Boise, e finalmente a secretário do Conselho Nacional de Cooperativas Agrárias em Washington D.C.

Serviu também fielmente em muitos cargos na Igreja, sendo presidente da Estaca de Boise e presidente da Estaca de Washington, quando, em 26 de julho de 1943, o Presidente Heber J. Grant lhe disse: "O senhor foi escolhido como o apóstolo mais jovem da Igreja."

Elder Benson deixou imediatamente seu trabalho em Washington e se entregou de todo coração ao serviço do Senhor, o qual para êle está em primeiro lugar. Mas outras responsabilidades o esperavam. Em 1952, o General Eisenhower lhe pediu que aceitasse o cargo de Secretário da Agricultura. Apresentando uma série de objeções a respeito, êle disse ao Presidente Eisenhower que nunca poderia comprometer os seus princípios e crenças religiosas, ao que o Presidente Eisenhower replicou: "Certamente o senhor sabe que temos a grande responsabilidade de restituiu ao povo a confiança no seu próprio govêrno, que precisamos também nos ocupar de assuntos espirituais." Por conseguinte, Ezra Taft Benson aceitou a responsabilidade, servindo por oito anos durante a administração de Eisenhower. Êle sempre se manteve resoluto e fiel às suas convicções, ganhando a admiração e o respeito da nação inteira.

Atualmente, tendo voltado ao seu lugar no Conselho dos Doze, Elder Benson é um grande defensor do Evangelho e da Constituição dos Estados Unidos. "É minha crença firme" diz êle, "que o Deus dos Céus criou os pais fundadores e os inspirou a estabelecer a Constituição desta terra. A liberdade é um princípio eterno dado por Deus, uma herança mais preciosa do que a própria vida." Êste testemunho êle compartilha com membros e não membros da Igreja, em todo o mundo.

Mark E. Petersen

DO CONSELHO DOS DOZE

O apóstolo Mark E. Petersen tem passado tôda a sua vida trabalhando com palavras—orais ou escritas, mas sempre palavras. As palavras em suas mãos ganham vida, parecem ter um maior significado e explicar um tema com maior clareza.

Simplesmente por escutar ou ler as palavras de Mark Petersen, fazemos idéia da classe de homem a que êle pertence. Sua voz de barítono, controlada por uma dicção impecável e distinta, demonstra uma eloquência original, bem como extraordinária energia. Seu modo de ser sincero e desprentencioso inspira confiança, revelando uma personalidade radiante e cordial. Podemos instintivamente notar suas maneiras educadas e seu porte elegante.

A personalidade de Mark Petersen reflete a carreira jornalística de sua juventude. Êle e sua irmã gêmea nasceram a 7 de novembro de 1900, em Salt Lake City, e são filhos de humildes conversos dinamarqueses, chamados Christian e Christine Andersen Petersen. Quando menino, Mark entregava jornais, para ganhar o seu próprio sustento. Aos sábados, e durante os verões, ajudava seu pai num pequeno negócio de construção. O amor à carpintaria, nêle incutido nos dias da infância, ainda persiste.

Após sua missão na Nova Scotia, o jovem Mark, com 23 anos de idade, começou a trabalhar para o jornal Deseret News, como repórter principiante. Poucas são as profissões que exigem a competência requerida pelo jornalismo, pois diàriamente, e mesmo quase a tôda hora, o jornalista toma decisões que afetarão milhares de pessoas. O jornalismo não é lugar para se tratar de interêsses pessoais, à custa do interêsse público. É uma vida de trabalho árduo, rápido, intenso, inteligente e preciso—sempre sob a pressão de compromissos diários.

As habilidades inatas e o caráter honesto de Mark Petersen floresceram neste ambiente de tal maneira, que em poucos anos, sua capacidade de liderança o levou às posições de editor de notícias, gerente, diretor geral, e finalmente ao cargo para o qual foi recentemente reindicado—o de Presidente da Deseret News Publishing Company.

Antes de iniciar sua carreira de jornalista, casou-se com Emma Marr MacDonald, a quem conheceu quando, ao mudar-se para uma nova ala, pediram-lhe para dirigir o côro do qual ela era a organista. O amor de ambos pela música, os tem muitas vêzes levado a encorajar a apreciação da mesma nos lares mórmons. O casal tem duas filhas.

Poucos anos mais tarde, pediram ao Elder Petersen que servisse na junta geral da Escola Dominical. Quando chegou a ser gerente da Deseret News, já havia servido em dois sumo conselhos, fôra segundo conselheiro na presidência de uma estaca, e primeiro conselheiro em outra, viajara por muitos lugares da Igreja, dirigindo convenções, como diretor da Sociedade Genealógica.

Em 1944, com 43 anos de idade, foi chamado ao apostolado, iniciando assim sua nova carreira; a de testificar a todo o mundo a verdade de Jesus Cristo.

Seu treino com o uso das palavras iria agora espalhar suas sementes. É autor de inúmeros panfletos, boletins, livros e editoriais para a Igreja, sendo ainda um orador excepcional.

Sua experiência diária, solucionando grandes problemas, especialmente sua habilidade de chegar à sua raiz, seria agora aplicada ao serviço do Senhor.

Qualquer que fôsse o rumo que sua carreira tomasse, Mark Petersen se elevaria bem acima de seus semelhantes. Após ouví-lo falar, um líder de govêrno do estrangeiro comentou: "Êste homem tem tal autoridade própria como nunca antes encontrei. Se eu fôsse cristão, diria que Deus o reservou para uma época especial e para uma obra especial na história do mundo." E assim Êle o fêz.

Delbert L. Stapley

DO CONSELHO DOS DOZE

"NINGUÉM está inteiramente a par das grandes qualidades de Delbert L. Stapley," diz um colega do apostolado, "porque elas formam sua personalidade como um todo, sem predominâncias. Elas são tão bem equilibradas que o que impressiona é a grandeza harmoniosa de sua pessoa."

A palavra grandeza também o define fìsicamente, pois Delbert L. Stapley tem 1.88m. de altura, e êle é realmente grande em tôdas as suas qualidades humanas: tem grandeza de alma, de coração, de competência, mas principalmente grandeza de fé.

"Quando êle ora," diz um amigo, "sua voz torna-se suave. Há súplica no seu tom, e êle fala como se estivesse conversando com alguém a quem bem conhece, e em quem tem grande confiança. A intensidade de suas orações sem dúvida alguma é a razão pela qual muitas pessoas tem sido curadas pelo Senhor através de suas mãos."

Os que o conhecem, frequentemente comparam a sua majestosa grandeza com a de Pedro, que andava entre os Santos primitivos, curando-os e abençoando-os.

Delbert L. Stapley cresceu em Mesa, onde nasceu a 11 de dezembro de 1896, sendo filho de Orley Seymour e Polly May Hunsaker Stapley. Êle se recorda de sua juventude "administrando a fazenda, ordenhando as vacas e cuidando do pomar."

Aos anos, Delbert—então um atleta de valor-desistiu de uma oferta para jogar baseball com um time de categoria elevada, e aceitou o chamado para servir na Missão dos Estados do Sul do país. Quando se dirigia para lá, recebeu a sua bênção patriarcal, que entre outras coisas lhe prometia muita responsabilidade e muitas viagens pela causa do evangelho.

Nos 35 anos seguintes, Delbert Stapley iria viajar muito raramente. Logo após sua missão, casou-se com sua namorada de escola, Ethel Davis; tiveram um filho e duas filhas.

Aos 25 anos, êle era membro do Conselho da Cidade de Mesa, e durante os anos que se seguiram, contribuiu para o progresso e crescimento de Arizona. Dirigiu e participou de muitos grupos e estudos cívicos, foi co-fundador da Associação de Escoteiros da América em sua área, e logo tornou-se presidente da firma de ferramentas e artigos de oficina, pertencente à sua família.

Seu serviço na Igreja se caracterizou por designações em longos termos. Quando lhe davam uma tarefa, e sua capacidade se demonstrava, ninguém queria desobrigá-lo do cargo. Aos 22 anos foi assistente do superintendente da A.M.M. da estaca. Dezessete anos mais tarde, ainda servia na A.M.M. da estaca, mas como superintendente. Da mesma maneira, serviu como membro do sumo conselho por 12 anos. A juventude o ama; muitos rapazes vão para a missão porque Delbert Stapley também foi missionário; os líderes o respeitam. Seus admiradores o chamam "Sr. A.M.M.", "Sr. Responsabilidade", "Sr. de Confiança".

Serviu durante dez anos como primeiro conselheiro da estaca, antes de ser nomeado presidente da estaca de Phoenix, em 1947.

Três anos mais tarde, enquanto êle estava em Salt Lake City assistindo à conferência geral, o Presidente George Albert Smith o encontrou saindo do elevador do hotel, e lhe disse: "O senhor é justamente o homem a quem procuro." Ali no saguão do hotel, informou-o do seu chamado para o apostolado.

A hora de Delbert Stapley "viajar muito pela causa do evangelho" chegara. Êste homem valoroso, de grande bondade interior, personalidade afetiva, poder de organização, constância e fé inabalável, é agora uma bênção para tôda a Igreja. Não apenas a firma da família, a cidade ou o estado pedem agora o seu conselho, mas um reino inteiro o procura. O Senhor sabe que Delbert L. Stapley está à altura do trabalho que lhe foi confiado.

Marion G. Romney

DO CONSELHO DOS DOZE

"EU estava lendo o livro de Mórmon com um de meus meninos," disse Marion G. Romney, ao dirigir-se aos Santos. "Estava recostado na cama inferior do beliche, e êle na superior. Percebi que sua voz se tornava rouca e interrompida, com se estivesse resfriado, mas continuamos a leitura até o fim do capítulo. Ao terminarmos, êle perguntou: "Papai, o senhor já chorou alguma vez, ao ler o Livro de Mórmon?"

"Sim, meu filho," respondi-lhe. "Algumas vêzes o espírito me dá tal testemunho de que o Livro de Mórmon é verdadeiro, que chego a chorar."

Quem quer que tenha ouvido Marion G. Romney prestar seu testemunho, sabe que o Espírito do Senhor se manifesta através dêle. Não só o Elder Romney sente-se emocionado, mas muitas pessoas se comovem ao escutar a sua voz. O Senhor usa de maneira doce e inspiradora o espírito puro e honesto de Marion G. Romney.

Aquêles que o conhecem, dizem dêle o mesmo que Jesus disse de Natanael, "Eis aqui um verdadeiro Israelita, em quem não há engano."

Um de seus amigos, membro do apostolado, diz que "talvez haja poucos, se houver algum, que conheçam mais profundamente os princípios e ensinamentos do evangelho."

Êste conhecimento foi adquirido no decorrer de uma longa e extraordinária carreira. Os obstáculos tentaram retardá-lo, mas ao mesmo tempo prepararam Marion G. Romney para o seu destino.

Êle nasceu a 19 de setembro de 1897, numa colônia dos Santos dos Últimos Dias, a Colônia Juarez, no México, sendo filho de George S. e Artemesia Redd Romney. Em 1912, veio a Revolução Mexicana. Exércitos rebeldes andavam à sôlta, e os colonos tiveram que sair do país. O pai de Marion o encarregou de trazer a família em segurança a El Paso, mas quando êle conduzia os cavalos e a carroça pela estrada abaixo, indivíduos do exército rebelde os detiveram e lhes roubaram todo o dinheiro que tinham, um total de 20 pesos.

"Então êles se voltaram, puxaram suas armas, e eu observei os canos dos rifles, que me pareceram enormes. Esperei que êles disparassem, mas por alguma razão, não o fizeram, e eu vivi para contar a história," disse Marion G. Romney.

A família, destituída de suas posses, mudou-se do Texas para a Califórnia, e mais tarde para Idaho, onde o pai de Marion, um conceituado professor, foi nomeado diretor da Universidade de Ricks, na cidade de Rexburg.

Conseguir uma educação universitária foi um processo bem lento para Marion. Contudo, entre uma missão cumprida na Austrália, seu casamento com Ida Jensen em 1924 (êles têm dois filhos) e períodos de trabalho para sustentar a família, êle determinantemente completou a sua educação. Aos 23 anos, êle formou-se na Escola Normal Ricks, (onde êle foi um grande jogador de basquetebol e futebol) e aos 28 anos formou-se na Universidade de Utah. Aos 34, recebeu o diploma de advogado.

Em pouco tempo, tornou-se bispo e depois Presidente da Estaca de Bonneville, em Salt Lake City; em sua profissão, foi assistente do procurador do município, distrito e cidade, e legislador do estado. Um ex-oficial público referiu-se a êle, dizendo: "Os políticos do partido cêdo aprenderam a admirá-lo, por sua intensa lealdade à própria consciência. Êle jamais comprometeu seus ideais por vantagens ou conveniências."

Os homens viam nêle o que o Senhor já conhecia. Em 1941, foi chamado para ser Assistente do Conselho dos Doze, e em 1951 entrou para o apostolado, onde "sua compreensão extraordinária o destacou como um conselheiro sábio," principalmente pela maneira com que êle por muitos anos dirigiu o plano do bem estar.

Uma das designações que êle tem atualmente é a de administrar as missões mexicanas, centro-americanas, e as missões de língua espanhola nos Estados Unidos. Seu amor pelo povo de idioma espanhol, a quem êle tão bem conheceu e amou na juventude, faz dêle atualmente, "um conselheiro sábio" a favor dêste povo.

LeGrand Richards

DO CONSELHO DOS DOZE

QUEM ouve LeGrand Richards falar, nunca pode esquecê-lo. Seus sermões plenos de experiências pessoais e de um serviço missionário quase inacreditável para a Igreja, são expressados de maneira fluente e rápida, fazendo com que êle ganhe a estima de todos os que estiveram sob o som de sua voz. Escutá-lo é das experiências mais agradáveis e inspiradoras, que atestam a plenitude do Espírito do Senhor sôbre êle.

Mal sabiam seus pais (George F. e Alice Robinson Richards) do destino do pequeno LeGrand, nascido a 6 de fevereiro de 1886 em Farmington, Utah; mas seus jovens amigos de Tooele, Utah, onde êle cresceu na fazenda de seu pai, sabiam que o Senhor realmente o protegia. Duas vêzes escapou da morte, a primeira de um golpe de machado, e a segunda quando, ao cair de uma carroça, as rodas passaram por sua cabeça.

Depois de formar-se no curso secundário, foi para a casa de um irmão mais velho em Salt Lake City, e terminou em 12 meses um curso comercial de 18 meses. Além disso, foi mestre familiar de um distrito tão grande que era necessário fazer visitas duas noites por semana, para cobrir a área tôda.

Aos 19 anos, desistiu de uma ótima oferta para trabalhar com uma conceituada firma, para servir em uma missão nos Países Baixos—a primeira de suas quatro missões, sôbre a qual êle comentou: "Tive experiências tão maravilhosas que às vêzes parecia que eu caminhava e falava com o Senhor."

Ao regressar ao lar, prestou relatório no Escritório do Bispado Presidente, e depois aceitou um emprêgo em Portland, Oregon. No mesmo ano, em 1909, casou-se com Ina Jane Ashton, e tiveram oito filhos.

Enquanto em Oregon, foi presidente de um ramo da Igreja, e aos 27 anos, aceitou o chamado para dirigir a Missão dos Países Baixos.

Cumprido êste chamado, êle serviu três vêzes como bispo, e duas vêzes como membro do sumo conselho. Em 1931, o Presidente Heber J. Grant pediu-lhe para vender sua companhia de imóveis e mudar-se para a Califórnia, como Presidente da Estaca de Hollywood.

Sacrifício já era algo arraizado em LeGrand Richards de 45 anos de idade, e sua família.

Cinco anos antes havia acedido ao chamado do Presidente Grant, que chamara 1000 missionários para servir por um curto período de tempo, deixando a espôsa, as crianças e os negócios, para trabalhar na Missão dos Estados do Leste.

Enquanto servia como presidente da Estaca de Hollywood, aceitou o chamado para ser presidente da Missão dos Estados do Sul. Quatro anos mais tarde, enquanto era ainda presidente da missão, êle sonhou que encontrara o Presidente Grant, o qual lhe dissera ter uma bênção especial para êle. Quando despertou, não podia recordar-se da bênção, mas lembrou-se bem da emoção que havia sentido. Dentro de um ano, foi chamado para Bispo Presidente da Igreja.

Quatro anos depois, enquanto trabalhava arduamente, sofreu um forte ataque de coração Mas Elder Harold B. Lee, chamado para administrar a êle, testificou que ao impôr as mãos sôbre sua cabeça, soube que o Senhor o preservaria para trabalhos posteriores.

Uma década mais tarde, em 1952, Elder Richards foi chamado para o Conselho dos Doze, sendo êle o terceiro apóstolo da família Richards, em descêndencia direta. Ambos, seu pai, George F. e seu avô Franklin D., serviram como presidentes do referido conselho, assim destacando notàvelmente os anais da família.

Talvez a homenagem mais adequada que podemos prestar a LeGrand Richards, é chamá-lo "Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro," o título do seu conhecido livro sôbre a Igreja. Nenhum homem mereceria melhor tal descrição.

Richard L. Evans

DO CONSELHO DOS DOZE

RICHARD L. Evans é um homem que sabe fazer uso das palavras, que conhece o seu sentimento e som, seu poder e beleza, o sábio emprêgo, o fraseado emotivo e a sua verdade.

Seu avô o sabia. David W. Evans era gramático, editor de jornal e repórter-taquígrafo dos discursos do Presidente Brigham Young no Tabernáculo.

Seu pai também o sabia. John Allridge Evans foi repórter taquígrafo, e na ocasião de sua morte, era editor geral do jornal Deseret News.

Êste dom peculiar de usar as palavras moldou o futuro de Richard L. Evans.

Nasceu de família rica em fé pioneira, com dons para a música e literatura, e abençoada com a bondade do Senhor. Seu pai, John A. Evans, faleceu quando Richard tinha apenas dois meses e meio de idade, e sua mãe, Florence Neslen Evans, estabeleceu a unidade da família em fortes elos de amor e trabalho.

Nascido a 23 de março de 1906, Richard ganhou muito cêdo um conhecimento direto das realidades da vida. Trabalhou em várias ocupações, confirmando bem o que disse posteriormente: "As oportunidades são ilimitadas."

Destacando-se por importantes contribuições em debates na escola secundária, mereceu uma bôlsa de estudos, que o ajudou durante dois anos na Universidade de Utah. Em 1926, cumpriu missão na Grã—Bretanha, onde trabalhou no Distrito de Norwich, tornando-se editor associado do jornal Millennial Star, e mais tarde foi secretário da Missão Européia.

Trabalhando com dois líderes espirituais do calibre do Dr. James E. Talmage e Dr. John A. Widtsoe, Elder Evans foi cuidadosamente treinado para o futuro trabalho de sua vida. Êle se recorda que teve de escrever um editorial nove vêzes, antes que o Dr. Talmage o aceitasse.

Richard L. Evans voltou da Europa em 1929 para continuar seus estudos na Universidade de Utah. Formou-se em Inglês e Economia, com graus elevados. Seu treinamento post-graduado também foi feito na Universidade de Utah. Trabalhou na Rádio KSL como locutor, em breve recebendo designações radiofônicas mais importantes, como escritor, produtor, e até oficial administrativo. "Música e a Palavra Inspirada," o programa de transmissão mais antigo de todo o país, transmite semanalmente suas clássicas mensagens de inspiração, diretamente da Praça do Templo em Salt Lake City.

Através de mais de uma dezena de livros e muitos artigos, que foram publicados em grandes jornais, suas palavras levam a sua crença e filosofia para o mundo inteiro.

Elder Evans e sua espôsa, Alice Thornley Evans, a quem êle esposou em 1933, têm quatro filhos, que se deleitam com o bom humor de seu pai e apreciam a sua engenhosidade.

Os dons, as habilidades e as palavras de Richard L. Evans sempre estiveram a serviço da Igreja. Em 1935, tornou-se membro da junta geral da Associação de Melhoramentos Mútuos, para jovens; em 1936, começou a trabalhar na diretoria da revista The Improvement Era, da qual êle tem sido editor desde 1950. Na Conferência Geral de Outubro de 1938, êle foi apoiado membro do Primeiro Conselho dos Setenta. Nesta ocasião, o Dr. John A. Widtsoe comentou: "Êle vem para o Conselho com uma visão inteligente do futuro da Igreja, e com a esperança, fé e vigor da juventude." Em outubro de 1953, Richard L. Evans foi chamado para servir como membro do Conselho dos Doze. As palavras que êle pronunciou nesse momento são uma síntese dos seus anos de serviço: "Prometo . . . tudo que há de bom e proveitoso em mim."

Estendendo êste espírito de serviço para com a Igreja e com seus semelhantes, Elder Evans foi, em 1966, nomeado presidente do Rotary Club Internacional. Hoje o seu desafio atinge todo o globo: "Os problemas de nossas comunidades e as necessidades do mundo são ilimitados. Também o são nossas oportunidades."

Howard W. Hunter

DO CONSELHO DOS DOZE

"SENDO que poucos de vocês me conhecem, permitam-me ser um tanto pessoal esta tarde."

O orador era o Elder Howard W. Hunter; lugar, Tabernáculo da Praça do Templo em Salt Lake City; ocasião, Conferência Geral de outubro de 1959. Howard William Hunter, neste dia, fôra apoiado pela Igreja como membro do Conselho dos Doze. Os ouvintes admiraram-se do entusiasmo que êste homem irradiava pela vida, o que tem sido uma parte bem importante do seu progresso.

"Vivi quase tôda a minha vida na Califórnia, disse êle, tendo nascido em Boise, Idaho." John William Hunter e Nellie M. Rasmussen Hunter viviam em Boise, Idaho, quando nasceu Howard William, em 14 de novembro de 1907.

Quando jovem, seu amor pela vida demonstrava-se na apreciação que tinha por seus pais, no amor por todos os sêres viventes (sempre trazia para casa animaizinhos que encontrava perdidos), e sua lealdade para com os amigos. Fazia amizades fàcilmente, e ainda que muitos de seus companheiros não fossem membros da Igreja, tinham por êle respeito e admiração, por seu caráter e liderança. Aprendeu a trabalhar bem cêdo na vida, vendendo jornais, entregando telegramas, trabalhando em uma agência de jornais. Foi excelente aluno na escola, sendo o segundo menino de Idaho a receber o distintivo da Águia, no Escotismo. Seu talento natural pela música fêz com que no seu tempo de estudante organizasse uma banda de cinco instrumentos.

Ao formar-se na escola secundária, Howard entrou na Universidade de Washington. Em 1927, foi para o sul da Califórnia, onde conseguiu um emprêgo como caixa de um banco. Num baile dos Mestres Cavalheiros e Ceifeiras, da Associação de Melhoramentos Mútuos para jovens, êle conheceu uma jovem chamada Clara May Jeffs; casaram-se em 1931, no Templo de Salt Lake City.

Enquanto êle progredia como bancário, passando a assistente de tesoureiro e depois a examinador do Departamento Bancário do Estado da Califórnia, estudou Direito no curso noturno da Universidade do Sudoeste de Los Angeles. Recebeu o diploma de Bacharel com honra ao mérito em 1939, e no outono daquele ano foi inscrito como advogado no fôro.

"Antes que eu me formasse na escola de Direito, tivemos três meninos," disse Elder Hunter, continuando a sua história. "Sinto-me agradecido à Igreja pelo que ela tem representado em nossas vidas."

Sua dedicação e amor pela Igreja são evidentes através de sua vida de serviços e atividades. Como diácono, na Ala de Boise, o jovem Hunter foi o primeiro a oferecer vinte e cinco dólares para a construção de uma nova capela. Logo após mudar para a Califórnia, serviu como chefe dos escoteiros, e mais tarde como diretor de tropas e comissário-assistente do Distrito de Escoteiros do Conselho Metropolitano de Los Angeles. Foi professor de uma classe de genealogia para jovens, sendo que seus dezesseis alunos se casaram no templo.

Em setembro de 1941, Elder Hunter foi chamado para ser o bispo da Ala El Sereno, na Estaca de Pasadena. Em 1948 foi chamado para fazer parte do sumo conselho da Estaca de Pasadena. Em 1959 veio o chamado para o conselho dos Doze.

Servindo silenciosa e de bom grado ao lado de seu espôso, Clara May Jeffs Hunter criou e educou seus dois filhos. (o terceiro morreu quando pequeno). Os dois rapazes serviram missão na Austrália, e terminaram o programa de escotismo com o distintivo da Águia.

"Estou disposto a devotar a minha vida e tudo o que me pertence a esta Igreja," disse Elder Howard Hunter, do Conselho dos Doze. "Sejamos os discípulos do Senhor abertamente, sem temor e com tôda a devoção.

Gordon B. Hinkley

DO CONSELHO DOS DOZE

1933. No ano anterior, Gordon B. Hinckley formara-se na Universidade de Utah, e estava então trabalhando para financiar outros estudos na Universidade de Colúmbia. A depressão que atingiu todo o país não deixou escapar o lar de Bryant S. e Ada Bitner Hinckley, em Salt Lake City, onde nasceu Gordon, a 23 de junho de 1910. O dinheiro era escasso, e pouquíssimos rapazes estavam aceitando os chamados para as missões. Gordon aceitou o chamado para pregar o evangelho na Grã-Bretanha, e êste foi o início de uma vida de amor e de serviço.

Posteriormente, êle comentou: "Quero expressar minha apreciação pela minha mãe, tão bondosa e fiel. Ela faleceu três anos antes de eu sair para a missão, mas descobrimos depois que, durante anos, ela economizou centavos e centavos, conseguindo um fundo no banco para que seus filhos pudessem ir para o campo missionário, apesar das dificuldades que a família pudesse encontrar."

O primeiro lugar de trabalho do Elder Hinckley foi Preston, no norte da Inglaterra. Êle prestou seu testemunho no Hyde Park, em Londres, e foi também assistente do Elder Joseph F. Merrill, do Conselho dos Doze, que nesta época presidia a Missão Européia.

Gordon fêz planos para visitar a Terra Santa, ao ser desobrigado de sua missão, mas o Presidente Merrill disse: "Gordon, você deve ir a Salt Lake City o mais cêdo possível, e informar a Primeira Presidência dos problemas das missões e de literatura." Desta maneira, êle voltou imediatamente a Utah. Poucos dias depois de sua entrevista com a Primeira Presidência, foi-lhe dado um escritório, e um novo trabalho, e pouco depois tornou-se secretário executivo do comitê de rádio, publicidade e literatura para tôdas as missões.

O novo encargo missionário de Elder Hinckley era o de produzir filmes, panfletos, livros, gravações e programas radiofônicos, para a exibição da Igreja na Feira Mundial de São Francisco; também foi encarregado da tradução do Livro de Mórmon e outras escrituras em muitas línguas.

Em abril de 1937, Gordon casou-se no Templo de Salt Lake City, com uma jovem que êle conhecia desde a sua infância, Marjorie Pay. Seu lar foi abençoado com cinco filhos.

Elder Hinckley foi vice-presidente e diretor da Recording Arts Inc., e também diretor da Rádio Service Corporation de Utah. Em 1937, foi nomeado membro da junta geral da Escola Dominical, escrevendo manuais de lições sôbre o Velho Testamento e o Livro de Mórmon.

Em 1951, foi nomeado secretário executivo do comitê missionário, trabalhando com presidentes de missões, na escolha e preparação de missionários e relatórios de missões.

Em 1953, foi encarregado da produção de material do templo em treze línguas diferentes, e participou da dedicação e início do trabalho nos templos da Suiça, de Londres e Nova Zelândia. Era Presidente da Estaca de East Mill Creek quando foi chamado como Assistente do Conselho dos Doze, e em 1961 foi apoiado membro do Conselho dos Doze.

Como autoridade geral da Igreja, Elder Hinckley chegou a conhecer os missionários e seus problemas nas missões do Extremo Oriente, Japão e Coréia, bem como tôdas as outras missões da Igreja. Os missionários sempre sentiram grande simpatia por êle, pois onde quer que êle esteja, é sempre um missionário. Êle encoraja os outros a serem o mesmo. "É tão simples," diz êle. "Tenha apenas a fé para tentar."

"Sempre serei grato ao bispo que me recomendou para uma missão," êle acrescenta. "Não conheço nenhuma outra obra na qual o Senhor tem prometido maior alegria, para aquêles que a ela se dedicam."

Thomas S. Monson

DO CONSELHO DOS DOZE

"VOCÊ possui o Sacerdócio de Melquizedec, Tom. Abençoe-me, por favor."

Na estação de Treinamento Naval, em San Diego, Califórnia, Thomas S. Monson ajoelhou-se ao lado de seu companheiro de bordo, e escutou a sua súplica. Tom fôra ordenado Elder da Igreja aos 18 anos, pouco antes de entrar para a Marinha, para defender o seu país na Segunda Guerra Mundial. Com grande humildade, êle impôs suas mãos sôbre a cabeça do jovem enfêrmo, e diante de duzentos olhos sonolentos dos recrutas, abençoou o companheiro. No dia seguinte, o rapaz sentiu-se recuperado, e saiu a cumprir as suas responsabilidades diárias.

A humildade de Thomas Monson, bem como sua fé e poder naquela noite memorável, evidenciaram-se na Conferência Geral de 4 de outubro de 1963, quando êle solicitou o apôio dos membros da Igreja ao aceitar o seu chamado para servir como membro do Conselho dos Doze. Em seu discurso, êle disse: "Com profunda humildade e um enorme sentimento de insuficiência, suplico pelas suas orações em meu favor."

Modesto, mas capaz, ansioso por servir e poderoso em sua fé, Thomas S. Monson demonstrou desde cêdo notáveis qualidades de liderança. Sendo um dos seis filhos que abençoaram o lar de G. Spencer e Gladys Condie Monson, Thomas Spencer nasceu a 21 de agôsto de 1927, em Salt Lake City, Utah.

Estudou na Escola Secundária West, e depois serviu na Marinha dos Estados Unidos. Em 1948, formou-se com honra na Universidade de Utah, em Administração Econômica. Depois de sua formatura, casou-se com Frances Beverly Johnson, no Templo de Salt Lake City, em 7 de outubro de 1948. Iniciou sua carreira profissional com o jornal Deseret News. Foi gerente do departamento de anúncios classificados da Newspaper Agency Corporation, e mais tarde trabalhou na gerência da Deseret News Press.

Aos 22 anos, foi nomeado bispo da antiga Ala Sixth-Seventh, da Estaca Temple View. Tendo servido cinco anos como bispo, foi chamado para conselheiro na presidência da mesma estaca.

Então veio o chamado do Presidente David O. McKay para presidir a Missão Canadense. Elder Monson e sua espôsa levaram consigo para o Canadá, seu filho Thomas Lee, e a filha Anne Francis. O segundo filho, Clark Spencer, nasceu enquanto êles estavam no campo missionário.

A fé de Elder Monson no poder da oração é tremenda, e seu serviço vigoroso no chamado do Mestre, trouxe experiências comoventes nos anos de missão. Certo dia, em seu escritório, conversava com um missionário recém-chegado, que se sentia entristecido porque o pai não era membro da Igreja. Sem hesitação, e inspirado por uma fonte mais elevada do que a humana, Elder Monson disse ao jovem: "Elder, se você servir ao Senhor honesta e diligentemente, proclamando sua mensagem, seu pai se afiliará a Igreja antes do término de sua missão." Os dias passaram a semanas, as semanas a meses, e um dia, pouco antes da desobrigação de Elder Monson, êste recebeu uma carta do pai do missionário; êle fôra batizado, e era diretor de atletismo na A.M.M.

Elder Monson fala com firme conhecimento quando diz: "Eu sei que Deus vive . . . que êste é o seu trabalho, e que a experiência mais agradável desta vida é sentir a sua presteza em nos dirigir no crescimento de seu trabalho."

Quando recebeu o seu chamado em 1963, Elder Monson estava servindo no comitê de correlação de adultos e no comitê de mestres familiares. Êle é um dos homens mais jovens que foram chamados para o Conselho dos Doze, em muitos anos, e sua experiência com a juventude da Igreja, sua receptividade e adaptabilidade, sua maneira entusiástica de falar, o fazem dígno da confiança e simpatia dos Santos, em todo o mundo.

Tornará o Homem a Viver?

Nossa quarta discussão sôbre Genealogia aborda o palpitante tema da ressurreição.

Nenhuma pergunta jamais formulada causou mais admiração ao homem através das eras que a feita por Jó a seus amigos, quando disse: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14).

Como não houvesse resposta, o próprio Jó declarou: "Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem! Quem me dera que se gravassem num livro! E que, com pena de ferro e com chumbo para sempre fôssem esculpidas na rocha! Porque eu sei que o meu Redentor vive e que por fim se levantará sôbre a terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. E vê-lo-ei por mim mesmo e os meus olhos, e não outros, o verão; e por isso os meus rins se consomem dentro de mim." (Jó 19:23-27).

A questão da natureza eterna do homem tem sido debatida tanto por cristãos como não-cristãos. Jesus Cristo, o Filho de Deus, esclareceu o eterno significado da vida quando disse a Marta, irmã de Lázaro, estas palavras: "Teu irmão há de ressuscitar. Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquêle que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto? Disse-lhe ela: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo." (João 11:23-27).

O homem é eterno. Êle é filho de Deus. Foi criado à imagem de Deus e o seu dever se resume em servir a seu Pai Celestial de todo o coração, poder, mente e fôrça. O Senhor prometeu aos antigos santos desta dispensação que "tôda a alma que renunciar aos seus pecados e vier a mim, e invocar o meu nome, e obedecer a minha voz, e guardar os meus mandamentos, verá a minha face e saberá que eu sou." (D. & C. 93:1).

Se não fôssemos sêres eternos, não haveria razão para a missão de Cristo. Não poderia ter havido queda, nem existiria redenção. O homem estaria eternamente perdido na escuridão do esquecimento.

A ressurreição de nosso Senhor, Jesus Cristo, foi realidade. Êle verdadeiramente levantou da tumba. E voltou a seus discípylos e falou com êles. Pediu a Tomé que pusesse o dedo e visse suas mãos; e que metesse a mão no seu lado. Depois ordenou-lhe que não fôsse incrédulo, mas crente. (vide João capítulo 20). O Salvador comeu com seus discípulos e aconselhou-os a sair e prestar testemunho de que êle era o Cristo vivo.

Se Jesus viveu após a morte, nós também viveremos. Se êle pôde comer, beber, conversar com seus discípulos e aparecer a seus entes queridos, nós também poderemos. Tudo aquilo que Jesus fêz, nós poderemos fazer. Pois êle disse a seus discípulos: "Na verdade, na verdade vos digo que aquêle que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maio-

res do que estas porque eu vou para meu Pai." (João 14:12).

Em nossos próprios dias, temos provas de que o homem se levantará da tumba. Joseph Smith, o Profeta, viu sêres ressuscitados e êles lhe ministraram. Viu Moroni, João Batista, Pedro, Tiago e João, Elias, Moisés, Elaias, Jesus Cristo e muitos outros santos profetas, todos os quais prestaram divino testemunho a êle de que o homem vive e é eterno em sua natureza.

Esta é a própria esperança em que se centraliza nossa fé. Para todos os santos dos últimos dias foi dado o testemunho do Espírito de que somos filhos de Deus e eternos em nossa criação, bem como Êle é eterno.

Através das gerações, o homem sofreu profundamente e derramou muitas lágrimas, devido à incompreensão ou falsas noções que tinha em sua mente a respeito da eterna substância do homem. Muitas mães sentiram-se desgraçadas porque não havia nenhum homem de Deus, com a legítima autoridade do Sacerdócio, para consolá-las enquanto enterravam seus filhos.

Nós, santos dos últimos dias, sabemos por revelação divina a resposta à pergunta: "Tornará o homem a viver?" O Livro de Mórmon declara, com simplicidade que não deixa lugar a dúvidas, que o homem se levantará da tumba para participar da vida eterna. Alma disse que todos os homens serão chamados da sepultura para postar-se diante do grande Juiz de todos e ser julgados pelas obras feitas na carne. (Alma 12 e 13.)

No ano de 1832 o Senhor deu ao Profeta Joseph Smith uma revelação que se tornou conhecida como a "Visão". Nessa exaustiva declaração o Senhor explicou que todos os homens se levantarão de entre os mortos. Êle acrescentou mais tarde que êsse foi o propósito da missão de Jesus Cristo, trazer o homem de volta a sua presença bastando para isso que cumprissem os mandamentos e trilhassem os caminhos da retidão. (vide D. & C. sec. 76).

Já que ressuscitaremos dos mortos, poderemos então nos reunir a nossos entes queridos e participar com êles das bênçãos da vida eterna. Novamente, o Profeta Joseph Smith declarou estas palavras. "Quando o Salvador aparecer, vê-lo-emos tal como é. Veremos que é um homem como nós. E a mesma sociabilidade que existe entre nós aqui, existirá entre nós lá, só que lá será unida com a glória eterna, glória que não experimentamos agora." (D. & C. 130:1-2).

Por isto vemos que o propósito do grande plano de salvação para os mortos não é executar o trabalho genealógico como o mundo o faz, mas buscar as nossas famílias. Se aquela mesma sociabilidade irá existir após a ressurreição, não ficaremos felizes se nossa família não estiver reunida na ressurreição. É por essa razão que encorajamos todos os membros da Igreja a buscar seus mortos, para identificá-los tão completamente quanto possível, a fim de que possamos selar nossas famílias na glória eterna, sem erros ou incompreensões.

Deus nosso Pai vive, Jesus Cristo, o Filho de Deus, vive, todos os homens justos desde Adão até Jesus Cristo estão ressuscitados e também vivem. E nós viveremos e seremos ressuscitados dos mortos para sermos reunidos as nossas famílias e entes amados, se formos obedientes aos conselhos e mandamentos que recebemos enquanto na provação mortal.

Concluímos a página genealógica dêste mês com com a resposta à pergunta inicial. "Tornará o homem a viver?" E dizemos: Sim, não apenas viveremos outra vez, mas, respondendo como o Senhor, diremos que em realidade nunca morremos.

Teremos um período de separação, naquilo a que denominamos morte, mas seremos reunidos outra vez, espírito e corpo, e se formos fiéis habitaremos em eterna relação familiar por tôda a eternidade.

O Milagre. . . (*Conclusão da pág.* 6)

depois, o Primeiro Ministro Nehru foi à rádio e declarou: "A Luz se afastou de nossas vidas e há escuridão por todo o lado, pois nosso amado dirigente, o pai de nossa nação, não mais existe." Por êste exemplo pode-se perceber que grande poder seria manifestado na vida humana, apenas desenvolvendo-se à mais alta potência essas grandes qualidades legadas por Deus com que cada um de nós é dotado.

Fala-se muito sôbre a imortalidade da alma como o conceito humano mais importante, mas mesmo êle seria relativamente insignificante se não fôsse pela imortalidade da personalidade. Não gostaríamos de ressuscitar com um corpo inferior, quanto mais com uma personalidade inferior. A personalidade é tão ilimitada em seu alcance que pensamos até no próprio Deus nesses têrmos. Talvez a nossa maior noção seja esta, de que Deus é uma pessoa real. Êle é o nosso Pai Eterno. Onisciente e onisapiente, e com uma personalidade desenvolvida em sua plenitude. Os motivos que levam o homem a procurar a orientação e bênçãos de Deus indicam a personalidade de Deus. Isto é, *coisas* não nos perdoam, não amam, nem agem para nosso bem-estar e felicidade. Um grande autor religioso disse: "Há uma tendência de se supor que a vida eterna signifique simplesmente que nossas vidas individuais se fundem como gôtas de chuva e retornam ao eterno oceano, perdendo-se." Sob tais circunstâncias, a própria vida perderia a maior parte de seu significado.

Que concepção emocionante é a de que na eternidade cada indivíduo continuará êle mesmo, um ser pessoal, separado e distinto, cônscio de si mesmo, dos demais e de Deus. Alguém já salientou que o grande arquiteto do universo não construiu uma escada que levasse a lugar nenhum. Se é verdade que a maior parte de nosso sucesso agora e no porvir está baseado em nossa personalidade, então por que não dispendemos mais tempo meditando sôbre ela e preparando-a para a eternidade? A personalidade é o instrumento que empregamos para ganhar o pão cotidiano, e é também instrumento para qualquer outro tipo de sucesso, inclusive a obtenção da exaltação eterna. É pelo uso efetivo de nossa personalidade que tornamo-nos como Deus. A nossa grande oportunidade é podermos desenvolver êsses traços em nós mesmos, baseados nos princípios eternos que o próprio Deus formulou para nosso benefício. Para que possa Deus ajudar-nos a empregá-los bem, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Celeiro de Líderes

Marvin J. Ashton.
Primeiro Assistente do Superintendente Geral

A Associação de Melhoramentos Mutuos agradece esta oportunidade de transmitir-lhes alguns pensamentos e orientações a respeito do grande programa da juventude da Igreja. Além de palavras inspiraradoras de nossos líderes, esta seção incluirá auxílios específicos para oficiais e professôras da AMM, além de estímulo para todos os membros. Os sucessos alcançados pela Organização nas diversas partes do mundo serão também apresentados de tempos em tempos. Espera-se que êste material, impresso em muitas línguas, apresente como resultado um programa juvenil mais eficiente e uniforme.

ACENTUE OS DONS POSITIVOS

Algum tempo atrás visitamos uma prisão. Enquanto caminhávamos através dos diversos departamentos, o guia dedicou-se a extensas explicações a respeito do regulamento. Quando percebeu que não estávamos muito bem impressionados com a longa lista de "proibidos" e"não permitidos", fêz uma pausa, perguntando se queríamos fazer alguma pergunta ou comentário. Ficou meio embasbacado quando perguntamos. "E de que consiste sua lista de *"é permitido"* e *"recomendamos isto?"*

Enquanto ouvíamos as regras, regulamentos, proibições e suas correspondentes penalidades, ficamos cogitando (e talvez os prisioneiros mais do que nós) se não se estava criando com tudo aquilo a impressão de que a única coisa que se requeria para ser um prêso modêlo era não fazer *nada*. As regras da "casa" pareciam ser *contra* tudo e *contra* todos.

O Presidente David O. Mckay sàbiamente ponderou que "O sucesso ou fracasso do homem, sua felicidade ou desgraça, dependem daquilo que êle busca e escolhe." Devemos recordar esta verdade, de que o homem, a despeito do lugar em que se situe, não pode ter sucesso ou ser feliz a menos que busque e escolha.

A juventude da AMM em todo o mundo, hoje mais do que nunca, merece líderes que acentuem os aspectos positivos, que busquem e escolham."... Se houver qualquer coisas virtuosa, amável, de boa fama ou louvável, nós a procuraremos."

Ensinemos e promovamos atitudes e vida positiva, escolha positiva. Demonstremos em nossa vida diária que o caminho reto é o caminho feliz.

Bem afortunados são os jovens da AMM que aprenderam que "... o homem existe para que tenha alegria." Pobre do rapaz ou da moça que é levado a sentir que os professôres e as organizações foram feitos para forçar-nos a cumprir uma lista de proibições.

Quando o Profeta Joseph Smith escreveu as Regras de Fé para uso e benefício do mundo, êle tornou conhecido aquilo que a Igreja proclama, usando introduções positivas e fortes como "Cremos"e "Pretendemos".

Tomemos a resolução de ensinar a nossos jovens as bênçãos de ser santos dos últimos dias através de um método positivo, feliz. A juventude de hoje está em movimento e é nosso privilégio e desafio mantê-los movendo-se na direção certa.

METAS DO PROGRAMA DA AMM.

Após ter estado entre os doutôres no, templo, aos doze anos, o primeiro evento registrado na vida de Jesus foi seu batismo aos trinta anos. Os dezoito anos da vida de uma pessoa entre os doze e os trinta anos são extremamente importantes. Durante êsses anos o indivíduo amadurece fisicamente e é exposto a experiências que afetam profundamente o resto de sua vida.

Não há mais que uma sentença nas escrituras para retratar êsses dezoito anos da vida do Salvador. Devemos a Lucas a observação:

"E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens." (Lucas 2:52).

Temos aqui, em uma sentença, a fórmula para as quatro fases do desenvolvimento do homem numa pessoa completa.

1. Crescer em sabedoria é desenvolver-se intelectualmente — aprender a conhecer o significado da vida e o mundo em que vivemos.

2. Crescer em estatura é desenvolver-se físicamente — alcançar a alegria para a qual fomos criados. Devemos ter um corpo forte, puro e saudável. Paulo refere-se a nosso corpo como "... o templo de Deus."

3. Crescer em graça diante de Deus é desenvolver se espiritualmente. O homem é corpo e espírito. As leis espirituais de Deus precisam ser aprendidas e obedecidas para alcançarmos a plena estatura da nossa criação.

4. Crescer em graça diante dos homens é desenvolver-se socialmente. É importante em nossa sociedade que saibamos viver bem com os outros.

O programa da AMM foi desenvolvido para auxiliar tôdas as pessoas da Igreja alcançarem êsse desenvolvimento. O material das aulas para cada grupo de idades foi programado para ampliar a compreensão dos aspectos importantes da vida. Dá-se grande ênfase ao cultivo do espírito. Os membros são incentivados a aprender a respeito de Deus e obter testemunho da missão de Jesus Cristo e da obra de Joseph Smith na restauração do evangelho.

Através dos programas atléticos, acampamentos, torneios e outras atividades, é favorecido o crescimento e desenvolvimento físico dos participantes. Os programas de música, dança, teatro e oratória contribuem para a adaptação social de todos os que nêle tomam parte.

A AMM é um programa positivo que o auxilia a atingir as metas do crescimento em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens. É um programa ambicioso, porque tem objetivos ambiciosos que valem a pena ser alcançados.

O "COMO" DA COISA.

Com muita freqüência o "como" é deixado fora do "faça". Chamamos uma pessoa inexperiente para trabalhar na AMM e em geral lhe é dito qual é sua responsabilidade, mas não como dar conta dela. E a pessoa cogita:

Como entrar em contato com os jovens inativos das listas de chamada?
Como conhecer o programa?
Como solicitar material?
Como liderar com segurança?
Como conhecer os padrões dos santos dos últimos dias?
Como dar uma boa aula?
Como iniciar a aula de forma a atrair a atenção da classe?
Como encorajar participação na aula?
Como estimular as mentes?
Como concluir uma lição, de forma que ela prolongue seus efeitos construtivos pela vida diária do aluno?
Como distribuir responsabilidades?
Como desempenhar a responsabilidade de presidir um comitê?
Como dirigir uma reunião? Como planejar uma agenda?
Como se organiza um conselho da juventude?

Todos êsses "comos" e muitos outros mais são importantes para que o líder seja eficiente. A primeira das duas formas de se ensinar "como" é de pessoa para pessoa, falando e mostrando. A pessoa em exercício senta-se ao lado do nôvo líder do programa da AMM e demostra os "comos", dando-lhe depois as fontes de material onde encontrar outras respostas. O material disponível consta do MANUAL DA MISSÃO ou do MANUAL DOS EXECUTIVOS. A segunda forma é oferecer-lhe demonstrações, abrangendo as habilidades da liderança nos variados campos do programa da AMM.

Ricos dividendos resultarão de um tal processo, construindo-se uma liderança bem qualificada. O programa da AMM é um plano primoroso para a promoção do crescimento espiritual, mental, físico e social. Com uma liderança dedicada, eficiente, os jovens aprenderão a viver em nossos dias como verdadeiros, valorosos santos dos últimos dias.

Petra... *(Conclusão na pág.* 11)

tituiu para os ocidentais pouco mais que uma lenda.

Em 1812 êsse explorador, Johann Ludwig Burckhardt, estava empreendendo uma aventurosa viagem de Damasco ao Cairo pela rota do sul do Mar Morto. Enquanto viajava, seu guia e outros começaram a falar de indícios de umas fabulosas ruínas escondidas nas montanhas além. Capciosamente, êle induziu o guia a penetrar na área e a cidade que havia sido uma lenda por mais de 600 anos tornou-se novamente realidade.

Outro capítulo interessante da longa história de Petra foi escrito por T. E. Lawrence, popularmente conhecido como Lawrence da Arábia, durante a Primeira Guerra Mundial. Lawrence ocupou Petra com um contingente relativamente pequeno de árabes e defendeu-a com sucesso contra um exército de sete mil turcos. Empregando as mesmas técnicas que os nabateus e provàvelmente os idumeus, Lawrence esperou até que os turcos estivessem reunidos na estreita garganta e então suas tropas beduínas atacaram, fechando a saída e atirando pedras das montanhas. Sôbre ela Lawrence escreveu a um amigo: "... você nunca saberá como é Petra até que tenha entrado aqui ... Creia apenas que enquanto não a tiver visto não poderá ter a mais insignificante idéia de quanta beleza pode existir num lugar."*

**The Letters of T. E. Lawrence,* editado por David Garnell -New York: Doubleday Doran & Co., Inc., 1924), carta 69.

No ano passado foi completada uma estrada estreita e pavimentada, da cidade de Ma'an até quase a entrada da *siq* (garganta) que leva a Petra, e o visitante pode percorrê-la com relativa facilidade e quase sem perigo.

O *siq* é tão estreito que por vêzes parece juntar-se no tôpo. O primeiro vislumbre da magnífica estrutura, agora conhecida como *al Khaznah* (ou *Khaznet Far'on*), com suas colunas e estátuas rosa-avermelhadas, é uma experiência que nunca se esquece. Ela está em excelente estado de preservação, protegida dos elementos na estreita passagem. Denominaram-na "Tesouro dos Faraós" porque, segundo a lenda, a grande urna de pedra conteria imensas riquezas.

Ao abrir-se o caminho para o vale, o visitante é ofuscado pelo fantástico colorido dos picos, pelo sem número de cavernas e fachadas implantadas na rocha e os graciosos arbustos de oleandro.

De cima de uma montanha a oeste do vale alto de *al Diar* pode-se contemplar ao longe a vastidão azul do Gôlfo de Acaba e as montanhas de cobre onde se localizavam as minas do Rei Salomão. Avista-se a extensa região desértica através da qual os filhos de Israel fizeram sua peregrinação e os picos montanhosos fantàsticamente íngremes e desolados, um dos quais pode ter sido o Sinai no qual o Senhor deu os Dez Mandamentos e o Monte Hor, em que morreu Aarão.

Existem dúzias de vistas fascinantes em Petra. Milhares de anos de história encerram-se entre aquelas montanhas e câmaras.

Eu e as Perguntas de Ouro

Ara Belliston Richards.

Nossos profeta e presidente disse: "Cada membro é um missionário." Não se trata de uma afirmativa ociosa, nem de uma sugestão a ser seguida à nossa mera conveniência. É um mandamento de nosso Pai Celestial para a promoção de sua obra nestes últimos dias. E, com êsse fito duas "perguntas de ouro" foram sugeridas: Que conhece a respeito da Igreja Mórmon? Gostaria de saber mais?

Eu achava que estava livre desta recomendação divina. Afinal de contas, esperava meu sétimo filho. E o nosso mais velho contava apenas seis anos.

Havíamos acabado de nos mudar para uma nova comunidade. As responsabilidades do lar e da Igreja consumiam tôda a minha energia. E, além de tudo isso, um vago temor de fazer as "perguntas de ouro" parecia tornar tôdas as minhas desculpas válidas.

No entanto, ao ser designada para um cargo na Igreja, foi-me recomendado que usasse as "perguntas de ouro". Foi-me prometido que muitos entrariam para a Igreja se eu o fizesse. Não podia haver disputa íntima depois disto. Eu precisava achar uma forma de atender ao desejo do Senhor.

Analisando minhas oportunidades de apresentar a outros o evangelho, percebi que muitos visitantes não convidados chegavam a nossa porta. Poderia perguntar a êles. Assim sendo, quando a representante da Avon tocou a campainha, convidei-a a entrar e após uma pequena palestra disse-lhe: "Eu sou mórmon."

Ela agarrou ràpidamente o assunto, respondendo a primeira pergunta sem ser perguntada. "Ah, disse ela, tôda a minha família é católica. Mas temos um parente distante que casou-se com uma moça mórmon. A família inteira a admira por causa de seus ideais. Tenho também uma conhecida mórmon que perdeu uma perna. Ela ainda é cheia de esperança, alegria e bom ânimo por causa de suas crenças e da fé na outra vida".

Teria sido tão lógico dizer. "Quer conhecer algo mais sôbre a Igreja?" Mas devido à timidez e inexperiência, eu repliquei: "As pessoas demonstram possuir grande fôrça interior em tempos de crise." Depois passamos para o assunto de seu trabalho e dentro de poucos minutos ela havia partido.

Fiquei furiosa comigo mesma. Ela me havia surpreendido. Eu não sabia ainda aproveitar minhas oportunidades. Nem tampouco havia percebido que a Igreja representava tamanha diferença na vida de alguém como seus exemplos indicavam. Não estava preparada para a responsabilidade de ser tão diferente dela e dos outros que me cercavam. Tinha ainda muito que amadurecer.

Em breve apareceu em casa uma moça do serviço de recenseamento. Após responder uma de suas perguntas, acrescentei: "E nós somos mórmons. Que você conhece a respeito de nossa igreja?"

"Não muito," respondeu ela.

"Gostaria de saber mais?" perguntei, mais que depressa.

Ela pareceu ficar sensibilizada, como se lhe tivesse pedido para tornar-se minha amiga. Na verdade, eu tinha mesmo — e até mais. Mas ela respondeu "Bom, agora não é possível. Estou estudando uma outra igreja, cujos missionários vieram procurar-me algum tempo atrás." Agradeceu-me diversas vêzes pelo oferecimento e contou-me alguns de seus problemas e sentimentos. Por alguns momentos, sentimos uma grande proximidade, uma estreita amizade.

Aquela experiência deu-me coragem para prosseguir com o plano e tenho tentado endereçar as "perguntas de ouro" a todos os estranhos que batem em minha porta. Decidi-me a não fechar a porta sem tê-las feito — e, curiosamente, isto não tem criado nenhum mal-estar. mas, para manter a coragem, precisei raciocinar: (1) Tenho tanto direito de oferecer-lhes minhas mercadoria como êles as suas. (2) O evangelho é suficientemente importante para interromper mesmo a pessoa mais ocupada. (3) Afinal de contas, êles é que vieram bater na minha porta. (4) Talvez nunca mais os veja.

Outra fonte de possibilidade era o telefone. Eu já estava saturada com a insistência de telefonemas oferecendo mercadorias, que pareciam chamar sempre

nos momentos em que estava mais ocupada. Meu marido sugeriu que eu estava perdendo uma boa oportunidade. Tôda a vez que o telefone tocava (a menos que fôsse alguém da Igreja), estava aberto o caminho para as "perguntas de ouro". Era tanto uma oportunidade missionária como uma forma de dar propósito a telefonemas que de outra maneira seriam apenas inoportunos.

Pouco tempo depois uma mulher telefonou procurando vender algumas fotos de crianças. Disse-lhe que não estava interessada. Mas, "que conhece a senhora a respeito da Igreja mórmon?" "Pouca coisa". "Está interessada em saber um pouco mais?"

"Sim", respondeu ela.

Fiquei frenética. E agora, que fazer? Tudo o que me veio à cabeça era que os missionários me haviam dito para organizar reuniões no lar. Não conhecia aquela mulher. Um pouco nervosa, convidei-a a vir visitar-nos com seu marido e ela anotou o enderêço cuidadosamente. Parecia estar realmente interessada na Igreja. No entanto, como era de se esperar, nunca mais ouvimos falar dela.

Eu meditei nisto muito tempo. O que deveria ter dito era: "Ótimo! Dê-me seu nome e enderêço e mandarei alguns representantes da Igreja visitá-la." Assim, a iniciativa não teria que partir dela.

Fiquei desanimada e procurei consôlo com uma irmã que estava muito ligada ao trabalho missionário. Mas para surpresa minha, quando soube de meus planos achou que eu estava sendo um tanto atrevida. Queixou-se que eu estava perturbando os que tentavam ganhar a vida.

Conversei com meu marido e argumentamos assim: "A oportunidade de receber o evangelho não valia bem um pouco do tempo dos que recorriam a mim? O conhecimento dos motivos pelos quais vivemos não vale mais que alguns momentos nas horas despendidas ganhando a vida? E, olhando de um outro ângulo, os outros não estavam também interrompendo meu trabalho? E um programa dos mais atarefados? Achei que podia bem responder "sim" a tôdas essas questões, portanto, considerei êste caminho o melhor para obedecer um mandamento.

Como programa de ação firmemente estabelecido na mente e no coração, continuei a formular as "perguntas de ouro" ao telefone. Mas estava ainda aprendendo. Descobri que a menos que fizesse as perguntas junto com a própria resposta à pessoa que chamava, a oportunidade estava perdida. Obtendo a informação desejada, ela desligava sem saber que eu também tinha algo a perguntar-lhe.

Algumas de minhas melhores formas de abordagem eram: "Não, mas o que conhece o senhor a respeito da Igreja Mórmon?" Ou, "Agora que a senhora já me fêz sua pergunta, deixe-me perguntar-lhe algo também, Conhece algo sôbre a Igreja Mórmon?"

Logo comecei a procurar outra fonte de oportunidade. Naquele outono comecei a fazer a pergunta às vendedoras das lojas. Percebi que tinham mais tempo disponível nas horas menos "apertadas". Notei também que perdia muitas oportunidades formulando a pergunta de forma sutil, durante a conversação. A menos que atacasse a ocasião de frente, aparececiam outras responsabilidades ou frequeses para exigir a atenção da balconista.

Numa noite bem fria, quando saímos com a família para dar uma volta de carro, paramos numa barraca. Eu fiquei no carro com as crianças. Meu marido desceu e cotuquei-o para que fizesse "as perguntas". Êle então perguntou ao proprietário: "Conhece algo sôbre a Igreja Mórmon?" O homem disse que sim. Parece que supunha que o Côro do Tabernáculo era tôda a Igreja. E o elogiou.

Ficou tão entusiasmado que desconcertou meu marido ex-missionário. Êle acabou voltando ao carro sem ter conseguido perguntar "Gostaria de saber algo mais?"

Agora era a vez de meu marido ficar desapontado por haver perdido um possível interessado. Nós ambos chegamos à conclusão que não apenas era preciso ter prática para fazer as "perguntas de ouro", como também para saber o que fazer depois que eram respondidas.

Com o passar do tempo, ganhei mais experiência. Decidi ter algo impessoal em mente para abordar logo depois, se a pessoa não estivesse interessada. O tempo era assunto inesgotável.

Certa vez, antes de levar minha filha e um cirurgião, resolvi não perder a oportunidade de fazer as perguntas. Na sala de espera, orei silenciosamente para que pudesse levar a cabo meu propósito. Conosco esperavam uma senhora e seu marido. Comecei a conversar com ela. Afinal, como que pulando de um alto trampolim sem saber nadar, explodí: "Eu sou mórmon. A senhora conhece algo sôbre a Igreja Mórmon?" Minha voz soou bem alto. Nem parecia eu mesma. Senti realmente como se, em resposta a minha prece, eu estivesse sendo empurrada.

"Não muito", replicou a mulher.

Nervosamente, procurando sorrir, eu acrescentei. "Gostaria de saber mais?"

"Não. Não me interessa muito", replicou ela.

Eu parei um pouco e depois disse: "Que acha de tôda esta chuva?" Ela não gostava, porque impedia o time de futebol de treinar. Dalí por diante tudo o que ouvi foi futebol, futebol, futebol.

Desta experiência aprendi muitas coisas: o Senhor o ajuda; tudo exige prática; a troca imediata de assunto, para pessoas desinteressadas, evita tensão (minha e dos outros). Descobri que quanto mais à vontade estivesse ao formular as perguntas, mais à vontade se sentiam os outros para responder honestamente.

Com o aumento da prática descobri também que a pergunta precisa ser feita diretamente. Quando o técnico veio consertar a geladeira, esperei uma oportunidade de dirigir-lhe as perguntas. Finalmente êle mesmo falou: "A senhora tem uma tampa de lata de café ou algo assim para eu pôr êste pincel de cola?" Aí estava minha oportunidade! Eu poderia ter dito "Tenho uma tampa de lata, mas não de café. Nós somos mórmons e mórmons não bebem café. E, por falar nisso, o que o senhor conhece a respeito da Igreja Mórmon?"

Entretanto, enquanto ordenava tudo isto na cabeça para que soasse bem, a oportunidade se passou. Agora ficaria falso e deslocado, por isso não disse nada. De repente êle terminou o trabalho e partiu. Eu havia falhado de nôvo, mas estava ainda aprendendo: (1) Não ficara à vontade para fazer as perguntas; (2)

entrar no assunto tanto pode ser fácil como difícil; (3) dar atenção às crianças, à porta do, telefone ou saidas do técnico em busca de peças podia destruir minha oportunidade.

Por causa disto, quando os técnicos da máquina de lavar roupa apareceram, fiz-lhes francamente as "perguntas de ouro". Um pareceu desinteressado. O outro começou a fazer perguntas específicas, apesar de haver dito de saída que não estava interessado em conhecer mais. No final das contas, êle não queria saber *mais*, queria saber *tudo*!

Ainda não perguntei ao carteiro. Mas já preparei um plano. Se o carteiro bater com uma carta registrada ou algo que exija que pare um pouquinho, pretendo parar e perguntar: "Por acaso o senhor já ouviu falar nos mórmons? Eu sou mórmon."

Descobri que é necessário ter-se um plano que permita a introdução das perguntas. Um dia apareceu um leiteiro muito bem apessoado. Já estávamos então esperando nosso oitavo filho e eu não me sentia muito bem. As crianças e a cozinha não estavam em boa ordem; e para falar a verdade, não queria que ninguém soubesse que eu era mórmon, porque me sentia e aparentava ser um exemplo tão pobre! Mas resolvi engolir o orgulho e perguntar de qualquer jeito. Porque, se não, quem perguntaria a êle?

Portanto, decidi seguir meu plano.

"Nós somos mórmons", disse.

"São mesmo!" exclamou o rapaz. "Já tive um companheiro mórmon quando estava no exército. Gostava muito dêle. E o admirava também."

"Peço desculpas pelo desarranjo da casa. Não estou-me sentindo muito bem."

"Eu compreendo. Também tenho cinco filhinhos. Minha mulher se esforça e luta, mas não consegue manter tudo em ordem."

Êle estava ocupado e eu em péssimas condições, por isso não disse mais nada daquela vez... Com o passar das semanas, quis perguntar-lhe se estava interessado em conhecer melhor a igreja, mas não sabia como. Certo dia — bem mais tarde — fiquei sabendo que nos teríamos que mudar de uma hora para outra. Detive o leiteiro na manhã seguinte e disse: "Nós vamos nos mudar daqui. Pode trazer a conta da próxima vez que vier."

Êle então disse: "Tive muito prazer em atendê-los..."

E aí eu acrescentei: "Como somos mórmons, gostaríamos de dar-lhe um exemplar do Livro de Mórmon."

"Vou gostar muito", respondeu o moço.

"Se quer lê-lo, então pedirei a uns amigos para levá-lo a sua casa, como um presente nosso."

"Eu vou lê-lo." Êle estava com pressa, como sempre.

"Por favor, deixe seu nome e enderêço junto com a conta e eu mandarei o livro."

"Deixo, sim senhora", respondeu êle e saiu apressado.

Esperei ansiosamente a visita seguinte. Estava com mêdo de que êle se esquecesse de deixar o nome e enderêço. Abri a porta quando êle descia a rua. Ao me ver, disse sorridente: "Aqui está a conta. E eu pus aí o endereço, como a senhora pediu." Corri para o telefone e chamei os missionários assim que êle saiu.

Com a prática, criamos muita imaginação para fazer as "perguntas de ouro".

Meu marido e eu discutimos o assunto e concluímos que não ficaria muito mais caro se enviássemos panfletos junto com as remessas de cheques e correspondência comercial.

Todos os meses remetemos um panfleto diferente. Não sabemos quem os recebe, nem se vão direto para a cesta do lixo ou são passados de mão em mão entre amigos e familiares. Mas concluímos que a persistência poderá causar curiosidade.

Como resultado de minhas tentativas de cumprir o mandamento do Senhor, não sei de ninguém que tivesse ficado ofendido por eu haver feito as "perguntas de ouro". Descobri que simplicidade e sinceridade são importantes; nós estamos fazendo uma pergunta sincera, não forçando uma idéia.

Ao aumentar nossa experiência, notamos que algumas pessoas realmente expressam interêsse pela Igreja. No entanto, não querem que ninguém os visite em casa ou no trabalho. Portanto, temos o hábito de ter panfletos interessantes sempre à mão, assim como o Livro de Mórmon. Levo-os na bôlsa e meu marido na pasta de trabalho.

Isto não quer dizer que sempre que alguém deseja conhecer algo mais sôbre a igreja nós ofereçamos literatura. Tentamos primeiramente apresentá-los aos missionários. Sòmente oferecemos leitura quando não querem que ninguém os visite pessoalmente.

Também descobri que é melhor chamar os missionários de "amigos". Para a maioria das pessoas "missionário" soa como pressão. "Representantes da Igreja" também é muito formal. Sempre conheci os missionários locais pessoalmente e achei que o têrmo "amigos" era adequado. Explico-lhes que devem ir como meus amigos pessoais, quando lhes dou uma referência.

Percebemos também que é bom estar preparado para responder certas questões. A minha pergunta "Gostaria de conhecer algo mais sôbre a Igreja Mórmon?" um homem respondeu com outra pergunta: "Ora, não vamos todos para o mesmo lugar?" Achei que a melhor forma de responder aquela pergunta era ainda com outra pergunta. Cristo empregava êsse método. Portanto, disse: "Para onde o senhor acha que vai?" Então, depois de suas respostas, acrescentei o conceito da paternidade de Deus. Uma observação que ouço comumente é: "Sou velho demais para mudar." A essa eu sempre respondo: "O que espera (ou deseja) estar fazendo daqui a 100 anos?"

Parece simples fazer as "perguntas de ouro", mas não é não. O desejo de ser obediente não basta para dar-nos confiança e habilidade. Muita meditação, tempo e oração foram necessários para aprendermos o que aprendemos aos poucos.

Passaram-se diversos anos desde que começamos a fazer as "perguntas de ouro" com empenho. Foram anos extraordinários, maravilhosos e inspiradores, repletos de boas experiências com nossos amigos não-membros. Por termos a bênção de conhecer e usufruir as maravilhas do evangelho restaurado, devemos demonstrar agradecimento a nosso Pai Celestial e amor pelos semelhantes, seguindo o plano: todo o membro é um missionário. Façamos realmente as "perguntas de ouro".

O FRANGUINHO

Juca nem via as nuvens escuras e baixas que cobriam sua cidade de Serra Negra. Estava prestando atenção em seu pai. Êles estavam no meio de um grande galinheiro, enquanto papai dava ração aos franguinhos.

Muitas vêzes êle havia prometido dar a Juca um dêles de presente. Hoje, ia cumprir a promessa.

Virando-se para Juquinha, seu pai disse: "Muito bem. Qual dêles você quer?"

Papai pigarreou com fôrça, como se estivesse contendo mais o riso.

"A mamãe tem razão", concordou. "Vou cumprir o que disse e você aprenderá errando a ver a diferença entre o bom e o mau. Pode ficar com o "desengonçado."

Juquinha pulou de contente. Depois agarrou o franguinho que piava sem parar.

Gláucia chegou perto do irmãozinho. Rindo ela comentou: "Êle é um "piador". Por que você não

Juquinha olhou para um franguinho que comia no cocho. "É aquêle lá, papai," disse êle. "É aquêle que eu quero."

A mãe de Juquinha e sua irmã Gláucia vieram até a cêrca e ficaram olhando.

Papai ria. "Aquêle franguinho desengonçado? Êle é magricela e sem graça. Nunca vai dar bom dinheiro. Use a cabeça menino. Aquêle franguinho não vale nada, nem mesmo para a panela." Entre risos seu pai continuou: "Se você quer ser fazendeiro como papai, tem de aprender a escolher direito os frangos."

Juca estava quase chorando. "Não quero comer o franguinho, papai. Quero brincar com êle. Eu gosto dêle."

Como é que êle esperava que papai compreendesse que gostava daquele franguinho exatamente porque era desengonçado? Tinha pena dêle.

Sua mãe falou: "Você prometeu, papai. Não se esqueça. Você disse que êle podia escolher e êle escolheu."

põe o nome de Piu-piu nêle?"

Juquinha sorriu. "Está bom. De agora em diante êle vai ser Piu-piu." E foi mesmo.

Juquinha seria completamente feliz se seu pai também tivesse gostado do Piu-piu. Seria tão bom se êle não risse tôda a vez que o olhava!

Quando Juquinha acabava de capinar a limpar seus canteiros, todos os dias, corria para perto do caixote em que guardava Piu-piu. E juntos caminhavam até o morro atrás da fazenda. Sempre que Piu-piu desaparecia de vista, Juquinha assobiava três vêzes e Piu-piu corria para êle, coçava a cabeça em sua calça ou pulava no seu ombro.

No comêço, Juquinha havia amarrado um barbante na perna de Piu-piu, mas depois que êle começou a crescer e aprendeu a atender ao assobio, Juquinha o deixava livre. Todos os vizinhos gostavam de ver Piu-piu fazer as coisas que Juquinha lhe ensinara.

O garôto tinha apenas um problema com seu franguinho. Por melhor que fechasse a tampa do cai-

DESENGONÇADO

Florence Wightman Rowlands

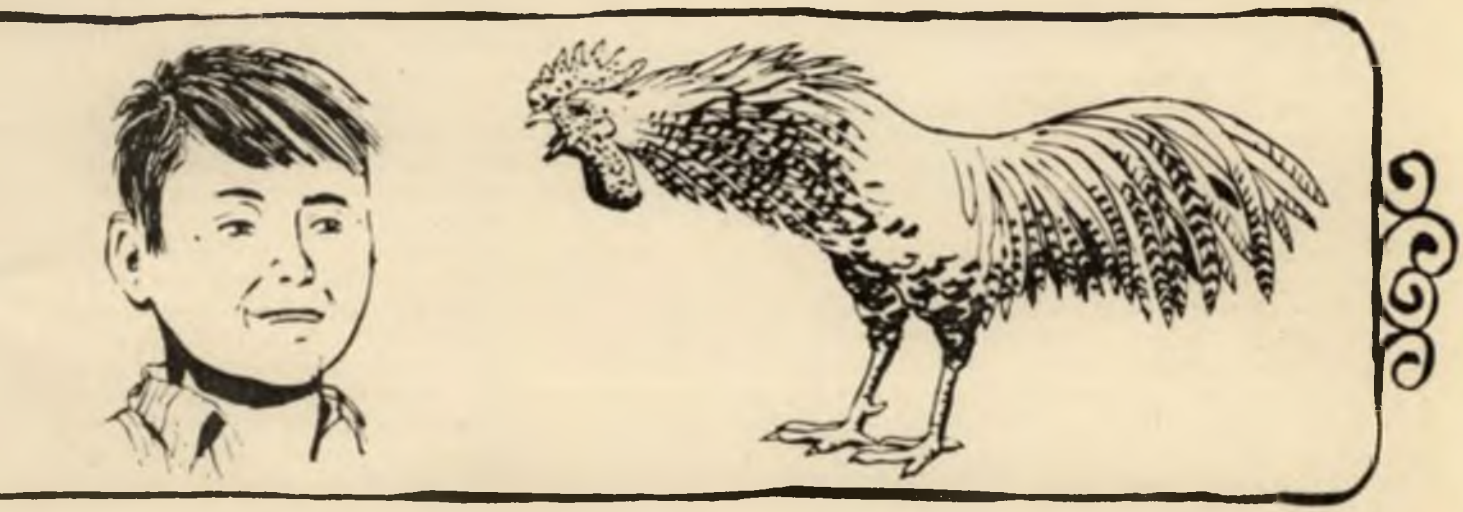
xote, êle sempre achava um jeito de escapar.

Piu-piu não ciscava os canteiros, a até então seu pai nunca o apanhara entre as plantas. Mas Juquinha preocupava-se com isso.

Bem cedo, uma manhã, antes até de o sol nascer, Juquinha sentiu um puxão de cabelo. Depois um "có-có", bem alto nos ouvidos. Era Piu-piu trepado no seu ombro, querendo brincar com êle. Tres horas da manhã não era ocasião para essas brincadeiras!

Assim que Juquinha saiu no quintal, percebeu que alguma coisa andava mal. Piu-piu continuava arrepiando as penas e batendo as asa. Foi aí que Juca sentiu o cheiro de fumaça. Vinha do paiol. De alguma forma, sem saber bem por que, o franguinho havia escolhido o momento certo para acordá-lo.

"Papai! Mamãe!", gritou Juquinha o mais alto que pôde. "Venham depressa. O paiol está pegando fogo!"



Se Piu-piu acordasse seus pais, êles ficariam bem zangados. Papai poderia até tirar Piu-piu dêle e colocá-lo com os outros franguinhos. Ou, pior, poderia dá-lo à mamãe para cozinhar.

Juca pulou da cama, tentando fazer Piu-piu chegar até êle. Mas o franguinho fugia batendo as asas e cantando alto. Uma certa hora papai irrompeu no quarto com cara de sono.

"Êsse frango "desengonçado," trovejou êle, com a voz bem zangada. Também tentou agarrar Piu-piu. "Você não fechou o caixote?"

"Sim, senhor," respondeu Juquinha, "mas Piu-piu é danado. Êle consegue escapar."

Juca assobiou e Piu-piu obedeceu desta vez, voando para seu ombro.

"Estou muito triste, papai", disse Juca correndo para a porta. "Vou colocá-lo de volta no caixote e fechar bem a tampa."

Seu pai resmungou e voltou para a cama.

Papai veio correndo com a mamãe logo atrás.

"Chame os vizinhos", ordenou papai. Ambos, êle e mamãe começaram a encher baldes de água no poço. Gláucia correu a chamar os vizinhos mais próximos. Juca havia saído na outra direção para pedir ajuda. Quando voltou, abriu o galinheiro e levou os frangos para o terreiro de arroz. Gláucia cuidou de sua vaquinha. Logo o fogo foi apagado. Queimou-se apenas um fardo de alfafa.

Papai estava sorrindo para todos e agradecendo-lhes a ajuda. Depois acrescentou: "Se não fôsse pelo "desengonçado" o paiol teria-se queimado até não sobrar nada." Piu-piu pulou no ombro de Juquinha, mesmo sem ter um ar de herói, era isso o que êle era! "Acho", disse papai, "que não devo chamá-lo mais de "desengonçado."

E aproximando-se, acarriciou o pescoço de Piu-piu. "Você é um franguinho positivo, no final das contas."

"Viu, Piu-piu," disse Juquinha. "Papai gosta de você!"

Então é disso que São Feitos os Rapazes — X

Dôces Dezesseis Anos

W. Cleon Skousen

Nos têrmos da semântica adolescente, os dezesseis anos significam "Época das Grandes Manobras" — mas a despeito destas agradáveis perspectivas êste período precipita-se sôbre o rapaz comum inesperada e demasiadamente cêdo. Acha-o ainda sofrendo uma "ressaca" emocional do ano anterior. Por vários mêses êle ainda continuará sentindo-se bastante intoxicado pelas explosões dos 15 anos de idade passados.

Em retrospecção, o Júnior rememora como implicava com os outros, como irritava as pessoas, como infringia tôdas as regras em casa e na escola e de como fazia uma porção de loucuras "só para chatear", "Só para mostrar ser capaz" ou "só para não ficar para trás." Era como um polvo infeliz, lançando os seus tentáculos em tôdas as direções, tentando arrazar tôdas as barreiras do lar e da sociedade em todos os sentidos. "Como é que as pessoas se arranjavam comigo?" Diz o seu pai: "Esta é uma boa pergunta!"

Não obstante, quando chega o seu décimo sexto aniversário, o Júnior acha que as coisas deveriam melhorar e está confiante que isto ocorra. Não mais haveriam desavenças com a família. Nada de atormentar mamãe. Nada de "levar pau" na escola nem escândalos e vandalismos na vizinhança. Afinal, não é êste o fabuloso estágio da meia adolescência chamado "dôces dezesseis anos?"

A resposta é: "Sim, mas desafortunadamente a mãe natureza está quase sempre atrazada nas suas tarefas." E raramente está preparada para as grandes mudanças exatamente na idade de dezesseis anos. Entretanto, a mudança ocorrerá quase sempre dentro dessa idade, e que adorável contraste resultará!

Retrato de um rapaz de dezesseis anos (após a mudança)

No curso normal dos eventos, a idade de dezesseis anos será lembrada como serena e agradável, tanto para o Júnior quanto para seus pais. Fìsicamente, o jovem terá atingido noventa e oito porcento da sua estatura. Sua coordenação muscular estará vibrando e pulsando livremente com ritmo e cadência. Êle será enérgico, robusto e radiante de saúde. Sua compleição será mais notável e estará se barbeando diàriamente. Mamãe notará que se tornará muito mais fácil atraí-lo à mesa do jantar que no ano passado. Não será mais tão exigente com respeito a comida e até mesmo aventurar-se-á a consumir pratos exóticos.

Seu senso de humor estará se desabrochando. Começará a apreciar as gostosas gargalhadas acompanhadas de tapas no joêlho e jogar de ombros demonstrando expansiva alegria. Algumas vêzes descarregará a pressão de emoções contidas com uma gostosa casquinada.

Ao conversar com as pessoas, sua conversa será ligeira e o seu contato supérfluo, não havendo mesmo desejo de fazer o assunto caminhar para as crises que apreciava no passado. Geralmente êle também evitará os assuntos profundamente sérios, a menos que, lògicamente, o assunto trate de ficção-científica. Neste caso entrará em febre "espacial" e assombrará os seus pais com discussões intensas e abalizadas sôbre "explorações intergalácticas", "percepção extra-sensorial," "Alternadores nucleônicos quadri-dimensionais," e "C.M.E. (monstros) do Id".

Para um rapaz de dezesseis anos será duro ir para a cama e mais duro ainda sair dela. Resistirá ser mandado para a cama até depois da meia noite, se possível, mas uma vez lá, serão necessárias as sete voltas de Jericó para derrubar as muralhas de Morfeu e acordá-lo. Seu sono será profundo e perturbado por pesadelos, mêdos e frustrações. Quase não crerá em seus pais ao falarem dos seus dias de infância quando êle costumava levantar-se e errar incansàvelmente pela casa durante a noite.

Nesta idade êle mostrará um surpreendente talento em controlar seu temperamento. Não sòmente se esforçará para controlá-lo mas também se esforçará para encobrir a maioria dos seus sentimentos. Não gostará de explodir tal como costumava fazer, e se recriminará humildemente se o fizer. Acha que explosões de temperamento são coisas de criança, e "coisa de criança" é um rótulo que despreza. Afortunadamente, seus sentimentos não são mais tão fàcilmente feridos — pelo menos não tanto quanto o eram um ano atrás. Já não está tanto na defensiva quanto antes, aos quinze anos.

Terá um quociente de "ódio" baixo. Há um ano êle odiava um bocado de coisas, mas neste período diz: "Acho que não eram tão importantes." Tem uma porção de coisas das quais não gosta, e francamente as expressará, mas estas coisas usualmente pertencem a setores específicos de problemas tais como: "a turma Zé Tranca-rua", "aquela aulazinha ordinária" ou "fazer ginástica em vez de jogar bola." Mas mesmo nas coisas que êle diz não gostar, de alguma forma consegue

sair-se bem.

Ao todo, o Júnior parecerá estar de posse de nôvo poder e charme a ser acrescentado à sua personalidade. É um bom augúrio para o futuro.

O Milagre do Ajustamento aos Dezesseis anos

Talvez, em nenhum lugar o milagre da maturação humana seja melhor ilustrado que num rapaz dessa idade, enquanto estiver passando pela "grande mudança." Para apreciarmos o que ocorre precisamos de recordar que muito frequentemente uma personalidade mal ajustada terá tôdas as qualidades de uma pessoa normal, exceto um ou dois fatôres — e é a ausência destas importantes peças que lhe estraga o motor.

Êste é exatamente o fenômeno que está presente num representante médio dessa idade. Em grande parte êle tem os ingredientes de muitos adultos de sucesso: independência, coragem e dinamismo emocional. Mas de alguma forma êstes, elementos não são atuantes, não implicam em sucesso mas em "desajustamento psicológico."

Os peritos dizem que se trata simplesmente de um problema de falta de parafusos. Isso torna-se evidente quando o Júnior finalmente atravessa o padrão de desenvolvimento dos seus dezesseis anos. Inclinamo-nos a dizer que êle tem "mudado", mas numa análise mais detida descobrimos que tudo a que objetávamos ainda se encontra ali! Entretanto, estas qualidades perderam as suas farpas. Não mais parecem objetáveis. Quando perguntamos aos especialistas o que ocorreu, êles nos dizem que a Mãe Natureza apenas acrescentou um nôvo ingrediente para lubrificar os outros. Deu ao Júnior a maravilhosa nova capacidade de *ser confiado.*

Isto é o que falta aos 15 anos. Aos quinze, quando o rapaz sente a sêde de independência emergir não pode tomá-la por natural; têm que prová-la a todo o mundo. A prova geralmente vêm por meio de algum programa de estardalhaços. E está atuando no mesmo sentido ao grunhir monossílabos para a mãe. Na sua ansiedade de igualar-se a ela, exagera e a trata como inferior. E se julga importante ao fumar, ficar fora até tarde, dirigir sem licença, e mostrar-se desafiador ao seu pai, aos vizinhos e à polícia.

De certo, tal como mencionamos no último capítulo, um pai sábio de um jovem em disparada compensa sua falta de parafusos juntando um pouco de conselhos, disciplina e camaradagem. Isto costumeiramente equilibra o Júnior o suficiente para fazê-lo atravessar a fase crítica. Aos dezesseis, entretanto, após a grande mudança, o jovem não sente a mesma necessidade de provar a sua independência, sua posição de igualdade, ou seu direito de ter um lugar ao sol... Continua desejoso de sentir-se independente, mas diz: "E daí?" Enquanto êle se mantém dentro de limites razoáveis, todo mundo evidentemente o quer independente. E se alguém lhe pergunta se êle ainda se sente igual à sua mãe ou ao seu pai, êle diz: "Claro, p'ra que brigar por causa disso?"

Descobriu que pode escolher por si os seus amigos, ganhar seu próprio dinheiro, dirigir automóvel, concorrer por um cargo no grêmio estudantil — o que há para ficar tão excitado? Toma tudo como natural e diz: "Vive e deixa viver." Êste é o milagre da maturação aos 16 anos.

A Família e os Amigos dos Jovens de Dezesseis Anos

Seria um engano, entretanto, supor que o jovem dessa idade reverta às calorosas e íntimas relações com a família que exibia aos 13 anos. Pelo contrário, embora esteja com a família, não lhe dá importância, simplesmente a toma como natural, como uma fileira de árvores à beira da estrada, e passa-lhe ao largo. Se os pais lhe dizem algo interessante, êle responde cordialmente, tal como o faria tratando-se de estranhos encontrados nalgum logradouro público. Mas se as coisas em casa estão como sempre, simplesmente passa por elas e pelos parentes como se fossem parte do ato de ir para os seus aposentos.

Pela mesma evidência, o jovem admite que a família também não lhe está ligando muita importância. Êle já não faz tanta questão disso. Sai-se bem em cuidar por si mesmo das suas roupas, mantém-se limpo, cuida do seu quarto e faz suas tarefas escolares. Tem a sensação de ter assumido a situação de semi-adulto em casa e procede de acôrdo.

O jovem poderá ainda ser causa de alguma discussão quando vem a usar o carro da família. Agora que tem licensa de motorista poderá achar que o carro é para usar e abusar. Isso deve ser ràpidamente corrigido com firmeza. Êle deve compreender que o uso do carro da família é estritamente um luxo que apenas pode ser conseguido mediante entendimento prévio com o chefe da casa. O jovem poderá compreender a recusa do carro havendo uma razão justa para isso. O que o deixa enfezado é uma resposta do pai nestes têrmos: "Você não pode usar o carro porque eu disse que não pode!"

O jovem também tenderá a não ligar muita importância aos seus amigos tal como o faz com sua família. Gosta que todos sejam seus amigos. Ao selecionar um amigo o faz com vista aos interêsses mútuos em certos esportes, estudos, passatempos e atividades extracurriculares.

Uma atitude similar se reflete nos sentimentos do Júnior com respeito a garôtas. Gosta de as rodear numa maneira cautelosa e não específica. Teme especificar as suas preferências mas poderá ser induzido a firmar se alguma garôta peculiar lhe dispensar tratamento casual numa base não romântica. "Somos apenas camaradas," diz êle. Não obstante, esta mesma atitude casual poderá meter a ambos em dificuldades não previstas se o namôro firme se tornar sério. O cuidado mais saudável que se pode tomar será mantê-los em atividades de grupo e restringindo sua privacidade apenas a ocasiões muito especiais tais como bailes de formatura e outras atividades espaçadas por vários meses.

Para a maioria dos rapazes êste problema fica resolvido apenas pelo fato de que as garôtas da sua idade que sejam atraentes costumeiramente atraem elegantes rapazes mais velhos, isto deixa o Júnior um tanto melancólico porque diz: "As demais garôtas não me importam muito." Na verdade isto é puro fingimento. Ficaria muito apavorado de procurar as garôtas mais populares, mas consegue desculpar-se dizendo: "Êsses estúpidos mais velhos deveriam deixar as garôtas em paz!"

Um Jovem de Dezesseis Anos na Escola

Entrar para o segundo ciclo do curso secundário constitui o "início do viver" para muitos jovens. Muitos

dêles que passaram apertados nas primeiras séries descobrem-se afinal terminando o ginásio. A qualquer manifestação de talento, os professôres e os pais deveriam imediatamente aproveitar para entusiasmá-lo. Frequentemente uma pequena ponta de esperança pode ser transformada numa explosão de desenvolvimento intelectual e extracurricular por ocasião da formatura do Júnior.

Um dos maiores atrativos para um jovem dessa idade é a oportunidade de ser alguém na escola. Sente-se importante em muitos aspectos, mas precisa de uma oportunidade para aparecer ao menos uma vez. Por conseguinte, êle deve ser encorajado em qualquer que seja o talento que pareça possuir — esportes, música, teatro, rádio, TV, debates, liderança estudantil, clubes escolares, etc. Muito frequentemente as notas melhoram com a atividade do estudante, e isto não é tudo. Algumas vêzes os pais se espantam em ouvir o jovem dizer: "Puxa, como eu gosto da escola. Quase tenho pena de ter de me formar!"

O Júnior Arranja um Emprêgo

Logo que os pais estão se acostumando com o nôvo papel do Júnior nos seus dezesseis anos, descobrem que êle quer arranjar um emprêgo. Isto é um bom sinal, mas deveria êle trabalhar? Devem ser consideradas algumas coisas importantes.

1. Isto afetará sèriamente os seus estudos?
2. Que espécie de companhia terá?
3. Isto o atrapalhará a dormir o suficiente?
4. Afetará a sua saúde?

Neste estágio, os estudos do Júnior são tremendamente importantes. Êle depende disso. Entretanto, talvez possa ajudar o fato de que o Júnior saiba que empregando-se poderá ter de deixar a escola se não puder manter suas notas. Na verdade, as pesquisas mostram que os estudantes que trabalham moderadamente após ou antes das aulas têm melhores notas que o estudante médio que não trabalha. Nessa idade os jovens são muito impressionáveis pelos companheiros. É muito importante que comece a trabalhar em companhia de pessoas interessadas em edificar as pessoas e não em entortá-las. O importante não é a espécie de trabalho, mas quem o dirige. Se o Júnior deseja trabalhar, a obrigação do seu pai deve ser a de procurar que espécie de pessoas devem ser seus companheiros.

O sono é também muito importante para o jovem, mas não tão importante quanto era entre os 12 e os 15 época em que crescia tão depressa. Aos dezesseis anos êle é usualmente forte e robusto. Via de regra, poderá passar com um pouco menos sono que antes. Mas não deve sacrificar o seu sono ao ponto de afetar os estudos ou a saúde. Após uns poucos dias os pais poderão dizer se o Júnior aguentará ou não o baque.

Alguns empregos são muito pesados para um jovem de dezesseis anos, podendo prejudicar-lhe a saúde. Isto poderá advir de regime de trabalho, das horas de serviço, da pressão das demais responsabilidades que tenha. Cabe aos pais velar pelo Júnior, caso comece a abater-se deve ser tirado do serviço.

Distrai-se Pouco um Jovem que Trabalha?

Alguns pais acham um rapaz assim jovem não deveria trabalhar porque perde muito do gôzo que os demais jovens da sua idade estarão tendo. Tais pais tem uma opinião errada sôbre o trabalho. O trabalho também pode ser divertido. Na verdade, um rapaz que ganhe o seu próprio dinheiro tem muito melhor oportunidade de pegar o ritmo da melodia da vida feliz que um outro mimado que tenha carro, mesada e o cartão de crédito do pai.

A verdadeira prova está na atitude do próprio rapaz. Até então, a maioria dos jovens não têm interêsse em arranjar um emprêgo a menos que a família tenha sofrido alguma crise econômica. Entretanto, durante os dezesseis a natureza sugere ao Júnior que já é hora de se "iniciar na vida" e começar a ganhar parte do seu sustento. Se o jovem exprime o desejo de assim fazer, isto é um sinal de que êle está se tornando um homem, e isto é alvissareiro.

Se os pais têm algum problema quanto ao mérito de encorajar o interêsse pelo trabalho no jovem, devem considerar as vidas de homens tais como Franklin ou Édison.

Consideremos Benjamim Franklin. Era apenas o décimo quinto filho de um fabricante de sebo. As pessoas de Boston já liam as suas poesias publicadas quando êle tinha doze anos. Aos dezesseis já se tornara famoso como autor secreto das cartas de "Dogood" num jornal local. Aos 17 já era um editor realizado, e aos 22 já possuia sua própria firma em florescimento, em Filadélfia.

Thomas A. Edison montou seu primeiro laboratório de química no porão da sua casa quando tinha onze anos. No ano seguinte conseguiu um emprêgo de jornaleiro na Ferrovia Grand Trunk e montou o primeiro laboratório móvel de química do mundo num bagageiro. Também obteve permissão para comprar hortaliças no interior, estocá-las no bagageiro e vendê-las quando o trem passasse por uma cidade. Este negócio teve tamanho sucesso que as hortaliças pràticamente entulhavam o bagageiro, e Édison tinha meia dúzia de garôtos a trabalhar para êle em várias cidades. Descrevendo como começara, disse: "Nas estações ao longo da linha eu comprava manteiga das fazendas, e durante a colheita negociava com amoras. Comprava a preço de atacado e concedia às espôsas dos ferroviários um desconto. Talvez isso possa explicar porque jamais houve queixa por parte da ferrovia."

Aos 14, Édison decidiu que seria mais barato se vendesse um jornal que êle mesmo imprimisse, de modo que montou uma pequena tipografia no bagageiro e passou a produzir o *Weekly Herald*. A circulação subiu a 400 exemplares mensais, o que êle descreveu aos seus freguêses como sendo "a maior tiragem de qualquer jornal jamais impresso num trem" — sendo o seu o único!

— Depois disso Édison interessou-se por telegrafia mas foi despedido do seu primeiro emprêgo por ter inventado um dispositivo automático que lhe daria um certo aviso enquanto estivesse dormindo.

Por época dos seus 22 anos fêz a sua primeira grande invenção a Universal Printer — uma impressora automática de telégrafo que lhe trouxe uma fortuna de 40.000 mil dólares. Aos 24 anos Édison era mundialmente famoso.

O que seria se a mãe de Édison ou de Franklin tivesse dito: "Filho, não quero que vás trabalhar; poderias perder a oportunidade de te divertires enquanto podes!"

Quando um pequerrucho de três anos de idade deixa o calor familiar e materno e enfrenta uma nova situação com pessoas desconhecidas, sua reação subconsciente é perguntar...

Quem Me Amará?

Addie L. Swapp

Quando uma criança de três anos de idade sai da presença de sua mãe por algumas horas no domingo, para freqüentar sua classe da Escola Dominical Júnior, defronta-se com uma situação incomum. Essa transição é muito difícil para algumas crianças.

As pesquisas recentes tornaram-nos cônscios de que os primeiros anos da vida de uma criança estão repletos de situações frustradoras e confusas tentações. Lois Barclay Murphy[1] baseia-se em 12 anos de observação e estudo para demonstrar que existem poucas normas na conduta de uma criancinha; cada uma é individual e única na atitude que assume diante de novas situações.

Pais e mestres freqüentemente esperam que a criança de três anos tome como certo o interêsse e a amizade dos outros e reaja de maneira correspondente. Do ponto de vista da criança, novas pessoas, lugares e experiências raramente podem ser enfrentados tão despreocupadamente. A reação individual da criança é resultado de suas experiências anteriores, peculiares e únicas.

Algumas crianças vêm para a Escola Dominical ansiosas por ver tôdas as novas maravilhas. Outras parecem esperar o pior e necessitam de muito amor e orientação. Algumas são confusas. Outras talvez sejam hostis, ressentidas ou incomunicáveis.

1. Vide Lois Barclay Murphy, *The Widening World of Childhood;* Basic Books Inc., Nova Iorque, N. Y.: capítulos 2 e 3.

Os sentimentos da criança com relação a inovações vêm de dentro. A ameaça da separação da mãe e da família é perturbadora. Precisamos dedicar especial atenção e tratar pacientemente aquêles cuja conduta indica que estão perturbados. Talvez não saibam reunir-se com outras crianças ou apreciá-las.

Pode-se resumir as incertezas de uma criança com estas perguntas: Quem me ajudará? Serei capaz de fazer o que esperam de mim? Serei capaz de controlar meus sentimentos e ações? Serei repreendido ou punido? Quem me amará e a quem poderei amar?

Ao começar este curso, as crianças vêm com antecedentes bastante peculiares. Devemos aprender sôbre elas para que possamos progredir juntos.

O papel das gravuras.

As lições e histórias serão interessantes e terão significado apenas se as crianças e mestres participarem juntos. Por exemplo, a interpretação de uma gravura "Uma Família Feliz" começa com a professôra fazendo as crianças falarem a respeito de suas famílias. Deve auxiliá-las a recordar experiências pessoais como base para interpretação da história da gravura.

Algumas crianças talvez não façam mais que dar nome aos personagens. As mais desenvolvidas formularão perguntas. Elas talvez digam o que os personagens estão fazendo, como estão-se sentindo. Poderão também ver relações.

Aulas e gravuras têm significado apenas quando a professôra e as crianças participam juntas da história. Elevar o nível de reação e auxiliá-las expressarem-se são os objetivos da aula.

Blocos oferecem excelentes oportunidades para expressão, especialmente para crianças tímidas, que precisam sentir que são capazes de criar algo.

Elevar o nível de reação às gravuras e auxiliar as crianças a expressarem-se são os principais objetivos da apresentação da aula.

Experiências criadoras.

Não existe nada mais delicioso que contemplar uma criancinha completamente absorvida em expressar-se criativamente. A expressão criadora pode fazer a criança sentir que é uma pessoa de valor, com boas idéias. Eis aqui algumas formas de auxiliá-la a desenvolver suas faculdades criadoras:

1. Movimentar-se com a música (uma vitrola com alguns discos bem escolhidos) contribui para enriquecer as experiências de tôdas as crianças.

2. Construção com blocos é considerado excelente para crianças de três anos de idade em tôdas as escolas especializadas. Um número cada vez maior de professôras está-se apercebendo da grande contribuição que os blocos representam para a expressão própria e desafôgo emocional, especialmente para uma criança tímida, pouco comunicativa, que está tendo dificuldade em adaptar-se ao grupo. O simples fato de ter uma idéia fá-lo sentir-se melhor. Ela está começando a pensar! Está construindo seus próprios significados e idéias.

3. Alguns livros bem escolhidos, apresentados de forma agradável, atrairão as crianças. Um garôto que não se sente bem com outras crianças, que não dá atenção à aula, ou que é hostil e ressentido, pode sempre ser levado a mudar de atitude e desenvolver interêsse pelos demais quando uma professôra dedicada e atenciosa examina os livros junto com êle.

4. Grandes lápis de cêra coloridos são excelentes para estimular experiências criadoras.

5. Colorir figuras permite às crianças expressarem profundos sentimento. Muitas diferenças individuais são registradas nas reações de criancinhas às côres. Uma professôra com senso de observação compreenderá melhor os sentimentos da criança observando sua conduta ao desenhar e ouvindo-a relatar sua própria interpretação do desenho. Deve-se evitar colorir livros e figuras mimeografadas. Devemos auxiliar as crianças a tornar-se livres, não dependentes, mas isto sem forçá-las além de sua capacidade de realização.

Frequentemente nós enfraquecemos as crianças quando procuramos forçá-las a fazer o que não são capazes ainda. Elas querem sentir-se grandes: lições prematuras fazem-nas sentir-se pequenas.

Se ignorarmos seu estágio de preparo, correremos o risco de arruinar nossas boas relações com a criança.[2]

Quando um pequerrrucho de três anos de idade entra na sala de aula da Escola Dominical Júnior e começa um nôvo plano de vida, a professôra deve dar-lhe a confortadora certeza de que suas necessidades serão atendidas.

Colorir possibilita expressão mais profunda de sentimento que qualquer outra atividade. Uma professôra atenta aprende muito observando a criança absorta em colorir um desenho.

2. James L. Hymes, Jr., *The Child Under Six;* Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, Nova Jersey, 1964: págs. 122-113.

A Grande Muralha... (*Conclusão pág.* 3)

Alma 50:9-11: "E aconteceu que, após haver Moroni expulsado os lamanitas do deserto oriental que ficava ao norte das terras sôbre o seu domínio, fêz com que os habitantes do país de Zarahemla e dos arredores avançassem por êsse deserto, até as fronteiras do mar, e tomassem posse da terra.

"Colocou também fôrças ao sul, nas fronteiras de seus territórios, **fazendo com que fôssem construídas fortificações** que pudessem oferecer segurança aos seus soldados e a seu povo contra o inimigo. "E assim suprimiu todos os baluartes dos lamanitas na parte leste do deserto; sim, e também na parte oeste, fortificando a linha divisória dos nefitas e dos lamanitas entre o país de Zarahemla e o país de Nefi, **desde o mar do oeste, passando pelas cabeceiras do rio Sidon;** ficaram, pois, os nefitas com todo o território norte, sim, todo o território situado acima do país da Abundância, a sua disposição."

Vale a pena assinar
ler presentear e guardar A LIAHONA

A Verdade o Que É?

Alexander Schreiner

Hino para a Escola Dominical Sênior para o mes de Agôsto

HINO: "A Verdade o Que é?"; autor, John Jaques; compositor, Ellen Knowles Melling: *Hinos — Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias, n.º* 102.

No Evangelho de *João* lê-se o relato da entrevista entre Jesus e Pilatos:

"*Tornou pois a entrar Pilatos na audiência, e chamou a Jesus, e disse-lhe: Tu és o rei dos Judeus?*

"*...Jesus respondeu: Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquêle que é da verdade ouve a minha voz.*

"*Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade? E, dizendo isto, tornou a ir ter com os judeus, e disse-lhes: Não acho nêle crime algum.* (*João* 18: 33, 37, 38.)

O irmão John Jaques (1827-1900) nasceu e foi batizado na Inglaterra. Cruzou as planícies com a Companhia de Carros de Mão Martin, na qual muitas vidas se perderam nas furiosas temperaturas de neve das Montanhas Rochosas. A irmã mais velha do autor estava entre os que pereceram antes da chegada de socorro. Pouco depois de chegar ao Vale êle foi chamado a retornar à Inglaterra em missão. Trabalhou como Historiador Assistente da Igreja por cêrca de vinte anos.

Seu hino canta a beleza, excelência e qualidades eternas da verdade. Comentários do Êlder James E. Talmage abordam de forma muito convincente os valôres inerentes aos vários tipos de verdade. "Tôda a verdade é valiosa e realmente sem preço em sua esfera; no entanto com, respeito a suas possíveis aplicações, algumas verdades são de valor incomparàvelmente maior que outras. O conhecimento dos princípios do comércio são essenciais ao sucesso do negociante; o domínio das leis da navegação é exigido do marinheiro; o entendimento das relações entre solo e colheita é indispensável ao lavrador; os princípios da matemática são de capital importância para o engenheiro, o astrônomo; assim, também, o conhecimento pessoal de Deus é essencial à salvação de todo o ser humano que tenha atingido os podêres de discernimento e escolha. O valor do conhecimento teológico, portanto, não deve ser subestimado; é duvidoso que sua importância possa ser superestimada."*

Êste hino eloqüente, dotado de melodia enérgica, quase militar, foi composto por Ellen Knowles Melling, uma senhora escocesa convertida pelo irmão Jaques.

Jóia Sacramental de Agôsto
Escola Dominical Sênior

"... irás à casa de oração e oferecerás os teus sacramentos no meu dia santificado..." (D&C 59:9)

* James E. Talmage, *Regras de Fé.*

Ao regente.

Desejamos recomendar a observância do *tempo* de 76 batidas por minuto, anotado acima do hino. É um ritmo mais moderado que rápido. Em compensação, procure mantê-lo rigorosamente firme. Imagine uma marcha para desfile, com o rufar dos tambores, e um grande exército daqueles que buscam a verdade marchando ao som da música. Não há nada como o rítmo para dar vigor à música. Êle transmite um sentimento de autoridade à interpretação. Como se disse a respeito de Jesus: "Porquanto os ensinava como tendo autoridade..." (Mateus 7:29), dirijamos também a música com autoridade rítmica. Por vêzes se faz necessário algum treinamento profissional para lograr isto, mas tentemos.

Há no hino uma *fermata*. Mas não é uma fermata verdadeira. Portanto, trate essa nota como se fôsse meia e dê-lhe o equivalente a duas batidas, exatamente. Não quebre o ritmo da marcha.

Ao organista.

Êste não é um hino fácil de se tocar. Mas merece ser bem executado, se não por outra razão, porque nossos membros gostam tanto dêle. Recomendamos que o ensaie com um metrônomo. Você ficará satisfeito com a qualidade majestosa de sua execução.

Há não muito tempo tive um admirável visitante no Tabernáculo de Salt Lake, na pessoa do Dr. Wernher von Braun, o grande perito em mísseis. Êle veio à cidade pronunciar uma palestra aos cientistas, na Universidade de Utah, e a seguir visitou o Tabernáculo, onde toquei órgão para que ouvisse. Convidei-o a sentar-se à minha direita na banqueta e êle examinou atentamente minha execução. Terminada a peça, convidei-o por brincadeira a tocar uma sonata ao órgão, julgando que talvez, como muitas outras pessoas, êle dissesse "Não"; que nunca tocara órgão na vida e não seria capaz de começar agora.

Mas para minha surpresa e contentamente, êle sentou-se no centro e principiou a tocar "Invencível Deus nos Vale". Êsse hino é o de número 3 em nosso hinário. Êle tocou sem música, recordando-o dos tempos de juventude, quando sem dúvida o executava ao piano.

Parece-me que seria bom que nossos membros procurassem cantar mais hinos de cor. É delicioso extrair dos celeiros da memória pensamentos belos e dignos, em forma de poesia.

Alexander Schreiner

Jóia Sacramental de Agôsto
Escola Dominical Junior

"Partilhamos do pão e da água para testemunhar que nos lembramos de Jesus Cristo."

Talvez Não Seja em Alto Mar

Mary W. Jensen

Hino para a Escola Dominical Júnior para o mês de Agôsto

HINO: "Talvez não seja ao alto mar"; autor, Mary Brown; compositor, Carrie E. Rounsefell; *Hinos — — Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias,nº.57*

Há paz e alegria na obediência aos conselhos de nosso Pai Celestial. Tôda a criança deve aprender a buscar êsse conselho e usá-lo de acôrdo com suas necessidades e habilidades. Ela deve aprender a procurar auxílio divino para escolher onde ir, o que dizer e o que ser, porque é filha de Deus. Êste hino transmite essa mensagem, devendo alguns trechos ser explicados pela professôra. Será uma alegria para as crianças aprendê-lo, por causa da melodia alegre a atraente.

Ao regente:

Cante o côro; depois ensine-o ao grupo de cor. Se algumas crianças já o conhecerem, faça com que ouçam enquanto você canta e depois recomecem todos juntos. Desta forma poderá esclarecer algumas palavras mais complicadas e trechos da melodia, a fim de que cantem corretamente. Uma das razões pelas quais as crianças cantam fora de melodia é por não ouvirem bem os sons e, portanto, não os poderem reproduzir.

Depois que aprenderem o côro, ensine os versos. O grau de treinamento de seu grupo e sua familiaridade com o hino determinará a maior ou menor facilidade do aprendizado. Talvez as menorzinhas só consigam cantar o côro, mas será ótimo para elas prestar atenção enquanto as maiores aprendem os versos. Para que as crianças não fiquem desanimadas, deve-se dizer-lhes que não precisam cantar tudo; entretanto, é necessário que saibam que devem ouvir. Tôda a criança com idade de freqüentar a Escola Dominical Júnior deve ter ou ou adquirir interêsse pelo pequeno período dedicado ao ensaio de canções.

A fim de empregar os métodos mencionados acima com sucesso, você deve conhecer o hino de cor.

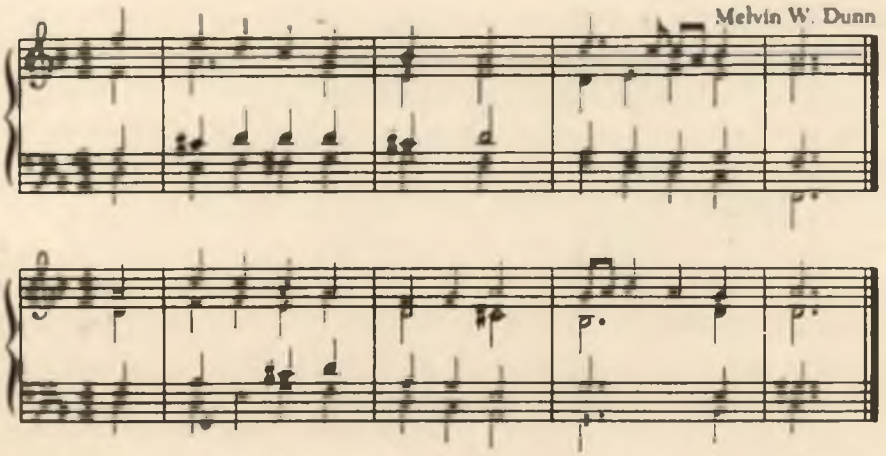
Ao organista:

Ensaie o hino com cuidado. O rítmo é complicado e difícil para as crianças. Cuidado com o primeiro e terceiro compassos do côro.

Êste é um hino que as crianças cantarão tôda a vida. Você tem a obrigação de ensiná-lo corretamente. A música proveniente de instrumento tende a soar de forma mais nítida que a proveniente da voz. Portanto, toque de forma correta para as crianças.

Em harmonia com a mensagem do hino, você, como organista, recebeu o chamado de tocar com segurança e sentimento. Aceite êsse desafio e seja um organista notável para as crianças.

Acompanhamento ao Orgão para as Jóias Sacramentais de Julho



Programa Noite Familiar

Sugestões para Julho

Primeira Semana: O Pai Celestial nos Ensina a Crescer Espiritualmente

1. *Satisfação e progresso ao resolver os problemas*

O propósito desta atividade é ajudar os familiares a sentirem o senso de realização quando solucionarem seus problemas:

Peça às crianças para reunirem as peças de um quebra-cabeças, que poderá ser feito de uma gravura colorida, cortada em vários pedaços de tamanho irregular. Aos mais velhos faça estas perguntas: Um homem foi ao hospital para visitar um paciente. Foi-lhe dito que sòmente os parentes mais próximos poderiam entrar. O homem replicou, "Irmão e irmã eu não tenho, mas o pai dêste homem é filho de meu pai." Êle poderia entrar? Qual o seu parentesco com o doente? (O doente era seu filho.)

Depois peça-lhes para duplicar o número de sua residência, adicionar 5, multiplicar o total por 50, adicionar sua idade, adicionar 365, e subtrair 615. A resposta deverá mostrar sua idade e o número de sua residência à esquerda.

Pergunte como se sentiram ao resolver êsses problemas. Ajude-os a verem que a solução de problemas resulta em crescimento espiritual.

Entretanto, há problemas de diversos tipos e nem sempre são resolvidos como o que acabamos de ver. (A êsse ponto da lição, cada qual deverá saber perfeitamente o que a palavra "problema" significa.)

As crianças ficam muito surprêsas ao perceberem que seus pais têm problemas. Os pais, por outro lado, devem respeitar os problemas de seus filhos pois, apesar de triviais para os primeiros, são realmente sérios para os últimos. Saliente a idéia de que, apesar de todos terem problemas, o Pai Celestial nos ajuda a solucioná-los. Cada qual encontra diferentes tipos de problemas, alguns pequenos, outros grandes. Quando surge o sofrimento e a dificuldade muitas pessoas pensam que o Pai deixou de amá-las.

2. *A solução de problemas nos torna fortes*

Antes de lerem juntos a escritura seguinte, relembre brevemente a circunstância sob a qual ela foi dada. O Profeta Joseph Smith encontrava-se na prisão de Liberty, profundamente preocupado com o povo da Igreja, que estava sendo expulso de seus lares; além disso, sentia grande ansiedade por sua espôsa e filhos. Durante êsses dois dias desencorajadores o Senhor lhe disse: (D&C 122:7) Vocês gostariam de ter problemas tão sérios quanto êste? Que palavras nesse versículo nos ajudam a enfrentar nossos problemas? ("... saibas, meu filho, que tôdas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem.")

3. *Uma vida reta não evita adversidades*

Há grandes bênçãos provenientes do serviço e devoção à Igreja, mas tais atividades não trazem necessàriamente a imunidade contra os problemas. O Senhor nunca prometeu que estaríamos isentos dêles; ao contrário, algumas das pessoas mais devotas tiveram os maiores testes. Quais algumas das adversidades que vieram a Jesus? Paulo viajou e pregou mais o evangelho do que qualquer outro apóstolo; ainda assim foi açoitado pelos judeus e pelos romanos, apedrejado, roubado; estava sempre faminto e sedento. (Entenderão melhor lendo II Cor. 11:24-28).

4. *Confiar no Pai, quando estivermos em adversidades, nos dará forças*

Duas mães tiveram idênticas experiências. Cada qual tinha um filho que sofria de uma doença incurável. Uma delas estava inconsolável. Sua tristeza era tão grande que ficou doente e por isso não podia tomar conta do filho inválido e nem dos outros familiares. Sua amargura era tão profunda que tôda a família sofria com ela. A outra mãe, da mesma forma, estava com o coração quebrantado. Mas sua fé parecia dar-lhe fôrças para cuidar do filho. A primeira mãe veio a ela e perguntou como conseguia fazer aquilo; e ela disse, "Eu desenvolvi um senso de valôres mais verdadeiros. As pequenas coisas não me aborrecem mais e estou agradecida ao Senhor, que me ensinou isso."

A segunda mãe tinha grande fé e por isso sua compreensão cresceu. A primeira era igual a muitas pessoas, que pensam que quando os problemas chegam, Deus está contra nós. Isso não é verdade. A presença de dificuldades em nossas vidas não significa que o Pai Celestial não nos ama.

Segunda Semana: O Mundo que Deus Criou é uma Evidência do Seu Amor

1. *O que o cuidado do Pai para conosco nos faz sentir* — Mostre uma flor, fruta ou fôlha e pergunte aos familiares: De onde veio isto? Quem a fêz? Peça-lhes para enumerarem outras coisas que o Pai Celestial tenha feito.

Diga-lhes que Êle deu vida a tôdas as coisas por uma razão muito especial. Leia Moisés 2:29, a fim de mostra qual é a razão especial. Isto significa que algumas árvores, ervas e frutas foram feitas para alimento. O Pai também planejou para que usássemos algumas plantas e peles de animais como vestimentas. Entretanto, há ainda outra razão. Leia Moisés 3:9. Depois de ler repita estas palavras, "... que são agradáveis à vista do homem". Algumas coisas foram feitas simplesmente para a alegria do homem.

Pergunte: O que sentem ao saber que Deus pla-

nejou cuidadosamente a criação visando a alegria e o confôrto de seus filhos? O Pai sabe de tôdas as necessidades de seus filhos. Vocês já notaram como agem os bebês? Não sabem preparar mamadeiras, nem vestir-se. Por isso mesmo o Senhor lhes deu pais terrenos que cuidassem dêles.

Pergunte: O que sentem ao saber que o Senhor planejou que seus filhos tivessem pais para tomar conta dêles?

O Pai conhece seus filhos e sabe que algumas vêzes não fazemos escolhas acertadas. Sabe também que alguns são mentirosos, falsos, ladrões, assassinos. Foi com profundo amor e consideração que o Pai preparou o caminho para que êles sobrepujassem suas fraquezas e viessem viver com Êle. Êsse caminho é o arrependimento. Quando alguém se arrepende, o Senhor não se volta contra êle. (Leia D&C 58 : 42.)

Pergunte: Como se sentem ao saber que o Pai nos ama o suficiente para esquecer nossas faltas e nos dá outra oportunidade? Como se sentem ao saber que são tão importantes para o Pai? Neste ponto, peça a alguém que já tenha se preparado com antecedência, para cantar as primeiras duas estrofes de "Ó Meu Pai," n.º 98. A canção poderá também ser tocada ao piano, o que dará à família a oportunidade de pensar alguns minutos no grande amor que o Pai nos dedica.

2. *Diferentes modos de expressarmos amor*

Há diferentes modos de expressarmos nosso amor.

Respeito, admiração, amizade, intimidade, são todos manifestações de amor. O sentimento para com o Pai é diferente do sentimento por qualquer outra pessoa. Ajude os familiares a reconhecerem isto, pedindo a cada um dêles que compare seu sentimento para com o Pai com o que sentem por uma raínha, por um amigo, pelo presidente da Igreja e pelos pais.

3. *Experimentamos um sentimento de adoração quando compreendemos o amor de Deus*

Pergunte a cada um o que a compreensão do amor de Deus os faz sentir. Conclua dizendo que quando compreendemos que o Pai nos ama, e nos deseja novamente em sua presença, experimentamos um sentimento de amor, reverência e adoração por Êle. Peça (com antecedência) que um filho conte a história de Alma com suas próprias palavras e finalize com a passagem Alma 36 : 3 (última frase.)

4. *Nossos sentimentos influenciam nossas ações*

Os sentimentos determinam o nosso modo de agir e dizer. Ilustre essa idéia usando exemplos ocorridos em sua própria família.

Do mesmo modo que as palavras e ações demonstram o que sentimos pelas coisas corriqueiras, assim também os nossos verdadeiros sentimentos para com o Pai são refletidos em nossas ações. Peça a um filho para ler Mateus 22 : 37. O Pai nos dá essa revelação porque sabe que se o amarmos dêsse modo, o amor que sentimos será demonstrado em nossas ações.

Peça aos filhos que enumerem (vá marcando num papel) algumas coisas que podem ser feitas para demonstrarem o amor que sentem pelo Pai. Por exemplo:

A. Mostrarei ao Pai que o amo, falando gentilmente com meus irmãos.

B. Lembrarei que o alimento que como foi dado pelo Pai e o agradecerei.

C. Pronunciarei seu nome reverentemente. Não jurarei.

Atividade

Como agir em caso de incêndio

Esperamos que nunca haja incêndio em sua casa, mas isso pode acontecer e será muito bom para a família saber como agir numa situação dessas. Arrange uma fôlha de papel grande e faça a planta de sua casa. Asinale em vermelho todos os lugares onde haja possibilidade de uma pessoa sair. Inclua porões, sótãos e outros compartimentos que possam servir de abrigo temporário. Depois faça uma lista a ser seguida:

1. Se sentirem cheiro de queimado durante a noite, acordem a família.
2. Permaneçam calmos.
3. Chamem os bombeiros. Se não souberem o número, disquem 00 e peçam o auxílio da telefonista.
4. Se o ar estiver cheio de fumaça, deitem-se no chão, onde o ar será um pouco melhor.
5. Nunca entrem num prédio em chamas.

Quando todos tiverem tomado conhecimento do conteúdo da lista, coloque numa caixa pedacinhos de papel contendo o nome de cada aposento da casa. Cada familiar deverá escolher um e contar o que fará se o fogo estiver nesse cômodo, como usará os recursos conhecidos para poder escapar, etc. Isso poderá tornar-se um jôgo bem interessante, pois além de instruir a família, propiciará oportunidade de improvisarem situações, algumas até bem divertidas.

Terceira Semana: Através das Nossas Ações Mostramos Amor ao Pai

1. *O Pai amoroso tudo prividenciou para nós*

Pergunte: O que é necessário para que possamos suster a vida física aqui na terra?

Veja quantos itens a família consegue enumerar; os mesmos poderão ser agrupados sob 7 divisões. Escreva-os num papel: AR/AGUA/SOL/SOLO/VEGETAÇÃO/MINERAIS/ANIMAIS.

Peça a cada um para dizer o nome de um objeto e depois classifique-o segundo a divisão acima. Uma criança poderá enumerar a palavra *leite*, fazendo um retrocesso da leiteria para a vaca e depois colocando sob a divisão de *vida animal*. Outra criança poderá enumerar eletricidade. Deverá retroceder à usina hidroelétrica, onde a água fornece a fôrça. Conforme prossegue o jôgo, mencione que nem sempre poderemos identificar o produto com sua fonte de origem, uma vez que as coisas da natureza dependem uma da outra. Por exemplo: o leite pode ser identificado com a vaca e com a vida animal, mas a vaca deve ter grama para produzir leite, assim, o leite pode ser relacionado à vegetação, ao solo, ao sol, à água e ao ar que são necessários para a produção da grama.

Diga à família que em média uma pessoa pode viver sem água por 72 hs. e sem alimentação por 40/60 dias, mas sem ar sòmente alguns minutos. Além disso, o ar tem a mistura exata de nitrogênio, oxigênio e outros elementos que tornam nossa vida possível.

Pergunte: De que forma o Senhor demonstra seu amor por nós, se em vez de nos dar os produtos já prontos, dá-nos apenas as matérias primas?

A resposta deve incluir a idéia da lição anterior, ou seja, que trabalhar para a solução dos nossos problemas nos traz crescimento.

2. *As escrituras testificam que Deus criou o mundo*

Onde aprendemos que o Pai providenciou tôdas essas coisas para o nosso uso? Peça a alguém para repetir a primeira frase da Bíblia. Depois leiam juntos as palavras do profeta Lehi, que viveu há 600 a.D. (2 Nefi 2 : 14) Agora deverão ler as palavras de Jesus a Joseph Smith, em Doutrina e Convênios 20 : 17.

Peça ao filho mais velho que expresse em suas palavras a idéia da escritura lida.

3. *Compreendendo o amor do Pai Celestial*

O rei Davi expressou seus sentimentos e adoração ao Senhor, o Criador do mundo, nas seguintes palavras de Salmos 8 : 39 (Peça a um filho para ler.):

4. *Temos a responsabilidade de usar sàbiamente as criações de Deus*

Peça aos familiares para indicarem, segundo D&C 59 : 18-20, de que forma o Senhor deseja que usemos suas criações.

Como podemos usar "com juízo" algumas das coisas que o Pai nos deu?

5. *Espalhar lixo demonstra desrespeito para com o mundo criado pelo Pai*

Pergunte: há algum mal em jogar papéis de balas no chão, quando estavamos fora de casa? Em alguns países, isto representa uma séria infração, para a qual existem pesadas multas.

Qual a razão adicional por que nós, como SUD devemos obedecer a lei? (Acreditamos que o mundo foi criado para nós por um Pai amoroso, que espera que o usemos "com juízo.")

Um dos modos pelos quais podemos demonstrar ao Pai que estamos agradecidos por tudo que criou, é mostrar respeito para com sua Casa de Adoração.

Peça a um filho para ler a seguinte história (Os outros deverão anotar as vêzes em que alguma coisa não está certa.):

A familia Souza deixa evidências de sua estada na Igreja

Os Souza estão chegando à Igreja. O pai jogou no gramado alguns lenços de papel, que haviam sido usados para enxugar as mãos das crianças. Como estavam com pressa, atravessaram o gramado e as crianças passaram pelo canteiro de flôres. Ao se aproximarem da porta, o pai deu às crianças algumas balas e jogou o papel na escada. Durante a reunião o bebê ficou inquieto e a mãe lhe deu um hinário para brincar. Quando êste havia rasgado umas duas páginas, deram-lhe um carrinho de metal, que além de arranhar o banco quando o bebê o esfregava, também fazia um barulho bem desagradável. Mais tarde, deram bolachas às crianças e os farelos caíram no tapête. Depois da reunião, voltaram para o carro e apesar de não estarem com pressa, voltaram por onde tinham vindo, isto é, pelo gramado. Quantas coisas erradas vocês anotaram?

Depois de comentarem os erros dessa família, avalie o comportamento de SUA FAMÍLIA na Igreja. Verifiquem os pontos negativos que devem ser melhorados.

Durante esta semana a família procurará mostrar que tem amor pelo mundo criado pelo Senhor. Faça o seguinte teste, que os familiares deverão responder *sempre*, *nunca*, *às vêzes*.

a. jogo papéis no chão?
b. quando viajo, jogo lixo pela janela do carro?
c. jogo lixo no gramado da Igreja?
d. junto o lixo que encontro na Igreja?

A mãe deverá providenciar vários recipientes de lixo, que serão espalhados pela casa, para emelhor execução da designação, que será a de os familiares manterem limpos os vários aposentos de sua casa.

Quarta Semana: Reservada para Atividade Externa com a Familia.

Programas Sugeridos

1.ª semana

Hino: "Deus é consolador sem par", n.º 35.
Oração:
Apresentação instrumental ou vocal: Por um dos familiares.
Lição.
Objetivo: Inspirar sua família a encarar os problemas com que se deparam, com uma oportunidade de crescerem espiritualmente.
Memorização: Ultima sentença de D&C 1/2/2:7.
Atividade: Pôr em dia o Álbum de Recordações (Genealogia da família).
Hino: "Somos os soldados," n.º 157.
Oração:
Lanche: Bôlo de laranja com refrêsco.

2.ª semana

Hino: "O' Montanhas Mil" n.º 106.
Oração:
Poesia: Por um dos filhos.
Lição.
Objetivo: Inspirar a família a sentir profunda apreciação pelo mundo que o Pai criou para seus filhos. Ensiná-los a expressarem essa apreciação cuidando do mundo do Pai e preservando sua beleza.
Memorização: D&C 59:18.
Atividade: Como Agir em Caso de incêndio.
Hino: "Dêste Mundo as Flôres Mil" n.º 20.
Oração:
Lanche: Sanduíche de sardinhas com guaraná.

3.ª semana

Hino: "Deus de meus pais." n.º 58.
Oração:
Canção Folclórica: Por tôda a família.
Lição.
Objetivo: Ajudar cada membro da família a ter um verdadeiro sentimento de amor e adoração para com o Pai, o que deverá ser mostrado através de suas ações.
Memorização: Moisés 2:29.
Atividade: Memorizar os nomes dos Livros que compoem a Bíblia.
Hino: "Comigo habita," n.º 38
Oração:
Lanche: Croquetes de arroz.

Hospital da Primária Recebe Gaúcho

SALT LAKE, 10 (CEB) (ABR. 67) — É animador o estado de José Cleber, de seis anos, simpático brasileirinho do Rio Grande do Sul internado no Hospital da Primária nesta cidade. Aos quatro anos de idade, José Cleber contraiu poliomielite, ficando com os membros inferiores paralizados. Enviado à esta instituição altamente especializada no tratamento de crianças, o jovem foi submetido a duas melindrosas operações cirúrgicas, visando a sua recuperação, tendo-se conseguido ótimos resultados. José acha-se passando. bem.

Essa notável instituição humanitária tem sido uma firme esperança para pais de todo o mundo, de todos os credos e de tôdas as raças, em desespero pelo estado de saúde dos seus filhos. No ano passado, o Hospital acolheu, para submetê-lo a operações de cirurgia plástica, a Tidier Ghigma, garôto africano de 10 anos de idade que sofreras queimaduras desfigurantes há cinco anos passados. Também o jovem Mauro Cortez, mexicano de 12 anos, sofreu intervenções cirúrgicas para recomposição do ombro espedaçado num acidente, devendo breve retornar a Salt Lake para completar o tratamento. Os pais de José Cleber, de Santa Maria, RGS, também puderam contar com a Primária.

Bispos Brasileiros em Visita aos EUA

SALT LAKE, 6 (CEB) (ABR. 67) — Como tabernáculo repleto de santos procedentes de tôdas as partes do mundo foi inaugurada hoje, às dez horas da manhã, a 137.ª Conferência Geral Anual da Igreja. Ao contecimento estiveram presentes três bispos brasileiros e o primeiro conselheiro da Estaca São Paulo. Além da frequência às várias sessões da conferência, os brasileiros cumpriram extenso programa de visitas às agências e departamentos da Igreja e contatos com autoridades locais.

Foi bastante proveitosa a visita aos Estados Unidos para os bispos Wilson Sanches Netto, da Ala III: Antônio Valério Lorenzini, da Ala VI: e para o primeiro conselheiro da Estaca São Paulo, Osíris Cabral Tavares e espôsa, que estiveram em primeira visita a êsse país: e para o bispo Hélio da Rocha Camargo, da Ala II, que alí retornava, entre outros assuntos, para entrevistar-se com irmãos que, como êle, são dirigentes de centros editoriais em vários outros paises. O tema da reunião que mantiveram teve como objetivo explanar detalhes do programa de publicações unificadas.

Alem de terem recebido as inspiradoras mensagens dos líderes da Igreja, pronunciadas nos vários discursos que ocuparam o acontecimento, os bispos estiveram reunidos em seminário, na segunda e na terça feira, congregando bispos e membros de presidênciais de estacas provenientes de quase todos os países, exceto os EUA.

Em seguida, a comitiva passou a dar cumprimento a sua agenda de visitas, a qual incluia rápida passagem pelos vários departamentos administrativos da Igreja. Coube destaque à excursão feita às instalações da Universidade Brigham Young, ocasião em que os visitantes foram saudados com magnífica apresentação artística oferecida pelo corpo estudantil daquela instituição.

Brigham Young dista cêrca de 65 quilômetros de Salt Lake City, e neste ano tem um corpo estudantil de aproximadamente 22.000 alunos. A visita encerrou-se com um almôço. Mais tarde, na capela da Universidade de Utah, realizou-se reunião social com o Grupo Brasileiro, tendo comparecido ao evento mais de duzentos pessoas. Após terem os visitantes dirigido palavras aos presentes, realizou-se uma recepção festiva.

Durante a visita, os brasileiros também puderam rever muitos dos ex-missionários que haviam conhecido no Brasil.

O ponto alto da estada em Sião para a comitiva, foi a visita que tiveram oportunidade de fazer ao templo e alí receberem as ordenanças sagradas. O casal Cabral teve o privilégio de receber a ordenança do selamento para a eternidade.

Os bispos Wilson a Lorenzini estiveram hospedados em casa do bispo Jensen: o presidente Osíris e espôsa gozaram a hospitalidade do presidente Sorensen, ex-presidente da Missão Brasileira, atualmente conselheiro da Estaca Val Verda de Bountiful.

De regresso ao Brasil, o presidente Osíris e espôsa estiveram um dia na capital do Perú, Lima, em visita ao seu filho que alí . e acha em desempenho de missão de proselitismo. Nessa ocasião a casal têve oportunidade de fazer rápida visita às ruínas incaicas.

Trabalho Missionário em Pauta

SÃO PAULO, 27 (CEB) (ABR. 67) — Procedente de Buenos Aires, onde esteve em conferência de Estaca, desembarcou hoje em São Paulo o ex-presidente da Missão Brasileira do Sul, Finn B. Paulsen, para uma estada de quatro dias. O irmão Paulsen, durante os dias da Conferência da Estaca São Paulo, estará tratando de importantes aspectos do trabalho missionário entre nós. A sua visita trará um nôvo impulso a esta atividade no Brasil.

A ÚLTIMA PALAVRA

Não há limite para o bem que um homem possa fazer desde que não se importe com quem receba os reconhecimentos.

Bem aventurados os que nada tendo a dizer, abstêm-se de dar evidência verbal do fato. — George Eliot.

Freqüentemente buscamos uma mudança das nossas condições quando o que realmente necessitamos é uma mudança em nossa atitude.

Não importa como possam parecer as coisas, nenhuma, coisa má é sucesso, e nenhuma boa coisa é fracasso. — H. W. Longfellow

Nunca pego um cochilo após o jantar senão quando tive uma noite má, quando então o cochilo me pega. — Samuel Johnson.

Quando os modos de um homem agradam a Deus, até aos seus inimigos faz com que tenham paz com êle. (*Pv.* 16:7)

Um gerente em férias nos Mares do Sul recebeu um telegrama da sua equipe: "Esperamos que esteja gozando férias agradáveis — nós estamos!"

Por que será que quando perdemos alguma coisa, parece que sempre a encontramos no último lugar que procuramos?

Um guarda de trânsito mandou o motorista encostar e apresentar sua licença.
"O que há, seu guarda," protestou o motorista. "Acho que não fiz nada errado."
"De fato não fêz," respondeu o guarda, "Mas você vinha dirigindo com tanto cuidado que achei que poderia não ter licença."

Filhinho à mamãe durante o casamento da irmã:
"Mamãe, por que a senhora não se casa?"
"Ora, menino, já sou casada!"
"Com quem?"
"Com seu pai."
"Mas a senhora não pode se casar com alguém da sua própria família!"

As Leis de Deus São Vitais

Jesus Cristo é uma realidade, e assim o são as suas leis.

Se devemos seguí-lo, poderá êle escapar à responsabilidade de igualmente obedecer às suas leis?

As escolhas são constantemente postas diante de nós. Sempre foi assim.

Josué disse, "Escolhei hoje a quem sirvais. . ."

Isaias ensinou ao seu povo escolher o bem e rejeitar o mal.

"Maria escolheu a boa parte", disse o Salvador dando novamente ênfase à escolha.

"Que escolherei?" perguntou Paulo.

Todos fazemos escolhas diárias.

Mas, escolhemos sempre com Deus em mente, fazendo que nossas relações com êle e com seus mandamentos se tornem um fator nas nossas escolhas?

Muitos aceitam o evangelho psicològicamente, mas a fé nunca alcança os seus corações. Gozam a ética da religião e a respeitabilidade da Igreja, mas sabem pouco ou quase nada sôbre as profundidades da alma.

Se tivéssemos de contrapor dois princípios quaisquer, qual dêles escolheríamos? Se envolvessem o Senhor, isso tornaria nossa escolha mais fácil ou mais difícil?

Observemos apenas uns poucos problemas que se nos defrontam.

CRISTO DIZ: "Não roubarás." Mas será que alguma vez o fazemos? Nos negócios, nas palestras, em qualquer de nossas atividades diárias? Se roubamos, quão cristãos somos nós?

Êle também diz: "Não mentirás, nem dirás falso testemunho." Será que sempre obedecemos a esta injunção? Não seremos inclinados a deturpar, "torcer" a verdade para obter vantagem? Maliciosamente deslustramos o bom nome alheio? Alguma vez mentimos para encobrir algum ato desonesto de alguém? Então estamos por Cristo, ou contra êle?

O Salvador ensina: "Não furtarás, nem cometerás adultério, nem matarás, nem farás COISA ALGUMA SEMELHANTE." (D&C 59:6).

Cristo diz a respeito do Sábado: "E para que te conserves limpo das manchas do mundo, irás à casa de oração e oferecerás os teus sacramentos no meu dia santificado; pois na verdade, êste é um dia designado a ti para descansares dos teus trabalhos e prestares a tua devoção ao Altíssimo. . . e neste dia não farás nenhuma outra coisa, sòmente seja o teu alimento preparado com singeleza de coração. . ." (D&C 59:9-13)

Somos inclinados a dizer que esta lei é muito estrita? Tentamos amolecê-la? Ou temos a coragem de guardar o Sábado tal como a revelação o requer? Novamente, de que lado estamos? Somos pelo Sábado do Senhor ou somos pelas interpretações que dêle dão os homens?

O SENHOR ENSINA a lei do dízimo. Nós a guardamos convictamente? Se não o fazemos podemos apropriadamente saber se estamos realmente do seu lado ou não? Ou estamos tentando servir a Deus e a Mamon, algo que o Senhor disse ser impossível?

E com respeito à Palavra de Sabedoria, de que lado estamos?

Foi o próprio Senhor quem deu esta lei. Não foi um produto da mente de Joseph Smith. Foi uma revelação, manifestando a Palavra e Vontade do Senhor. Somos nós pela Sua Palavra e pela Sua Vontade? Ou estamos numa posição oposta? E se estamos em oposição, perguntemo-nos se realmente queremos resistir à Palavra e à Vontade do Senhor? É essa uma posição defensável em que nos colocarmos?

Todos fazemos escolhas, mas assim fazendo podemos ignorar o Senhor e a sua obra?

É bom recordar que o Salvador ensinou que quem não estiver por êle estará contra êle, e que aquêle que não junta, espalha.

O caminho do Senhor é estreito e reto. Sòmente dificuldades poderão advir por deslizarmos sôbre a demarcação para dentro do território do adversário. Deus ocupa-se de realidades porque êle próprio é real, e assim o são as suas leis.